


QUE ENSINO MÉDIO QUEREMOS?

Relatório Final

Pesquisa Quantitativa e Grupos de Diálogo sobre Ensino Médio



Realização

 ação
educativa

Apoio


NORWEGIAN CHURCH AID

KINDER
NOT
HILFE 

QUE ENSINO MÉDIO QUEREMOS?

Relatório Final

Pesquisa Quantitativa e
Grupos de Diálogo sobre Ensino Médio

junho 2008

Projeto Jovens Agentes pelo Direito à Educação

Equipe Ação Educativa

Ana Paula Corti
Raquel Souza
Thales Alves
Milton Alves Santos

Professores/as-referência

Benedito Madureira
Dirce Noriko Sasaki
Glafira Menezes de Oliveira
Regina Miyeko Oshiro
Rosa Helena de Freitas Rogério
Valéria Leão

Jovens Agentes

Ana Cláudia Anchieta Ribeiro
Ana Paula do Nascimento Lucinda
Bêlit Tornezi Grisante
Camila Santana Silva
Daniel Carvalho de Almeida
Daniela da Silva Pereira
Douglas Argemiro Alves
Douglas Geronimo da Silva
Gleicy Leal de Goes
Heidy Luize Martins
Jacqueline Maria da Silva
Joice Avancini
José Givaldo Ferreira Alves
Karen Cristina Oliveira de Jesus
Malu de Souza Santos
Marcela Deomesessi
Paloma dos Santos Siqueira
Perla Graziela da Silva
Rodrigo da Cruz Araújo
Vinícius Scuteri Tude Souza

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	pág. 7
BREVE PANORAMA DO ENSINO MÉDIO	pág. 8

PARTE I – PESQUISA QUANTITATIVA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

1. A Pesquisa	pág. 15
2. Quem são os estudantes do ensino médio?.....	pág. 17
2.1. Características sociodemográficas.....	pág. 17
2.2.Trabalho e renda.....	pág. 19
2.3.Trajatória Escolar	pág. 21
2.4. Religião e associativismo.....	pág. 24
2.5. Renda, escolaridade das famílias e situação de moradia	pág. 26
3. Como os estudantes avaliam suas escolas?	pág. 29
3.1. Infra-estrutura e equipamentos.....	pág. 31
3.2. Os professores	pág. 33
3.3. Os estudantes	pág. 35
3.4. Qualidade do ensino.....	pág. 38
3.5. As responsabilidades dos diferentes segmentos	pág. 41
4. Quais são os sentidos e expectativas para o ensino médio?	pág. 46
4.1. Quais eram as expectativas ao entrar no ensino médio?	pág. 46
4.2.O que a escola de ensino médio ensina de fato?	pág. 48
4.3. Qual deve ser a prioridade do ensino médio?.....	pág. 49
4.4. Como a escola deve formar para o trabalho?	pág. 50
4.5. Como a escola deve formar para o ingresso na universidade?	pág. 52
4.6. Como a escola deve formar para a cidadania?	pág. 53
4.7. Diferenças entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio	pág. 54
4.8. Ensino Médio e Projetos de Vida	pág. 56

PARTE II: GRUPOS DE DIÁLOGO SOBRE ENSINO MÉDIO

1. Grupos de Diálogo: uma metodologia participativa	pág. 59
1.1. O dia de diálogo	pág. 60
1.2. Os Instrumentos metodológicos.....	pág. 61
2.Perfil dos participantes	pág. 66
2.1. Estudantes	pág. 67
2.2. Grupos mistos	pág. 69
3. O que os jovens precisam aprender?	pág. 71
4. Que tipo de Ensino Médio precisamos?	pág. 76
4.1. Caminho 1: Formação para o mercado de trabalho.....	pág. 82
4.2. Caminho 2: Formação para o ingresso no Ensino Superior	pág. 83
4.3. Caminho 3: Formação para a vida e para a cidadania	pág. 84
4.4. O impacto do diálogo na opinião dos participantes (ficha inicial e ficha final)	pág. 85
5. Recados aos governantes	pág. 92
6. Diretrizes para o Ensino Médio	pág. 94
BIBLIOGRAFIA	pág. 96

PARTE I

Quadro 1. Descrição das escolas pesquisadas	pág. 15
Tabela 1 – Universo de pesquisa <i>versus</i> amostra, por escola	pág. 16
Tabela 2 . Universo de pesquisa <i>versus</i> amostra, por série	pág. 16
Tabela 3 . Universo de pesquisa <i>versus</i> amostra, por turno	pág. 16
Tabela 4. Distribuição dos estudantes por sexo e idade, em %	pág. 17
Tabela 5. Distribuição dos estudantes por cor/raça, em %	pág. 18
Tabela 6 . “Tem ou teve no passado trabalho remunerado?”, por sexo, em %	pág. 19
Tabela 7. Jornada de trabalho dos estudantes, por sexo, em %	pág. 20
Tabela 8. “Possui renda pessoal?”, por sexo, em % (múltipla resposta)	pág. 20
Tabela 9. “Já foi reprovado alguma vez?”, por sexo, série e período, em %	pág. 21
Tabela 10. Principal motivo da última reprovação, por sexo, série e período, em %	pág. 22
Tabela 11. “Já abandonou alguma vez os estudos?”, por sexo, série e período, em %	pág. 23
Tabela 12. Principal motivo do último abandono, por sexo, série e período, em %	pág. 24
Tabela 13. Distribuição dos estudantes por filiação religiosa, por escola, em %	pág. 25
Tabela 14. Participação em grupos, por sexo, em % (múltipla resposta)	pág. 26
Tabela 15. “Pessoas que moram em sua casa”, por sexo, em %	pág. 26
Tabela 16 . Renda familiar, por sexo, em %	pág. 27
Tabela 17. Escolaridade do pai ou responsável do sexo masculino e mãe ou responsável do sexo feminino, em %	pág. 28
Tabela 18. Principal motivo para escolha da escola atual, em %	pág. 29
Tabela 19. Avaliação sobre itens da infra-estrutura das escolas, em %	pág. 31
Tabela 20. Avaliação dos professores, em %	pág. 33
Tabela 21. Avaliação sobre os alunos, em %	pág. 35
Tabela 22. Disposição dos estudantes, em %	pág. 36
Tabela 23. Fator que mais estimula a estudar, por série, em %	pág. 37
Tabela 24. “A sua escola tem uma boa qualidade de ensino?”, por escola, em %	pág. 38
Tabela 25. “O aprendizado é prioridade na sua escola?”, por escola, em %	pág. 39
Tabela 26. Fatores mais importantes para um ensino médio de boa qualidade, por escola, em %	pág. 40
Tabela 27. Fatores mais importantes para melhorar o aprendizado, por escola, em %	pág. 41
Tabela 28. Ação mais importante que os alunos deveriam realizar para melhorar a escola, por sexo, em %	pág. 42
Tabela 29. Ação mais importante que os professores deveriam realizar para melhorar a escola, por sexo, em %	pág. 43
Tabela 30. Ação mais importante que a direção deveria realizar para melhorar a escola, por sexo, em %	pág. 44
Tabela 31. Ação mais importante que o governo deveria fazer para melhorar a escola, por sexo, em %	pág. 45
Tabela 32. Expectativas dos estudantes ao entrarem no ensino médio, por série e sexo, em %	pág. 46
Tabela 33. Atividades mais realizadas pela escola, por série, em %	pág. 48
Tabela 34. Prioridade do ensino médio, por série, em %	pág. 49
Tabela 35. Ação mais importante para a formação voltada ao mercado de trabalho, por sexo, em %	pág. 50
Tabela 36. Ação mais importante para a formação voltada à entrada no ensino superior, por sexo, em %	pág. 52
Tabela 37. Ação mais importante para a formação voltada à cidadania, em %	pág. 53
Tabela 38. Principais diferenças entre 8ª série e ensino médio, em %	pág. 54
Tabela 39. Diferenças entre 8ª série e ensino médio, em %	pág. 55
Tabela 40. Expectativa após concluir o ensino médio, por sexo, em %	pág. 56
Tabela 41. Razões para a melhoria de vida após conclusão do ensino médio, por sexo, em %	pág. 57
Tabela 42. Prioridade após concluir o ensino médio, por sexo, em %	pág. 58

PARTE II

Tabela 43. Distribuição dos participantes nos grupos de diálogo, por escola.....	pág. 66
Gráfico 1. Distribuição dos segmentos nos grupos de diálogos.....	pág. 66
Gráfico 2. Distribuição dos estudantes dos diálogos por idade.....	pág. 67
Gráfico 3. Distribuição dos estudantes dos diálogos por série e período	pág. 67
Gráfico 4. Distribuição dos estudantes dos diálogos por raça e cor	pág. 68
Gráfico 5. Distribuição dos participantes dos diálogos mistos, por sexo.....	pág. 69
Gráfico 6. Distribuição dos participantes dos diálogos mistos, por idade	pág. 69
Gráfico 7. Distribuição dos participantes dos diálogos mistos, por escolaridade.....	pág. 70
Gráfico 8. Distribuição dos participantes dos diálogos mistos, por raça/cor	pág. 70
Quadro 2. Consensos plenárias 1ª etapa	pág. 72
Quadro 3. Consensos plenárias 1ª etapa (síntese)	pág. 75
Quadro 4. Consensos Plenárias 2ª etapa	pág. 77
Quadro 5. Consensos Plenárias 2ª etapa (síntese)	pág. 81
Tabela 44. Opinião inicial e final. Distribuição da nota 5: sou totalmente a favor (em %)	pág. 86
Tabela 45. Opinião inicial e final. Distribuição das notas 4 e 5: posições mais favoráveis (em %)	pág. 86
Tabela 46. Opinião inicial e final. Distribuição da nota 5: sou totalmente a favor (em %)	pág. 87
Quadro 6. Condições para o Caminho 1: formação para o trabalho	pág. 88
Quadro 7. Condições para o caminho 2: formação para ingresso no ensino superior	pág. 89
Quadro 8. Condições para o caminho 3: formação para a vida e a cidadania	pág. 90
Quadro 9. Recados para autoridades responsáveis pela educação.....	pág. 92

APRESENTAÇÃO

O projeto Jovens Agentes pelo Direito à Educação (JADE) teve como objetivo a elaboração de diretrizes para políticas públicas de educação em escolas de ensino médio, a partir de processos de diálogo entre estudantes e seus familiares, professores de escolas públicas, diretores, funcionários, integrantes da comunidade, agentes governamentais e da sociedade civil.

O projeto foi realizado em parceria com 5 escolas estaduais públicas da zona leste da cidade de São Paulo e envolveu duas etapas. Na primeira delas foi realizada uma pesquisa de opinião, com apoio do IBOPE, junto a 880 estudantes das escolas estaduais parceiras do projeto, visando traçar um perfil objetivo destes alunos, bem como conhecer suas visões e opiniões sobre a escola, e o sentido que o ensino médio assume no delineamento de seus projetos de vida. Na segunda etapa, foram realizados 8 grupos de diálogo nas 5 escolas parceiras, inspirados na metodologia dos “choicework”¹. Os encontros envolveram estudantes, professores, direção escolar, coordenação pedagógica, funcionários, familiares dos alunos, representantes da comunidade e gestores estaduais com o objetivo de aprofundar a discussão sobre o ensino médio almejado pelos participantes. Para articular e contribuir neste processo de mobilização foram capacitados 20 jovens ligados às escolas parceiras (alunos, ex-alunos e/ou jovens da comunidade) como agentes educativos, a partir de um programa experimental de formação².

Como etapa final da educação básica, o ensino médio ainda carece de uma definição mais clara de seus objetivos e de um diálogo mais próximo com as demandas educativas dos jovens. Traz a marca histórica de um nível de ensino altamente seletivo, que apenas recentemente ampliou sua cobertura tornando-se mais acessível à população como um todo. Mesmo assim, ainda está longe de ser universalizado.

Há pouca visibilidade e discussão pública sobre o ensino médio, tanto na mídia, quanto no governo em diferentes níveis, e mesmo nas próprias escolas, que se deparam com uma política educacional que tende a reproduzir, no ensino médio, o modelo do ensino fundamental. Mas será que o ensino médio consiste apenas na continuidade do ensino fundamental, ou deve ser organizado a partir de objetivos específicos que considerem as necessidades educativas de seu público?

Foi apostando nesta segunda opção que a Ação Educativa, em parceria com cinco escolas estaduais públicas da zona leste da cidade de São Paulo, promoveu a mobilização de comunidades escolares na discussão a respeito do “ensino médio que queremos” e apresenta neste relatório o resultado de todo este esforço coletivo.

O relatório está dividido em 2 partes: na parte I apresenta os resultados da pesquisa de opinião realizada com 880 estudantes, e na parte II, apresenta os resultados qualitativos dos grupos de diálogo, que envolveram 177 pessoas.

¹ Metodologia utilizada no Canadá para estabelecer um canal de comunicação e de consulta pública do Estado junto aos cidadãos, como um dos âmbitos da tomada de decisão política. Para saber mais sobre a metodologia ver a parte II deste relatório.

² O programa de formação dos jovens está disponível no site da Ação Educativa, www.acaoeducativa.org.br

BREVE PANORAMA DO ENSINO MÉDIO

A Constituição Brasileira determina em seu artigo 205 que “A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Além disso, nossa Constituição prevê que o dever do Estado em relação ao ensino médio será efetivado através de sua progressiva universalização³, ou seja, não há no país a obrigatoriedade da oferta deste nível de ensino pelo Estado. Contudo, no final da década de 90, o ensino médio brasileiro foi alvo de um conjunto de medidas conhecidas como “Reforma do Ensino Médio”. Os documentos legais e iniciativas que marcaram esta Reforma foram:

- 1) Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- 2) Decreto Federal 2.208 de 1997 que regulamenta a educação profissional e a torna independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou seqüencial a ele.
- 3) Parecer n. 15/1998 do Conselho Nacional de Educação que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino médio.
- 4) Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCN's).
- 5) Criação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 1998.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, prevê no artigo 35, que o ensino médio, como etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, tem como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. Como vemos, trata-se de finalidades bastante amplas, uma generalidade que as diretrizes curriculares nacionais de 1998 não conseguiram superar. E esta é uma primeira dificuldade: não se sabe exatamente quais são as implicações práticas e pedagógicas de orientações tão gerais que podem abarcar processos bastante distintos entre si. A segunda dificuldade é que, independentemente do que estabelece a LDB e mesmo as diretrizes curriculares, o ensino médio permaneceu organizado nos mesmos moldes anteriores à reforma, o que acarretou um baixo impacto destas mudanças no cotidiano das escolas. Das quatro finalidades presentes na LDB, a primeira é aquela que mais parece se aproximar do que efetivamente ocorre no ensino médio: o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental. Permanece, portanto, uma indefinição sobre os objetivos do ensino médio, situação que acompanhou o desenvolvimento histórico da educação secundária no país, e que hoje se depara com um novo desafio: como organizar um ensino médio de qualidade para todos?

³ Redação dada pela emenda constitucional n. 14 de 12/09/1996. A redação original era “progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio”.

Os dados mostram que a recente expansão de matrículas no ensino médio nos anos 1990 e 2000, embora significativa, não indica ainda um horizonte de universalização⁴. Em 2005, havia no país 18 milhões de pessoas na faixa etária entre 15 e 19 anos, mas apenas 45% desse total estavam matriculados no Ensino Médio⁵. Parcela significativa destes jovens ainda cursava o ensino fundamental.

Além dos desafios do acesso, o ensino médio enfrenta altas taxas de reprovação, e principalmente, de evasão escolar. Em 2005, apenas 73,2% dos alunos foram aprovados, 11,5% foram reprovados e 15,3% evadiram. Ao contrário do que ocorre no Ensino Fundamental, no ensino médio a evasão é maior do que a reprovação, nos dados nacionais. No ano de 2006 havia 8.906.820 jovens matriculados no Ensino Médio, 5.090.310 no período diurno e 3.816.510 no noturno, o equivalente a 44,8% das matrículas, segundo dados do MEC/INEP. Havia 4.091.657 jovens do sexo masculino e 4.815.163 jovens do sexo feminino. Desse total, 89.872 jovens tinham menos que 15 anos, 4.723.399 de 15 a 17 anos e 4.093.549 mais de 17 anos.

Em 2005, apenas 1.858.615 alunos concluíram o Ensino Médio, 1.071.021 eram do sexo feminino e 787.594 eram do sexo masculino. Além de serem maioria no Ensino Médio (54,1% das matrículas), as mulheres também evadem menos e concluem os estudos em um número superior ao dos homens. Além da desigualdade na proporção de jovens que freqüentam o Ensino Médio por sexo, há a desigualdade por região/área de moradia e raça. Menos da metade dos jovens que moram em áreas rurais e apenas 27,9% dos jovens do nordeste na faixa entre 15 e 17 anos freqüentam o Ensino Médio. A diferença também é grande se considerarmos a cor/raça dos alunos. O Ensino Médio é freqüentado por 56,5% dos jovens brancos e apenas 34,3% dos jovens negros (IPEA, 2006). O percentual de gasto público no Ensino Médio em relação ao PIB é inferior ao gasto no Ensino Superior e no Ensino Fundamental e só supera o gasto em Educação Infantil.

⁴ O Plano Nacional da Educação (Lei 10.172 de 09/01/2001) traz como uma das suas metas a oferta de vagas que correspondam, no prazo de 10 anos, a 100% da demanda por ensino médio, o que deveria ser efetivado até 2011.

⁵ Pesquisa Nacional por amostragem de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e de Estatística – PNAD/IBGE.

Percentual do Gasto Público em Educação em relação ao PIB

ANOS	Níveis de Ensino					Brasil
	Educação Infantil	Ensino Fundamental		Ensino Médio	Educação Superior	
		De 1ª a 4ª série	De 5ª a 8ª série			
2000	0,3	1,2	1,0	0,5	0,9	4,0
2001	0,3	1,2	1,1	0,6	0,8	4,0
2002	0,3	1,1	1,2	0,7	0,9	4,2
2003	0,3	1,1	1,2	0,6	0,7	4,0
2004	0,4	1,3	1,1	0,5	0,8	4,0

Em %

Fontes: INEP/MEC, IPEA/DISOC e IBGE.

Notas: 1- Não inclui Inativos e Pensionistas.

2- Cálculos realizados a partir dos valores encaminhados para OECD/WEI.

3- Para 2000, dados municipal estimados.

Para 2001 e 2002, dados estadual e municipal estimados.

Ao analisarmos o gasto por aluno⁶ verificamos que o ensino médio apresentou em 2004 um valor inferior a todos os outros níveis de ensino. Vale ressaltar que estudo da Campanha Nacional pelo Direito à Educação definiu que o investimento necessário para garantir bons padrões de qualidade no ensino médio seria de R\$ 1.746,00 por ano para cada aluno matriculado (CARREIRA, 2007).

⁶ É o total de recursos investidos anualmente por aluno na rede pública por níveis/modalidades de ensino.

Gastos por Aluno por Nível de Ensino

ANOS	Níveis de Ensino					
	Educação Infantil	Ensino Fundamental		Ensino Médio	Educação Superior	Brasil
		De 1ª a 4ª série	De 5ª a 8ª série			
2000	919	734	758	765	9.069	930
2001	882	778	896	1.003	9.427	1.045
2002	941	884	1.123	1.171	10.220	1.231
2003	1.019	1.018	1.344	1.156	9.972	1.368
2004	1.372	1.359	1.374	939	10.193	1.524

(R\$ 1,00 corrente)

Fontes: INEP/MEC, IPEA/DISOC e IBGE.

Notas: 1- Não inclui Inativos e Pensionistas.

2- Cálculos realizados a partir dos valores encaminhados para OECD/WEI.

3- Para 2000, dados municipal estimados.

Para 2001 e 2002, dados estadual e municipal estimados.

4- Utilizou-se Gasto Direto: Pessoal Ativo, Encargos Sociais, Desp. Custeio e Desp. De Capital.

Quanto à educação profissional, no ano de 2004, o MEC apresentou uma proposta de Ensino Médio integrado ao Profissionalizante. Essa proposta se tornou o Decreto 5154/2004 e já está implementada em 21 unidades da Federação. A promulgação desse decreto reforça uma tendência de crescimento da educação profissional ou profissionalizante no Ensino Médio brasileiro. No período entre 2003 e 2005, houve uma expressiva expansão da educação profissional técnica de nível médio no Brasil, com um crescimento de, aproximadamente, 26,9%, totalizando em 2005, 749 mil alunos distribuídos em 20 áreas profissionais, em 3.294 escolas. Nesse período houve um crescimento do número de matrículas do sexo feminino e de faixas etárias acima de 25 anos.

Estabelecimentos e Matrículas da Educação Profissional de Nível Médio, 2003 a 2005 - Brasil				
Ano	Estabelecimentos	Variação % em relação ao ano anterior	Matrículas	Variação % em relação ao ano anterior
2003	2.789	-	-	-
2004	3.047	9,3	676.093	14,7
2005 ¹	3.294	8,1	747.892	10,6

Fonte: MEC/Inep - Censo Escolar 2003 a 2005

1 - Inclui as três formas de articulação com o ensino médio

Apesar do crescimento nos últimos anos, o ensino técnico e profissional possui uma baixíssima cobertura, atingindo uma minoria da população.

O ESTADO DE SÃO PAULO

Em 2006 o estado de São Paulo teve 1.813.795 jovens matriculados no ensino médio e, destes, 72,9% tinham até 17 anos, enquanto no Brasil este percentual foi de 54%. As meninas somavam 51% e os rapazes, 49%. A taxa de cobertura do ensino médio no estado, para jovens de 15 a 17 anos, é de 65,9%, enquanto a taxa nacional é de 45,3%. A rede estadual é responsável por 85,5% das matrículas no ensino médio paulista. Em 2006, havia 248.612 matrículas na educação profissional.

Inegavelmente o estado de São Paulo apresenta taxas melhores do que a média do país, considerando a cobertura e distorção idade-série. No entanto, isso não ocorre com a taxa de reprovação, que em São Paulo foi de 13,8% em 2005, contra a média nacional de 11,5%. Já a evasão escolar paulista ficou abaixo da média nacional, 7% no estado contra 15,3% no país, em 2005. No estado a reprovação é mais significativa do que a evasão, embora a tendência nacional seja inversa, em que a evasão é maior que a reprovação considerando o ensino médio.

No cômputo geral, o estado apresentou em 2005 taxa de aprovação superior à média do país, respectivamente, 79,2% contra 73,2%. Mas, na comparação interna, a taxa de aprovação em São Paulo foi pior do que a verificada em 2004, quando foi de 80,7%. Os índices do estado pioraram não apenas em termos da reprovação, mas também, consequentemente, no número de concluintes que foi de 479.432 em 2005 contra 494.885 em 2004.

Além disso, o número de matrículas no ensino médio vem diminuindo desde 2005 no país, e o estado de São Paulo tem grande peso nesta queda, registrando, apenas neste ano, uma perda de 132.000 matrículas. O quadro abaixo apresenta o número de matrículas iniciais no ensino médio e na educação profissional no estado, entre 2004 e 2007, e revela uma diminuição progressiva de todas as modalidades na série histórica, com exceção da EJA Ensino Médio presencial, cujas matrículas cresceram em 2005 e 2006, mas em 2007 tiveram uma forte queda que subtraiu, apenas em um ano 23.680 matrículas.

Matrícula inicial Ensino Médio e Educação Profissional, estado de São Paulo, 2004 a 2006					
	2004	2005	2006	2007	Diferença 2004-2007
Ensino Médio regular	2.045.851	1.913.848	1.813.795	1.718.692	-(327.159)
EJA Ensino Médio (presencial)	388.724	400.147	401.838	378.158	-(10.566)
EJA Ensino Médio (semi-presencial)	151.676	138.341	127.120	99.386	-(52.290)
Educação Profissional	258.721	255.332	248.612	246.656	-(12.065)

Fonte: Censo Escolar. MEC/INEP

Quanto ao desempenho dos estudantes, ou seja, os níveis de aprendizado que apresentam ao término do ensino médio, os indicadores são bastante preocupantes para o país como um todo e também para o estado de São Paulo. No Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2006 participaram efetivamente 784.860 estudantes paulistas, que obtiveram média 38,86 na parte objetiva e 52,08 na redação, numa escala de 0 a 100. Chama atenção a distância entre as médias daqueles que só estudaram em escolas públicas, e os que estudaram em escolas particulares, principalmente na parte objetiva da avaliação: os de escola pública obtiveram média de 36 pontos contra 53,97 dos estudantes de escola particular. Já na redação a diferença é de 51,09 para os da pública e 59,25 para os da escola particular. Em 2007, tanto a média nacional quanto a estadual aumentaram para, respectivamente, 51,52 e 54,25 considerando apenas a parte objetiva da prova. Mas comparações devem ser cautelosas já que as provas foram diferentes.

A 10ª edição do SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) em 2007, revelou que o rendimento dos alunos do 3º ano do ensino médio melhorou em língua portuguesa, mas piorou em matemática, em relação aos anos anteriores. Na comparação com o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) de 2005, em matemática, nota-se que o percentual de estudantes com domínio abaixo do básico aumentou de 63% em 2005 para 71,04% em 2007. De forma geral, os resultados são bastante insatisfatórios já que constatou-se que apenas 21% dos estudantes possuem domínio adequado em língua portuguesa, e 3,68% possuem domínio adequado em matemática.

Resultados Saeb 2005 (SP) e Saresp 2007, 3º ano do ensino médio

LÍNGUA PORTUGUESA			
Níveis		Distribuição % nos níveis	
		Saresp 2007	Saeb 2005*
Abaixo do básico	Abaixo de 250	40%	48%
Básico	Entre 250 e 300	39%	34%
Adequado	Entre 300 e 375	21%	18%
Avançado	Acima de 375	0	1%
MATEMÁTICA			
Níveis		Distribuição % nos níveis	
		Saresp 2007	Saeb 2005*
Abaixo do básico	Abaixo de 275	71,04%	63%
Básico	Entre 275 e 350	24,68%	31%
Adequado	Entre 350 e 400	3,68%	6%
Avançado	Acima de 400	0,6%	0

* Saeb 2005: somente escolas estaduais urbanas do estado de São Paulo

Fonte: Secretaria de Estado da Educação

Os dados revelam o grande desafio que o ensino médio representa para o país e para o estado de São Paulo. Entendido como parte da educação básica e, portanto, como uma escolaridade necessária a todas as pessoas, o acesso ao ensino médio apenas recentemente vem sendo democratizado e ainda precisa avançar muito nesse sentido. Ao mesmo tempo, os baixos níveis de desempenho e altas taxas de reprovação revelam que a ampliação nas vagas não foi acompanhada pela manutenção de bons patamares de qualidade.

A precariedade das condições de infra-estrutura e o ensino pouco significativo são graves obstáculos a serem superados. O ensino médio cresceu no final da década de 1990 e nos anos 2000 num contexto de baixo investimento público. Sua expansão se deu no âmbito da infra-estrutura do ensino fundamental, embora seja notório que o ensino médio requer uma infra-estrutura física e material diferente do ensino fundamental. No estado de São Paulo existem apenas 164 escolas exclusivas de ensino médio, numa rede de mais de 5.000 unidades escolares. O ensino médio padece, ainda, de baixa visibilidade e de pouca discussão pública se comparado a outros níveis e modalidades de educação. Não há consenso sobre o modelo de ensino médio a ser seguido, sobre qual deve ser o currículo e o foco desta formação. Afinal, o que os estudantes de ensino médio devem ter aprendido ao final do curso? Como o ensino médio deve se articular ao mundo do trabalho? Qual é a relação do ensino médio com o prosseguimento dos estudos em nível superior?

Questões como estas ainda precisam ser enfrentadas pela sociedade brasileira. Em geral, a discussão existente sobre o tema fica bastante restrita aos pesquisadores acadêmicos, gestores públicos e especialistas em educação, sendo pouco capilarizada para outros espaços sociais cruciais para esta definição, tais como as escolas, professores, familiares, estudantes, setores da sociedade civil organizada. O envolvimento destes atores é fundamental para a produção de propostas viáveis, capazes de responder positivamente aos desafios de formação dos jovens. É neste esforço que se insere o Projeto *Jovens Agentes pelo Direito à Educação*

PARTE I – PESQUISA QUANTITATIVA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

1. A Pesquisa

A pesquisa de opinião de caráter quantitativo foi realizada pela Ação Educativa na primeira etapa do Projeto Jovens Agentes pelo Direito à Educação (JADE). Todo o trabalho foi mediado por 20 jovens ligados às cinco escolas parceiras, que foram capacitados pela Ação Educativa como jovens agentes pelo direito à educação. A realização da pesquisa quantitativa foi anterior aos grupos de diálogo e teve como objetivos:

- Conhecer o perfil e as opiniões de estudantes do ensino médio regular a respeito de sua vida escolar;
- Verificar as expectativas e os sentidos atribuídos ao ensino médio pelos estudantes;
- Produzir dados que subsidiem a reflexão de cinco escolas públicas a respeito de sua proposta pedagógica, e fomentem a construção de mudanças e inovações educacionais;
- Produzir dados que subsidiem uma reflexão sobre as políticas públicas do ensino médio no estado de São Paulo.

Foram aplicados questionários de auto-preenchimento a 880 estudantes das cinco escolas públicas parceiras, trabalho realizado e conduzido pelos 20 jovens, sempre com a presença e apoio da equipe da Ação Educativa. O período de aplicação dos questionários foi entre 18 e 26 de junho de 2007.

Para preservar a identidade das escolas, cada uma delas recebeu o nome do distrito e/ou bairro da cidade na qual está inserida. Todas elas localizam-se na zona leste do município de São Paulo.

Quadro 1. Descrição das escolas pesquisadas

Nome da Escola	Características	Nº. alunos ensino médio (regular)
Escola Aricanduva	<ul style="list-style-type: none">• Atende majoritariamente alunos de ensino médio regular; não há EJA. No período da tarde atende 1.076 alunos de 5ª à 8ª séries.• Escola corredor, localiza se numa grande avenida, recebe alunos de outros bairros.	1.689
Escola Carrão	<ul style="list-style-type: none">• Escola exclusiva de ensino médio; atende EJA (278 alunos)• Escola corredor, próxima ao metrô, recebe alunos de vários bairros da zona leste	1.016
Escola Jd. Planalto	<ul style="list-style-type: none">• Escola de ensino médio, 5ª à 8ª séries (463 alunos) e EJA ensino médio (948 alunos)• Escola de bairro periférico da zona leste, que atende, sobretudo, moradores da região	1.575
Escola V. Jacuí	<ul style="list-style-type: none">• Atende maior quantidade de alunos do ensino fundamental: 1ª à 4ª (416 alunos) e 5ª à 8ª séries (480 alunos)• Escola de bairro periférico da zona leste, que atende, sobretudo, moradores da região.	421
Escola A. E. Carvalho	<ul style="list-style-type: none">• Atende ensino médio regular, ensino fundamental 5ª à 8ª séries (990 alunos) e EJA ensino médio (186 alunos)• Escola de bairro periférico da zona leste, que atende, sobretudo, moradores da região.	559

Do ponto de vista do desenho amostral e da efetivação dos questionários, verificamos que as escolas com maior população de alunos tiveram maior participação no número de questionários realizados, sendo que as três escolas maiores foram juntas responsáveis por 71% dos respondentes.

Tabela 1. Universo de pesquisa *versus* amostra, por escola

Nome da Escola	Nº.alunos ensino médio	% da Amostra
Escola V. Jacuí	421	14%
Escola A. E. carvalho	559	15%
Escola Carrão	1.016	28%
Escola Id. Planalto	1.575	20%
Escola Aricanduva	1.689	23%
Total	5.260	100%

Ação Educativa. 2007.

Podemos verificar na tabela 2 que a distribuição da amostra ficou bastante equilibrada em relação ao universo de pesquisa no que tange à distribuição das três séries do ensino médio. O mesmo ocorreu em relação aos turnos escolares, sendo que das cinco escolas apenas uma (Escola Carrão) possui turmas de ensino médio no vespertino.

Tabela 2. Universo de pesquisa *versus* amostra, por série

	Nº.alunos ensino médio	alunos 1º. ano	alunos 2º. ano	alunos 3º. ano
Universo	5260	2.083	1.669	1.508
%	100%	40%	32%	29%
Amostra	880	355	296	229
%	100%	40%	34%	26%

Ação Educativa. 2007.

Tabela 3. Universo de pesquisa *versus* amostra, por turno

	Nº.alunos ensino médio	manhã	tarde	noite
Universo	5260	2.698	369	2.190
%	100%	51%	7%	42%
Amostra	880	432	89	359
%	100%	49%	10%	41%

Ação Educativa. 2007.

2. Quem são os estudantes do ensino médio?

Nesta seção iremos analisar as características sócio-culturais dos estudantes. O questionário investigou aspectos sociodemográficos, renda e escolaridade familiar, situação de moradia, trabalho, trajetória escolar, filiação religiosa, participação em grupos e agremiações.

2.1. Características sociodemográficas

Quanto ao sexo e idade a distribuição dos respondentes segue a mesma tendência observada em dados nacionais sobre a população estudantil do ensino médio. Verifica-se a maior presença de mulheres (55%), distribuição que apresenta variação conforme a escola. A unidade que possui mais moças é a Escola Jd. Planalto, e as que apresentam maior percentual de rapazes são a Escola A. E. Carvalho e Escola Aricanduva. Dados do Censo Escolar em 2006 indicaram que 54% dos matriculados no ensino médio em todo o país eram mulheres. Em São Paulo a diferença é menor: 51% de meninas contra 49% dos meninos.

As escolas Aricanduva e Carrão são as que reúnem alunos mais jovens, o que indica que a maioria de sua população escolar encontra-se na faixa de idade ideal para cursar o ensino médio, apresentando pouca distorção idade-série. Mas o rejuvenescimento dos estudantes no ensino médio é fenômeno geral para todas as escolas investigadas. Vale lembrar que a faixa etária ideal no ensino médio é dos 15 aos 17 anos, em que se concentram 87% do total de estudantes da amostra.

De fato, as taxas de distorção idade-série no ensino médio vêm caindo no Brasil, como resultados das políticas de correção de fluxo no ensino fundamental: em 1999 os estudantes em idade ideal (até 17 anos) somavam 44,8% do total das matrículas e em 2006 passaram a 54%. O estado de São Paulo tinha em 1999 54,8% dos alunos em idade ideal, número que salta para 72,9% em 2006. Os dados da nossa pesquisa confirmam esta tendência, que também aponta para os estudantes do ensino médio no estado de São Paulo como os mais jovens do país.

Há 117 estudantes com mais de 17 anos o que equivale a 13% do total de 880 alunos. Dentre eles, 72 estudantes têm 18 anos, 23 têm 19 anos e apenas 22 deles têm 20 anos ou mais. Vale ressaltar que dentre os estudantes com mais de 17 anos de idade, 91 estudam no período noturno, ou seja, 77,8%. Há uma concentração dos estudantes mais velhos no noturno, o que não autoriza, entretanto, dizer que neste período predominam alunos com distorção idade-série pois, ainda assim, 74,6% dos alunos que estudam à noite têm até 17 anos de idade

Tabela 4. Distribuição dos estudantes por sexo e idade, em %

	Sexo		Idade			
	Fem.	Masc.	Até 15 anos	16 anos	17 anos	18 anos ou mais
TOTAL (880)	55 (483)	45 (397)	29 (257)	29 (251)	29 (255)	13 (117)
Escola V. Jacuí	56	44	23	25	33	19
E A. E. Carvalho	50	50	28	28	27	17
Escola Carrão	55	45	31	30	33	6
Escola Jd. Planalto	62	38	27	26	26	21
Escola Aricanduva	51	49	33	32	26	10

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Pesquisa da Unesco realizada em 2002 verificou que 84,5% dos estudantes paulistas de ensino médio paulista tinham até 17 anos (UNESCO, 2003).

Os dados sobre raça/etnia foram obtidos através de auto-declaração dos respondentes , e confirmam a tendência, já identificada pelo IBGE , por uma maior auto-declaração da população negra. Na amostra este grupo representa 48% dos respondentes (preta/negra+parda), percentual bastante alto se comparado ao encontrado pela pesquisa da Unesco, já citada, que em São Paulo foi de 18,2% (negro+mestiço). No Censo Escolar de 2006 os estudantes negros (pretos + pardos) perfaziam 17,1% dos alunos no ensino médio em São Paulo, percentual mais próximo ao encontrado pela Unesco, o que nos leva a ponderar que o grande percentual de negros encontrado na nossa pesquisa pode estar associado à circunscrição geográfica das escolas , concentradas na zona leste da cidade de São Paulo. Se considerarmos apenas a categoria preto/negro, a comparação com os dados é de 8,7% na pesquisa Unesco e 13% em nossa pesquisa.

A tabela 5 mostra que a Escola Aricanduva e Escola Carrão reúnem mais estudantes que se declaram brancos, e a Escola Jd. Planalto apresenta o maior percentual de alunos pretos/negros.

Tabela 5. Distribuição dos estudantes por cor/raça, em %

	Cor/raça				
	Amarela	Branca	Indígena	Parda	Preta/Negra
TOTAL (880)	3 (28)	45 (398)	3 (28)	35 (312)	13 (112)
Escola V. Jacuí	1	43	2	43	12
Escola A. E. Carvalho	4	40	4	39	13
Escola Carrão	4	51	4	28	13
Escola Jd. Planalto	3	38	2	39	17
Escola Aricanduva	2	50	4	34	10

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

As opções no questionário foram: amarela, branca, indígena, parda, preta/negra. Tendo em vista a fluidez dos critérios de auto-declaração optamos por fazer a junção das categorias preta/negra , mesmo reconhecendo que a categoria negro diz respeito à construção de uma identidade social e cultural mais ampla do que a cor da pele.

2.2. Trabalho e renda

Os estudantes pesquisados subdividem-se em dois grupos: com e sem experiência de trabalho, registrando percentuais equivalentes. Mais da metade deles (55%) nunca trabalhou, e neste grupo, as meninas se destacam, indicando que elas enfrentam maiores dificuldades de inserção profissional ou postergam a entrada no mundo do trabalho mais do que os rapazes.

Por seu turno, a outra metade dos jovens, composta pelos que desenvolvem ou já desenvolveram algum tipo de trabalho remunerado, deram início a esse tipo de atividade num período que coincide com a entrada no ensino médio, mostrando que para parte significativa dos jovens, o trabalho e o ensino médio são tarefas concomitantes. Aqui, não há grandes diferenças considerando as diferentes raças/etnias.

Entre os jovens que declararam ter experiência de trabalho, há um percentual significativo de jovens que começaram a trabalhar com 15 anos ou menos e, portanto, de forma precoce com idades abaixo da permitida pela legislação brasileira.

Tabela 6. "Tem ou teve no passado trabalho remunerado?", por sexo, em %

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Sim, comecei a trabalhar com 15 anos ou menos.	21	23	19
Sim, comecei a trabalhar depois dos 15 anos.	25	29	21
Não, nunca trabalhei.	55	48	60
TOTAL	100 (880)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Quanto à jornada de trabalho, 31% dos jovens cumprem até 20 horas por semana e 19% mais de 21 horas semanais de trabalho. Um número não desprezível de jovens (14%) tem uma jornada de trabalho semanal superior a 40 horas, o que certamente concorre com o tempo que necessitam para estudar; este número chega a 18% entre os alunos do terceiro ano e os alunos do noturno.

Tabela 7. Jornada de trabalho dos estudantes, por sexo, em %

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Trabalha menos de 4 horas por semana	5	6	4
Trabalha entre 4 e 10 horas por semana	25	23	28
Trabalha entre 11 e 20 horas por semana	11	12	9
Trabalha entre 21 e 40 horas por semana	19	21	17
Trabalha mais de 41 horas por semana	14	14	14
Trabalha sem horários regulares, quando te chamam	5	5	5
Não estou trabalhando no momento	21	19	23
Total	100 (399)	100 (208)	100 (191)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Quanto à renda pessoal, metade dos jovens informa não possuir nenhuma renda, o que revela sua situação de dependência financeira em relação à família. As moças são as que apresentam maior dependência na medida em que 55% delas não têm renda própria, contra 43% dos rapazes. Dentre os 50% que informam ter algum tipo de renda, 34% tem renda oriunda do próprio trabalho. Há um número pequeno de jovens que recebem bolsas-auxílio ou benefícios do governo.

Tabela 8. "Possui renda pessoal?", por sexo, em % (múltipla resposta)

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Sim, ganho pelo trabalho que faço	34	41	28
Sim, ganho bolsa ou outro tipo de auxílio do governo	5	2	7
Sim, recebo pensão ou aposentadoria	7	6	7
Sim, tenho outro tipo de renda	9	11	7
Não tenho renda pessoal	50	43	55

OBS. A soma dos percentuais ultrapassa 100% em virtude de múltiplas respostas para esta pergunta.
Ação Educativa 2007.

2.3. Trajetória escolar

A trajetória escolar dos estudantes pesquisados, a julgar pelos dados de reprovação e evasão, revela bons níveis de progressão escolar: a maioria dos estudantes está em idade ideal para o ensino médio, como vimos mais acima, e com baixos índices de reprovação e evasão. Constatou-se que 73% dos estudantes nunca foram reprovados, dado que parece ser reflexo das políticas de progressão continuada e de correção de fluxo adotadas nos últimos anos.

Os alunos mais velhos, com 18 anos ou mais, apresentam índices de reprovação bem maiores do que os de menor idade, a proporção praticamente se inverte: 79% já foram reprovados. Estes alunos estão mais concentrados no período noturno, boa parte deles trabalha durante o dia.

As moças foram menos reprovadas do que os rapazes, com uma diferença de 10 pontos percentuais, o que demonstra que as jovens possuem uma trajetória escolar menos acidentada do que os rapazes.

Tabela 9. “Já foi reprovado alguma vez?”, por sexo, série e período, em %

	Total	Sexo		Série			Período		
		Masc.	Fem.	1º Ano	2º Ano	3º Ano	Manhã	Tarde	Noite
Fui reprovado em uma ou mais séries do ens. fundamental	11	10	12	12	11	9	6	6	19
Fui reprovado em uma ou mais séries do ensino médio	13	18	9	12	14	14	10	6	18
Fui reprovado em séries do ens. Fundamental e médio	3	5	1	5	2	1	2	2	4
Nunca fui reprovado	73	68	78	72	73	76	83	87	58
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)	100 (355)	100 (296)	100 (229)	100 (432)	100 (89)	100 (359)

Amostra entre parênteses

Ação Educativa 2007.

Dentre os fatores que causaram a última reprovação dos estudantes, destacam-se, em primeiro lugar, motivos internos à própria escola: dificuldades com as matérias, dificuldades com os professores e desentendimento com os colegas, que somam 27% das menções. Em segundo lugar aparece a falta de vontade de estudar (23%), motivo muito mais indicado pelos rapazes (29%) do que pelas moças (16%). O que aparece como “falta de vontade” em relação aos estudos não deve ser visto apenas sob o ponto de vista de uma indisposição individual e subjetiva, mas também como algo relacionado às dificuldades da própria escola em promover uma educação de qualidade que desperte o interesse dos estudantes.

Em terceiro lugar os estudantes apontam a dificuldade de conciliar estudo e trabalho como o principal motivo da reprovação (18%), o que novamente é mais citado pelos rapazes (23%) em comparação com as moças (11%).

Focalizando as diferenças entre elas e eles percebemos que, para elas, a dificuldade com as matérias é o fator mais relevante (32%), e para eles, a falta de vontade de estudar (29%), ambos os quesitos indicam uma tensão entre estes jovens e aquilo que a escola ensina e exige, mas no caso das moças a tensão é qualificada em termos de dificuldades específicas com os conteúdos, e para os rapazes, traduz-se mais como um desinteresse e falta de sintonia pessoal com o estudo.

Tabela 10. Principal motivo da última reprovação, por sexo, série e período, em %

	Total	Sexo		Série			Período		
		Masc.	Fem.	1º ano	2º ano	3º ano	Manhã	Tarde	Noite
Falta de vontade de estudar	23	29	16	22	30	16	29	33	19
Dificuldades com as matérias	22	15	32	27	18	22	24	25	21
Dificuldades em conciliar trabalho e estudo	18	23	11	13	18	27	5	0	26
Outra razão	12	11	14	10	17	9	15	8	11
Mudança de residência	6	8	5	8	5	5	4	8	7
Problemas de saúde	6	2	10	7	5	5	7	17	5
Problemas familiares	4	4	5	4	3	8	7	0	3
Dificuldades com professores	4	5	2	4	3	5	3	9	4
Necessidade de cuidar de filhos/irmãos	3	1	5	4	1	3	4	0	3
Desentendimento com colegas	2	2	0	1	0	0	2	0	1
Total	100 (236)	100 (129)	100 (107)	100 (101)	100 (80)	100 (55)	100 (75)	100 (12)	100 (149)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Quanto à evasão observamos que ela é inferior à reprovação, pois 93% dos estudantes declararam nunca ter abandonado os estudos. Novamente o período noturno se destaca como aquele em que o abandono é mais concentrado.

A realidade do país é bem diferente. Dados do Censo Escolar mostraram que, em 2004, 15% dos estudantes matriculados no ensino médio abandonaram os estudos, enquanto 10% foram reprovados, índices altos que perfazem quase o dobro dos percentuais encontrados no ensino fundamental e que revelam que a evasão é maior do que a reprovação.

Ao que parece, os estudantes que estão nas escolas investigadas conformam um grupo que, a despeito das dificuldades, apresentam trajetórias escolares estáveis, e um projeto de escolarização mais definido. O fenômeno da evasão e da reprovação, bastante entrelaçados, precisariam ser melhor investigados com os jovens que já deixaram as salas de aula.

Tabela 11. “Já abandonou alguma vez os estudos?”, por sexo, série e período, em %

	Total	Sexo		Série			Período		
		Masc.	Fem.	1º Ano	2º Ano	3º Ano	Manhã	Tarde	Noite
Abandonei em uma ou mais séries do ens. fundamental	2	4	1	3	2	2	1	0	5
Abandonei em uma ou mais séries do ensino médio	4	3	5	3	2	6	2	0	7
Abandonei em séries do ens. Fundamental e médio	1	1	0	1	1	1	0	0	1
Nunca abandonei	93	92	94	93	95	93	97	100	87
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)	100 (355)	100 (296)	100 (229)	100 (432)	100 (89)	100 (359)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa 2007.

O motivo mais indicado como causador da evasão é a dificuldade de conciliar trabalho e estudo, com 24% das menções. Mas para os rapazes este quesito está empatado com a falta de vontade de estudar, ambas com 29%. Já para as moças, aparecem também dois outros fatores importantes: a mudança de residência e a necessidade de cuidar de filhos/irmãos, sendo este último um fator que atinge exclusivamente o sexo feminino, pois nenhum rapaz indicou este motivo. Fica evidente aqui, a interferência dos papéis socialmente construídos para eles e elas no que tange à sua progressão escolar. De maneira geral, as respostas das meninas estão mais fragmentadas entre as diferentes alternativas indicando que há uma maior pluralidade de situações que concorrem para afastá-las da escola.

Tabela 12. Principal motivo do último abandono, por sexo, série e período, em %

	Total	Sexo		Série			Período		
		Masc.	Fem.	1º ano	2º ano	3º ano	Manhã	Tarde	Noite
Dificuldades em conciliar trabalho e estudo	24	29	19	15	14	42	27	-	23
Falta de vontade de estudar	15	29	3	23	14	5	9	-	17
Mudança de residência	15	14	16	15	29	5	0	-	19
Outra razão	12	14	10	8	7	21	9	-	13
Necessidade de cuidar de filhos/irmãos	8	0	16	12	14	0	9	-	8
Dificuldades com as matérias	7	4	10	12	0	5	18	-	4
Problemas familiares	7	0	13	8	0	11	9	-	6
Dificuldades com o transporte	3	4	0	0	1	1	0	-	4
Desentendimento com colegas	3	4	3	4	7	0	9	-	2
Não conseguiu vaga nas escolas	3	4	3	4	7	0	9	-	2
Problemas de saúde	3	4	3	4	7	0	9	-	2
Total	100 (59)	100 (28)	100 (31)	100 (26)	100 (14)	100 (19)	100 (11)	- -	100 (48)

Amostra entre parênteses

Ação Educativa. 2007.

2.4. Religião e associativismo

A filiação religiosa dos estudantes, bem como dos professores, tem sido apontada como um fator que influencia as práticas escolares. Há casos em que ocorrem conflitos abertos entre algumas crenças religiosas e certas teorias científicas ensinadas na escola. A informação é relevante, sobretudo, porque as práticas religiosas têm um papel importante na sociabilidade, circulação e aprendizado por parte dos jovens, e na conformação de suas subjetividades.

Tabela 13. Distribuição dos estudantes por filiação religiosa, por escola, em %

	Religião					
	Católica	Evangélica	Protestante	Espírita	Outra	Sem religião
TOTAL	43 (381)	27 (241)	3 (24)	4 (38)	8 (68)	15 (128)
Escola V. Jacuí	51	27	2	3	5	12
Escola A. E. Carvalho	38	28	1	2	7	23
Escola Carrão	46	20	3	6	9	17
Escola Jd. Planalto	44	34	2	1	7	11
Escola Aricanduva	38	31	4	7	8	11

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Muito embora haja ainda uma maioria que se declara católica (43%), o que é esperado num país caracterizado por esta maioria religiosa, observamos um percentual muito inferior ao encontrado na pesquisa Juventude Brasileira e Democracia que, em 2004, detectou 59,5% de católicos dentre os 1.400 jovens investigados na região metropolitana de São Paulo.

O percentual comparativamente baixo de estudantes católicos aqui encontrado, parece confirmar a tendência ao trânsito religioso, pois há um número significativo de estudantes evangélicos (27%), reflexo de uma tendência nacional de expansão das igrejas neopentecostais. Em geral, a inserção religiosa dos evangélicos é mais fervorosa e orgânica, por isso estes dados podem revelar um aumento do peso da religião na vida desta geração de jovens.

Seguindo a tendência nacional de aumento das pessoas que se declaram sem-religião, sobretudo entre a parcela juvenil (com idade entre 15 e 24 anos), verificamos que 15% dos jovens nas cinco escolas pesquisadas assim se intitulam. Na pesquisa Juventude Brasileira e Democracia, acima citada, os jovens sem-religião somavam 12,6%.

Na categoria outros foram reunidos os que se declararam participantes de religiões de matriz africana como umbanda e candomblé (13 pessoas ou 1,5%), budistas (0,7% ou 7 pessoas), muçulmanos (3 pessoas), e as que indicaram no próprio questionário a categoria "outras".

Os dados parecem sugerir que a região geográfica em que as cinco escolas estão localizadas (zona leste) apresenta de forma bem mais acentuada tendências nacionais importantes em termos da filiação religiosa brasileira, qual seja, a diminuição dos católicos, aumento dos evangélicos e dos sem-religião. Mas também sugerem cautela na associação direta entre aumento dos evangélicos nas regiões mais periféricas e pobres, pois tanto a escola mais periférica da amostra (V. Jacuí), quanto a mais central (Carrão), foram as que apresentaram os maiores percentuais de alunos católicos.

Outro elemento do cotidiano e da vida extra-escolar dos estudantes diz respeito às suas dinâmicas associativas em diferentes grupos (esportivos, estudantis, religiosos etc.), e os dados são surpreendentes. O percentual de estudantes que estão envolvidos neste tipo de associativismo é alto: 56%. O número é bem mais elevado do que o encontrado na pesquisa Juventude Brasileira e Democracia (IBASE/PÓLIS, 2005) que foi de 32% para a região metropolitana de São Paulo. Aqui também encontramos diferenças entre moças e rapazes, visto que o percentual de jovens do sexo masculino que participam de grupos é 11% maior do que o das jovens.

Os grupos religiosos e esportivos são mais preponderantes, sendo que as meninas concentram-se mais em grupos religiosos, e os meninos, mais em grupos esportivos. Há também um percentual significativo de jovens que declaram pertença a grupos estudantis.

Tabela 14. Participação em grupos, por sexo, em % (múltipla resposta)

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Não participa de nenhum(a)	44	38	49
Esportivas	27	44	14
Religiosas	20	16	23
Estudantis	12	11	13
Outras	8	7	8
Trabalhos voluntários	6	6	7
Comunicação (jornal, rádio etc.)	6	5	7
Meio-ambiente/ecologia	4	5	4
Melhoria da comunidade	2	1	2
Político-partidárias	1	1	1

OBS. A soma dos percentuais ultrapassa 100% em virtude de múltiplas respostas para esta pergunta.
Ação Educativa. 2007.

2.5. Renda, escolaridade das famílias e situação de moradia

Quando questionados sobre com quais pessoas residiam no momento da pesquisa, em média 75% dos jovens informam residir com pai e mãe ou responsáveis do sexo masculino e feminino, conjuntamente. A presença na moradia das Mãe/adulto responsável do sexo feminino é 15% maior que do Pai/adulto responsável do sexo masculino, demonstrando a maior participação das mulheres no cuidados e responsabilidades junto aos jovens estudantes.

A maioria dos estudantes mora com irmãos ou irmãs (91%), sendo estes, em sua maioria (64%), adolescentes com mais de 12 anos de idade

Tabela 15. “Pessoas que moram em sua casa”, por sexo, em %

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Pai / adulto responsável do sexo masculino	66	70	63
Mãe / adulto responsável do sexo feminino	85	85	84
Irmãos/irmãs maiores de 18 anos	36	36	36
Irmãos/irmãs entre 12 e 17 anos	28	28	27
Irmãos/irmãs menores de 12 anos	27	26	27
Esposa/marido, companheiro/a	3	2	4
Filho/a(s)	3	1	4
Outra(s) pessoa(s) com mais de 18 anos	16	15	18
Outra(s) pessoa(s) com menos de 18 anos	3	3	3
Ninguém / moro sozinho	0	1	0

OBS. A soma dos percentuais ultrapassa 100% em virtude de múltiplas respostas para esta pergunta.
Ação Educativa. 2007.

Um número significativo de jovens (21%) não soube informar a renda familiar. Apenas 5% dos entrevistados informa que é de até um salário mínimo; 19% encontra-se em famílias de renda familiar de até dois salários mínimos (R\$800,00); 25% afirmam ter renda familiar de até quatro salários mínimos (R\$1.500); 16% tem renda de pouco mais que seis salários mínimos (R\$2.500); 8% tem renda de até nove salários mínimos; 6% tem uma renda superior a nove salários mínimos.

A renda familiar parece ser maior nas famílias dos rapazes, uma vez que 11% deste grupo informam renda entre R\$ 2.500,01 e R\$ 3.500, enquanto isso ocorre com 6% das moças. Há uma diferença de quatro pontos percentuais a favor dos jovens homens em relação às mulheres no grupo de renda entre R\$ 1.500,00 e R\$ 2.500,00.

Tabela 16 . Renda familiar, por sexo, em %

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
É menor que R\$ 400,00	5	4	6
Fica entre R\$ 400,01 e R\$ 800,00	19	15	23
Fica entre R\$ 800,01 e R\$ 1.500,00	25	24	26
Fica entre R\$ 1.500,01 e R\$ 2.500,00	16	18	14
Fica entre R\$ 2.500,01 e R\$ 3.500,00	8	11	6
É maior que R\$ 3.500,01	6	6	6
Não sei informar	21	23	20
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

A escolaridade dos responsáveis pelos alunos também foi investigada. Verificou-se percentuais próximos entre os de sexo masculino e feminino, com diferenças percentuais pequenas entre responsáveis que atingiram uma escolaridade mais elevada. Agregando-se os dados relativos ao ensino médio completo, ensino superior completo/incompleto e pós-graduação, ou seja, níveis mais elevados de escolaridade, as mulheres somam 37% contra 35% dos homens. Isso ocorre principalmente pela maior representação das mulheres com pós-graduação. Por sua vez, se considerarmos níveis de escolaridade que vão até o ensino médio incompleto, portanto, uma escolaridade mais baixa, as mulheres são 55% contra 50% dos homens.

É importante destacar que os jovens conhecem mais a escolaridade das mães ou responsáveis do sexo feminino do que do pai ou responsável do sexo masculino, uma vez que 14% dos estudantes não sabem a escolaridade destes últimos, enquanto isso ocorre com apenas 8% no que diz respeito à escolaridade dos responsáveis do sexo feminino.

De qualquer forma, cerca de metade dos responsáveis, sejam eles do sexo masculino ou feminino, possuem até o ensino médio incompleto, portanto, uma escolaridade menor do que a de seus filhos caso eles concluam a educação básica. Em que pese todas as dificuldades no processo de escolarização destes jovens, eles constituirão a primeira geração a atingir patamares mais elevados de escolaridade no âmbito de suas famílias.

Tabela 17. Escolaridade do pai ou responsável do sexo masculino e mãe ou responsável do sexo feminino, em %

	SEXO	
	Masculino	Feminino
Não estudou	2	3
Da 1. ^a à 4. ^a série do ensino fundamental	18	18
Da 5. ^a à 8. ^a série do ensino fundamental	23	25
Ensino médio incompleto	7	9
Ensino médio completo	19	21
Ensino superior incompleto	4	4
Ensino superior completo	10	8
Pós-graduação	2	4
Não sei	14	8
Total	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses

Ação Educativa. 2007.

3. Como os estudantes avaliam as escolas?

Vamos analisar agora um conjunto de perguntas feitas aos jovens sobre sua percepção a respeito da qualidade da educação no ensino médio oferecido por suas escolas. Para tanto, os estudantes foram sondados sobre o grau de satisfação que possuem em relação à estrutura, equipamentos, docentes, atividades desenvolvidas, participação dos pais e de alunos, entre outros.

Para a análise dos dados tentou-se averiguar semelhanças e diferenças entre as cinco escolas investigadas, nuances na avaliação de estudantes do ensino noturno e diurno e nas diferentes séries do ensino médio. A explicitação desses dados nos pareceu útil na medida em que estamos acostumados a empregar o termo “escola pública” de maneira genérica como se estivéssemos diante de uma realidade homogênea e uniforme, o que, como veremos, não corresponde à realidade.

A relação estabelecida com a escola inicia-se no momento da matrícula: por que escolher esta escola dentre as outras? A pesquisa indagou os estudantes do ensino médio sobre os motivos que os fizeram escolher sua escola atual. Percebemos uma forte variação: enquanto para os alunos da Escola Carrão e da Escola Aricanduva a escolha deveu-se ao prestígio da escola, considerada uma das melhores da região, para a Escola Jd. Planalto, Escola V. Jacuí e Escola A. E. Carvalho o motivo principal foi a proximidade da escola em relação à sua residência.

Tabela 18. Principal motivo para escolha da escola atual, em %

	Total (880)	E. Jd. Planalto	E. V. Jacuí	E. Carrão	E. Arican duva	E. A. E. Carvalho
É perto da minha casa	38	46	70	17	17	66
É uma das melhores escolas da região	21	6	3	32	44	4
Por que meus pais quiseram	11	10	10	11	14	10
Outro motivo	8	5	3	13	8	
Fui matriculado pela própria escola quando terminei a 8ª série	7	15	2	6	5	5
Foi a escola em que eu encontrei vaga	7	12	6	8	3	3
É a escola em que estudam meus amigos	6	6	3	10	6	2
É perto do meu trabalho	2	1	2	4	2	1
Total	100 (880)	100 (175)	100 (121)	100 (246)	100 (202)	100 (136)

Amostra entre parênteses

Ação Educativa. 2007.

É significativo o número de jovens cuja matrícula na escola atual foi uma opção dos pais, com percentuais maiores para os alunos da Escola Carrão e da Escola Aricanduva. Nestas escolas existe um controle e direcionamento maior dos familiares em relação à escolha da unidade escolar a ser freqüentada por seus filhos. Na Escola Aricanduva é muito comum que os pais que lá estudaram matriculem seus filhos, e que ex-alunos tornem-se professores da unidade.

A possibilidade de escolher a escola é influenciada por vários fatores: prestígio, localização, proximidade do local de trabalho, recurso para custear o transporte entre outros. Portanto, não é uma escolha disponível para muitas famílias e jovens. Hoje, na cidade de São Paulo, se depender de um ônibus coletivo para ir e vir da escola, um jovem gastará pelo menos R\$50,00 por mês, se tiver passe escolar. Cursar uma escola distante de casa é um investimento que não é possível para todos.

Muitos alunos da Escola Aricanduva e, sobretudo, da Escola Carrão, moram longe da escola e possuem condições de realizar o investimento em transporte, o que de saída confere a este público escolar uma característica socioeconômica diferenciada.

Escolher entre melhor da região versus a escola mais próxima muito provavelmente incute dimensões diferentes para a escolha e avaliação de moças e rapazes sobre as escolas em que irão cursar o ensino médio. Muito provavelmente ao fazerem essas opções para alguns jovens foi importante considerar as condições físicas da escola, equipamentos, atividades desenvolvidas, status e prestígio de alguns professores na região, história da escola, entre outros, mas para outros a possibilidade da escolha sequer é possível.

Ao procurarem escolas públicas da região que se distinguem por um status de melhor qualidade, os jovens também podem, em hipótese, demonstrar uma maior valorização da sua escolaridade. Isso pode fazer com que cheguem com maior disposição para o estudo, o que confere certa diferenciação a estes alunos quando comparados aos estudantes das outras três escolas.

É importante reforçar a importância de que, no ensino médio, os alunos e suas famílias tenham o direito de escolher a unidade escolar a ser freqüentada, já que há uma tendência de que os jovens sejam automaticamente matriculados na escola mais próxima ao concluírem a 8ª série. Muitas vezes, cursar uma escola fora do bairro é uma possibilidade de ampliar a circulação dos jovens pela cidade, conhecer outras realidades, estudantes e professores com diferentes perfis, e inclusive, buscar propostas educativas mais adequadas ao seu projeto pessoal. A oferta de condições pelo poder público, para que os jovens possam efetivar esta escolha, é algo importante a ser conquistado.

3.1. Infra-estrutura e equipamentos

Verificamos que há certo consenso entre os estudantes de que as instituições freqüentadas por eles, com poucas variações de escola para escola, apresentam condições físicas e de estrutura que oscilam entre a regularidade e a precariedade, como podemos observar abaixo:

Tabela 19. Avaliação sobre itens da infra -estrutura das escolas, em %

	Limpeza e organização	Estrutura física	Equipamentos	Biblioteca	Laboratórios	S. Informática	Quadras	Banheiros
Ótimo/bom	23	19	17	25	4	7	29	11
Regular	59	58	42	44	14	20	51	39
Ruim/péssimo	16	19	33	16	36	40	14	47
Não sabe	1	3	5	9	14	16	3	1
Não tem	-	-	2	3	29	14	1	1
Não opinou	1	2	2		3	2	2	1
Total	100 (880)	100 (880)	100 (880)	100 (880)	100 (880)	100 (880)	100 (880)	100 (880)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Dos 880 entrevistados, quase 60% tenderam a avaliar como regulares as condições de limpeza e organização de suas escolas. Outros 23% consideraram que elas apresentam condições satisfatórias nesses quesitos, e 16% avaliaram como péssimas as condições ofertadas. A maior variação no conjunto de respostas foi encontrada na comparação entre os estudantes das escolas Escola Carrão e Escola Jd. Planalto: na primeira, 37% dos estudantes aprovaram as condições de limpeza e organização, enquanto que na segunda esse índice foi de 11%.

No que diz respeito à estrutura física da escola apenas 19% dos respondentes afirmaram que as instituições de ensino ofertam condições ótimas/boas para seu funcionamento; sendo que essa porcentagem foi mais alta nas escolas Carrão (25%) e Aricanduva (21%), e inferior à média na Escola V. Jacuí (8%), onde de maneira consistente predominou uma avaliação bastante negativa sobre esse quesito, pois 45% dos entrevistados desta unidade afirmaram que as condições de estrutura física da instituição é ruim/péssima. Na média, os estudantes das cinco instituições investigadas tenderam a afirmar que as condições de estrutura física de suas escolas eram regulares: 58% dos respondentes.

Uma terceira indagação da pesquisa inferiu sobre o grau de satisfação dos jovens com os equipamentos utilizados pela escola, tais como televisores, rádio, vídeo, projetores etc. No conjunto das cinco escolas, 42% avaliaram como regular o uso desses equipamentos, 33% como ruim/péssimo e apenas 17% como ótimo/bom. Mais uma vez, os estudantes da Escola V. Jacuí destacaram-se como aqueles que avaliam de maneira mais negativa as condições de funcionamento da escola: 55% avaliaram como ruim/péssimo o uso/existência desses recursos.

As bibliotecas das escolas de ensino médio também foram avaliadas pelos estudantes como regulares – 387 entrevistados, ou seja, 44% avaliaram esse quesito desta forma, enquanto que 25% avaliaram a biblioteca como ótima/boa e 16% como ruim/péssimo. As escolas Carrão e Escola A. E. Carvalho concentram mais estudantes com avaliações positivas sobre as bibliotecas da escola, respectivamente, 30% dos entrevistados da primeira escola e 49% dos entrevistados da segunda avaliaram os espaços de acesso aos livros e leitura como portadoras de condições satisfatórias de funcionamento.

É importante destacar aqui o número, ainda que pouco expressivo, considerando a amostra, de estudantes que não souberam dar informações ou que afirmaram que sua escola não possuía bibliotecas. No total, o número de jovens que responderam dessa forma contabiliza 106 estudantes, ou 12% do total de respondentes. Outros 19 jovens não opinaram sobre a questão. Diante desses dados, fazemo-nos as seguintes indagações: Esses jovens conhecem as bibliotecas de suas escolas? Elas estão acessíveis para eles? São desenvolvidas atividades que lhes permitam a aproximação com espaços de leitura?

Verificamos certa uniformidade nos dados quando focalizados os diferentes períodos (manhã, tarde e noite).

Sobre os laboratórios para aulas práticas houve predomínio de respostas que avaliaram as condições precárias de funcionamento e a inexistência deles: 36% disseram que são ruins/péssimas as salas reservadas para atividades práticas, 29% afirmaram que esses espaços sequer existem e 14% não souberam responder à questão.

Há variações de respostas nas escolas, mas elas não fogem da constatação da pouca prioridade dada a estes espaços, isso porque enquanto na Escola Aricanduva (45%) e Jd. Planalto (39%) os jovens tendem a enfatizar as péssimas condições de funcionamento, nas escolas V. Jacuí (48%) e Carrão (43%) os jovens são categóricos em constatar a sua inexistência.

Sobre as salas de informática houve predomínio de três grupos de respostas: 40% afirmaram que as condições de funcionamento desse espaço é ruim/péssimo, 20% avaliou como regular; e 16% não souberam informar. As avaliações mais negativas encontram-se nas escolas A. E. Carvalho (48%) e Aricanduva (50%). A melhor avaliação está na Escola Carrão (14%) – o dobro da média das escolas. Outros 14% dos estudantes responderam que não há laboratórios de informática em suas escolas, sendo a Escola Aricanduva aquela que encontra o índice mais alto de jovens que deram esta resposta (25%).

As quadras e espaços para práticas esportivas foram avaliados como regulares por 51% dos jovens, seguidos de 29% que avaliaram esses espaços como ótimos/bons e 14% como ruins/péssimos. A Escola V. Jacuí teve a maior incidência de estudantes que avaliaram como ruins/péssimos os equipamentos esportivos das escolas (35%), enquanto que os estudantes da Escola Aricanduva destacaram-se pela avaliação mais positiva (38%).

Os banheiros das escolas são o item mais reprovado pelos estudantes. Isso porque para 47% dos entrevistados suas condições de funcionamento são ruins/péssimas, sendo que nas escolas V. Jacuí (98%), Jd. Planalto (59%) e Aricanduva (56%) mais da metade dos entrevistados classificaram desta maneira as condições dos banheiros dos colégios. Os estudantes da Escola Carrão (26%) são os que melhor avaliam os banheiros.

3.2. Os professores

A avaliação dos estudantes sobre seus professores diz respeito a dois aspectos: um mais objetivo relativo à própria organização da escola, como a presença de professores em todas as matérias, e outro que incide num olhar mais qualitativo dos alunos quanto à performance dos educadores e sua relação com os estudantes.

No que tange ao primeiro aspecto, há diferenças entre as cinco escolas investigadas. Na média, 52% dos estudantes afirmaram que sempre há professores para todas as matérias, 40% às vezes, 5% raramente. Entretanto, a Escola Aricanduva e a Escola Carrão apresentam uma avaliação mais positiva deste aspecto, acima da média (66% e 58%, respectivamente), enquanto a Escola V. Jacuí, Escola Jd. Planalto e Escola A. E. Carvalho apresentam uma avaliação abaixo da média (45% nas duas primeiras, e 35% na última). Isso pode ser explicado, ao menos em parte, pela própria localização das escolas. As escolas Aricanduva e Carrão ficam em bairros centrais, e com maiores opções de transporte público, fatores que podem atrair mais os professores, além de serem escolas que contam com maior prestígio na região.

Sobre as faltas dos professores, 54% afirmaram que isso acontece às vezes, 26% raramente e 15% sempre. Na Escola Jd. Planalto e Escola V. Jacuí há uma porcentagem maior de estudantes que afirmam que seus professores sempre faltam (21% e 24% respectivamente), seguidas pela Escola A. E. Carvalho, com 17% de menções. Novamente a localização geográfica mostra-se um fator significativo.

Tabela 20. Avaliação dos professores, em %

	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Não Sabe/Não opinou	Total
Há professores para todas as matérias?	52	40	5	1	2	100 (880)
Os professores faltam muito?	15	54	26	3	2	100 (880)
Os professores são competentes?	38	50	9	2	2	100 (880)
Os professores são comprometidos com o ensino?	40	43	9	3	5	100 (880)
Os professores têm orgulho de seus alunos?	10	30	27	16	17	100 (880)
Os professores têm paciência para responder as dúvidas dos alunos?	26	44	19	8	3	100 (880)
Os professores parecem desinteressados	6	37	25	28	5	100 (880)
Os professores punem mais do que incentivam os alunos?	15	30	26	20	9	100 (880)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

É notório que as condições de funcionamento da escola e de trabalho do professor na rede pública estão longe de ser satisfatórias. Pesquisas indicam um rodízio grande de professores em várias unidades escolares, situação favorecida pelo seu regime de contratação por hora-aula, que os obriga a preencher sua carga horária em mais de uma escola e, para os não-concursados, mudar de unidade a cada ano.

Os salários na carreira não são convidativos: pesquisa do DIEESE/APEOESP¹⁰ aponta que o piso salarial hoje é três vezes menor do que era em 1979, e mais da metade dos professores recebem até R\$ 1.200,00. A categoria é campeã em licenças médicas e bastante atingida por doenças como estresse e depressão, fruto de uma profissão exigente do ponto de vista físico, emocional e mental, que faz com que muitos professores faltem às aulas. Esta é uma realidade conhecida que se confirma nos dados obtidos nas cinco escolas investigadas.

Apesar de todas estas dificuldades, verificamos que, de forma geral, os estudantes avaliam de maneira positiva seus professores e professoras. Há uma percepção predominante de que esses profissionais são pacientes, competentes, interessados e comprometidos.

Na média, 26% dos pesquisados afirmaram que os professores são sempre pacientes, 38% que são sempre competentes e 40% que são sempre comprometidos com o ensino. Ao mesmo tempo, 53% dos alunos disseram que raramente ou nunca os professores são desinteressados.

Mais negativa foi a percepção apresentada pelos jovens diante da seguinte questão: os professores têm orgulho de seus alunos? Para 43% dos estudantes isso ocorre raramente ou nunca. As escolas V. Jacuí (58%), A. E. Carvalho (51%) e Jd. Planalto (45%) apresentam maiores porcentagens de estudantes que deram essa resposta. Também são os estudantes do terceiro ano do ensino médio que apresentam índices mais negativos com relação a esse quesito: 48% afirmaram que os professores raramente ou nunca têm orgulho de seus estudantes, enquanto no primeiro ano de ensino médio essa porcentagem é de 40%.

Os dados são importantes porque levantam um aspecto pouco considerado na avaliação da qualidade das escolas que consiste nas expectativas entre os participantes do processo educacional. A expectativa que os educadores nutrem sobre os educandos é um fator crucial para o desenvolvimento da aprendizagem, afinal, sem esperar muito dos alunos provavelmente os professores não irão desafiá-los o suficiente para aprenderem, o que deve resultar em baixos níveis de aproveitamento. Além disso, em contato com uma baixa expectativa por parte de seus professores, os estudantes tendem a se sentir desmotivados e desmobilizados.

¹⁰DIEESE -Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, APEOESP- Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo. A pesquisa foi realizada durante um encontro sindical em Santos, com 2.200 professores.

3.3. Os estudantes

A avaliação dos estudantes sobre seus pares é bem mais crítica do que a avaliação que fazem dos professores. O interesse e disciplina dos alunos são os mais problemáticos: para 39% dos estudantes, seus colegas raramente ou nunca são disciplinados, e para 33%, raramente ou nunca se mostram interessados na escola.

A indisciplina é uma questão central dentre as preocupações de alunos e professores, que a identificam como obstáculo para que a escola cumpra sua função. Em pesquisa realizada pelo Ibope e Revista Nova Escola, em 2007, verificou-se que, para 69% dos professores entrevistados, a indisciplina e falta de atenção dos alunos são os maiores problemas da sala de aula.

As avaliações mais negativas se concentram no conjunto das escolas Jd. Planalto, V. Jacuí e A. E. Carvalho. São nelas que localizamos respostas mais pessimistas com a incidência expressiva de respondentes afirmando que raramente ou nunca os estudantes estão interessados e disciplinados.

Estes dados convergem com os resultados dos grupos de diálogos, segunda etapa do projeto, realizados nas mesmas escolas, e que aprofundaram a discussão a respeito da demanda dos alunos para o currículo de ensino médio. Os estudantes indicaram a necessidade da escola apoiá-los na construção de hábitos de estudo, atitudes e comportamentos adequados ao espaço escolar e habilidades que os permitam construir uma trajetória de êxito na escola. Ou seja, a indisciplina pode ser vista como sintoma de uma dificuldade mais ampla dos jovens subjetivarem-se como estudantes, e a escola é chamada a atuar neste processo

Tabela 21. Avaliação sobre os alunos, em %

	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Não Sabe/ Não opinou	Total
Os alunos são disciplinados	6	52	31	8	3	100 (880)
Os alunos são interessados?	6	59	28	5	3	100 (880)
Os alunos podem contar uns com os outros?	19	37	28	13	4	100 (880)
Os alunos sabem o que os professores esperam deles?	24	34	19	11	11	100 (880)

Amostra entre parênteses

Ação Educativa. 2007.

Quando analisam a solidariedade entre os estudantes, a visão é mais positiva. Um percentual significativo (19%) afirma que os alunos sempre podem contar uns com os outros, enquanto 37% dizem que isso ocorre às vezes. As escolas Jd. Planalto, V. Jacuí e A. E. Carvalho tiveram índices acima dos 30% de respondentes que afirmaram que raramente os estudantes podem contar uns com os outros, enquanto que nas escolas Carrão e Aricanduva é mais expressivo o percentual daqueles que afirmaram que sempre podem contar com os amigos na escola.

A variação entre os turnos emerge nesse aspecto: os estudantes da manhã tenderam a ter uma visão mais positiva da solidariedade entre os estudantes. Entre os jovens que freqüentam o turno matutino, 19% responderam que sempre os alunos podem contar um com os outros, índice que é de apenas 13% no período noturno.

Também foi solicitada dos estudantes uma auto-avaliação. Eles deveriam escolher uma dentre as seguintes alternativas: excelente aluno, bom aluno, regular aluno ou mau aluno. A maioria escolheu a opção “bom aluno” (57%), sendo que apenas 1% assumiu ser “mau aluno”. Um maior percentual se declarou como aluno regular (27%) em comparação com aqueles que se declararam alunos excelentes (15%).

Um terceiro bloco de questões sondou a disposição dos estudantes para desenvolverem atitudes que possam melhorar a qualidade da escola e das relações. Afinal, os jovens são sujeitos na escola, não meros receptores do que é apresentado, e sua abertura para se engajar em ações de transformação é um elemento estratégico. As respostas são animadoras e revelam que a maioria dos alunos está disponível para adotar posturas que ajudem a escola a avançar

Tabela 22. Disposição dos estudantes, em %

“O quanto você estaria disposto a realizar estas ações para melhorar o ensino na sua escola?”	Muito disposto	Pouco disposto	Nada Disposto	Não sabe/ não opinou	Total
Preservar e cuidar mais da escola	74	18	3	5	100 (880)
Respeitar mais os professores	73	18	3	5	100 (880)
Estudar mais	66	28	3	3	100 (880)
Contribuir para diminuir a “bagunça” na sala de aula	62	23	8	7	100 (880)
Colocar os estudos em primeiro lugar em relação ao trabalho	61	25	6	7	100 (880)
Respeitar mais as regras da escola	58	30	6	6	100 (880)
Dialogar mais com a direção e professores	56	29	8	6	100 (880)
Fazer reivindicações para a escola	35	36	14	14	100 (880)

Amostra entre parênteses

Ação Educativa. 2007.

Interessante notar que a disposição se concentra justamente nos aspectos vistos como mais problemáticos, como a preservação do prédio e do espaço físico escolar, a relação com os professores e a dedicação aos estudos. Basicamente é uma abertura concentrada nas tarefas propriamente estudantis. Quando o assunto é a vida da escola de forma mais ampla, como, por exemplo, a necessidade de fazer reivindicações, a disposição dos alunos diminui.

De forma geral, a estrutura de poder e de tomada de decisão na escola é ainda muito verticalizada, e os estudantes não são estimulados a terem uma participação mais ativa. O funcionamento da escola não é visto como algo de sua responsabilidade. No entanto, quando a escola abre espaços de atuação através de projetos, por exemplo, nota-se que os estudantes se engajam bastante e sentem-se estimulados para participar. Assim, para que os estudantes sintam-se implicados como co-responsáveis pela melhoria da escola, é preciso que sejam abertos espaços para isso.

Se os estudantes mostram-se bastante dispostos a estudar mais para melhorar sua escola, é importante verificar quais são os estímulos que eles possuem para realizar esta tarefa. Quando perguntamos a eles o que mais os estimula para estudar verificamos que mais da metade indica a obtenção de novos conhecimentos (54%). Ou seja, mesmo que sejam críticos em relação à maneira como a escola ensina, reconhecem que boa parte do sentido de estar nela é poder aprender coisas novas. O conhecimento permanece como objetivo central da escola.

Em segundo lugar, os alunos citam que estudam para obter boas notas (16%), percentual não muito distante daqueles que indicaram que seu estímulo vem da necessidade de se preparar para uma entrevista de trabalho (12%). Realizar pesquisas com temas de seu interesse vem em seguida, reunindo 7% das respostas.

Tabela 23. Fator que mais estimula a estudar, por série, em %

	Total	1º ano	2º ano	3º ano
Adquirir novos conhecimentos	54	51	55	58
Tirar boas notas	16	18	17	13
Preparar-me pra uma entrevista de trabalho	12	14	9	11
Pesquisar assuntos do meu interesse	7	5	7	8
Outra razão	5	4	7	5
Não há nada que me estimule a estudar	3	3	3	3
Fazer as provas	1	1	1	2
Realizar trabalhos escolares	2	3	1	0
Total	100 (880)	100 (355)	100 (296)	100 (229)

Percebemos que os alunos de 3º ano citaram mais a aquisição de novos conhecimentos e a pesquisa de assuntos de seu interesse como estímulos importantes para o estudo, e citam menos que outras séries a obtenção de boas notas, o que sugere que no final da trajetória do ensino médio o sentido do estudo vai sendo apropriado de forma mais autônoma pelos jovens, e ficando mais conectado com suas buscas pessoais.

Interessante notar que os alunos da manhã citaram mais a preparação para entrevista de trabalho do que os do período noturno, mostrando que os sentidos do estudo para os estudantes deste período não podem ser mecanicamente atribuídos ao mercado de trabalho. É preciso analisar com cuidado a forma pela qual os estudos se articulam aos projetos dos estudantes que trabalham, e também considerar a presença, no período diurno, de estudantes trabalhadores ou interessados num projeto de inserção no mundo do trabalho.

3.4. Qualidade do ensino

Vários dos aspectos levantados acima dizem respeito diretamente à qualidade de ensino das escolas. Percebemos que as condições materiais e os recursos didáticos são avaliados de forma bastante negativa pelos alunos, e que os recursos humanos que compõem a escola (sobretudo alunos e professores) recebem uma avaliação mais positiva. Colocando tudo isso na balança, qual a avaliação global que os alunos fazem da qualidade de suas escolas?

A tabela abaixo mostra que os jovens tendem a manifestar um grau de satisfação positivo, pois a maioria afirmou que sempre (31%) e às vezes (44%) suas escolas oferecem uma boa qualidade de ensino.

Tabela 24. “A sua escola tem uma boa qualidade de ensino?”, por escola, em %

	Total	E.Jd. Planalto	E. V. Jacuí	E. Carrão	E. Aricanduva	E. A. E. Carvalho
Sempre	31	20	15	50	33	21
Às vezes	44	45	43	42	46	43
Raramente	14	15	22	5	12	21
Nunca	8	14	17	2	5	8
Não sabe	3	5	2	1	4	6
Não opinou	0	1	0	0	0	1
Total	100 (880)	100 (175)	100 (121)	100 (246)	100 (202)	100 (136)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

A Escola Carrão é a instituição em que os estudantes manifestaram maior satisfação com o ensino ofertado (50%). Já as escolas Jd. Planalto, V. Jacuí e A. E. Carvalho são aquelas em que os estudantes demonstraram menor satisfação.

Há oscilação das opiniões conforme as séries. Entre os jovens do primeiro ano do ensino médio, por exemplo, 36% afirmaram que sempre a escola tem uma boa qualidade de ensino, essa mesma avaliação foi feita por 33% dos estudantes do segundo ano e 20% dos estudantes do terceiro. Há também uma oscilação pequena entre estudantes dos períodos matutinos e noturnos, sendo que esses últimos têm uma avaliação mais negativa.

Uma outra forma de avaliar a qualidade é verificar o quanto as escolas priorizam o aprendizado de seus alunos. Fizemos a seguinte questão: **O aprendizado é prioridade em sua escola?**

Novamente, predominou uma visão positiva dos jovens sobre suas escolas: 41% responderam que *sempre*, 32% às vezes e 14% *raramente*.

Tabela 25. “O aprendizado é prioridade na sua escola?”, por escola, em %.

	Total	E.Jd. Planalto	E. V. Jacuí	E. Carrão	E. Aricanduva	E. A. E. Carvalho
Sempre	41	35	31	57	47	24
Às vezes	32	29	35	30	33	35
Raramente	14	15	17	7	12	23
Nunca	6	7	12	2	5	6
Não sabe/ Não opinou	7	14	6	4	3	14
Total	100 (880)	100 (175)	100 (121)	100 (246)	100 (202)	100 (136)

Amostra entre parênteses

Ação Educativa. 2007.

De forma análoga à questão da qualidade, os percentuais variam por escola e permitem distinguir dois grupos: de um lado, nas escolas Carrão e Aricanduva os estudantes tenderam a afirmar mais que a aprendizagem sempre é priorizada – nessas duas instituições, respectivamente, 57% e 47% dos estudantes responderam dessa forma à questão, e de outro lado, estão as escolas V. Jacuí e A. E. Carvalho, em que 35% afirmaram que às vezes a aprendizagem é priorizada e onde houve maior porcentagem de estudantes que declararam que raramente isso é feito. A Escola Jd. Planalto estaria no “meio de campo”, mas a opinião dos jovens tende a se aproximar mais das duas últimas escolas.

O ensino e a aprendizagem constituem-se em elementos fundamentais das ações educativas desenvolvidas nas escolas, mas para que sejam levadas a cabo é necessário um conjunto de situações que favoreçam seu desenvolvimento: condições físicas e financeiras, ambientes que favoreçam a realização de um plano formativo, uma boa gestão desse processo, a explicitação dos objetivos desse trabalho, a motivação dos participantes, a avaliação do processo e do produto, entre outros.

Nesse sentido, foi perguntado aos alunos qual seriam os fatores mais importantes para assegurar um ensino médio de qualidade, e quais seriam capazes de melhorar seu aprendizado

Tabela 26. Fatores mais importantes para um ensino médio de boa qualidade, por escola, em %

	Total	EJd. Planalt	E. V. Jacuí	E. Carrão	E. Aricanduva	E. A. E. Carvalho
Professores que dominam os conteúdos	29	26	26	33	29	29
Alunos que estudam e respeitam as regras da escola	26	29	25	24	24	28
Professores que sabem transmitir os conteúdos	23	16	18	30	26	20
Direção comprometida e ativa	8	12	13	5	8	6
Outro fator	4	4	2	3	3	7
Envolvimento da escola com a comunidade	4	2	7	1	4	5
Funcionários que atendam bem e respeitem alunos e familiares	3	3	4	2	3	4
Organização e limpeza	2	5	2	0	0	1
Instalações físicas adequadas	1	3	2	1	1	0
Total	100 (880)	100 (175)	100 (121)	100 (246)	100 (202)	100 (136)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

O resultado mostra que o cerne da qualidade de uma escola está na existência de professores que dominam e sabem transmitir os conteúdos (somados, os dois quesitos perfazem 52% das respostas), e na presença de alunos dispostos a estudar e a respeitar as regras da escola (26%).

Os alunos indicam que, tão importante quanto ter domínio do conteúdo, é saber transmiti-lo. Este é um ponto-chave, pois a formação dos professores do ensino médio possui uma forte ênfase acadêmica, ligada às áreas de conhecimento específicas: história, geografia, física, química etc. A formação para que os bacharéis se tornem professores é mediada pelas licenciaturas que tendem, na maioria das vezes, a enfatizar os processos de aprendizagens das crianças e não dos jovens. Além disso, mesmo após a licenciatura, a identidade profissional permanece muito ligada à sua área de formação específica, e não à área de educação. Talvez este seja um dos fatores pelos quais a discussão sobre as metodologias de ensino tenham um lugar tão restrito, diante da ênfase nos conteúdos. O modelo da aula expositiva continua sendo hegemônico no cotidiano das escolas. Ainda que existam iniciativas para criar aulas capazes de diversificar atividades, materiais e metodologias, elas ainda são pontuais e isoladas diante da lógica do giz e da lousa.

Os alunos também indicam que uma direção comprometida e ativa é fundamental para garantir a qualidade (8%), e este aspecto foi mais citado pelos estudantes do noturno (11%) muito provavelmente porque se deparam com uma maior ausência da direção neste período. Vale ressaltar que para 7% dos estudantes da E. V. Jacuí o envolvimento com a comunidade é o fator crucial.

Tabela 27. Fatores mais importantes para melhorar o aprendizado, por escola, em %

	Total	E.Jd. Planalto	E. V. Jacuí	E. Carrão	E. Aricanduva	E. A. E. Carvalho
Laboratórios de física, química e biologia	32	30	41	27	32	38
Aulas mais dinâmicas e práticas	19	17	16	28	15	15
Aulas sobre temas de seu interesse	12	11	10	11	14	13
Ter relação mais próxima com professores	9	11	2	11	12	6
Participar de concursos que testem conhecimentos	6	5	7	7	5	6
Realizar mais avaliações na escola	6	7	4	4	5	10
Outro fator	5	5	7	4	4	4
Auxílio financeiro ou bolsas para estudar	4	9	3	2	4	4
Apoio médico e psicológico na escola	3	1	4	2	3	2
Maior carga horária na escola	2	2	2	1	1	2
Total	100 (880)	100 (175)	100 (121)	100 (246)	100 (202)	100 (136)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

O aprendizado poderia ser ampliado, segundo os jovens, caso as escolas tivessem laboratórios (32%), aulas práticas (19%) e sobre temas do seu interesse (12%). Os dois primeiros itens estão muito imbricados, pois ambos dizem respeito a um ensino mais vivencial e dinâmico, e somados, perfazem mais da metade das respostas (51%). Além disso, ao destacarem a relevância dos laboratórios, os jovens podem sinalizar para o fato de que as novas dinâmicas demandam de espaços diferenciados e não apenas da criatividade e malabarismo dos professores. Este é um aspecto de extrema relevância, que aparecerá mais à frente novamente como uma demanda dos estudantes: mudanças nas formas de ensinar e de aprender.

Para 12% dos alunos, a realização de testes e mais avaliações também poderia estimular seu aprendizado, e 9% deles entendem que uma relação mais próxima com os professores poderia ajudar muito.

3.5. As responsabilidades dos diferentes segmentos

Uma bateria de questões foi dedicada a averiguar quais são os tipos de responsabilidades que os alunos associam a cada segmento responsável pela escola. Quando o segmento focalizado é o dos próprios estudantes, a ação mais importante que eles deveriam realizar para melhorar a escola seria estudar mais (33%), e em seguida, colocar os estudos em primeiro lugar (19%), respostas que somadas perfazem 52% de estudantes que entendem que o estudo é sua principal responsabilidade. Estes dados seguem a tendência já antes observada, dos estudantes localizarem no estudo o centro de seu papel na escola.

Aumentar o respeito e o diálogo com as autoridades escolares vem na seqüência como ações importantes que os alunos deveriam realizar.

Tabela 28. Ação mais importante que os alunos deveriam realizar para melhorar a escola, por sexo, em %

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Estudar mais	33	38	29
Colocar os estudos em primeiro lugar	19	14	22
Respeitar mais os professores	15	16	13
Dialogar mais com direção e professores	12	8	15
Contribuir para diminuir a "bagunça" em sala de aula	7	5	8
Respeitar mais as regras da escola	5	8	4
Fazer reivindicações para a escola	5	5	5
Preservar mais a escola	3	4	3
Outro fator	2	3	1
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Se para melhorar a escola a principal responsabilidade dos alunos é estudar mais, a dos professores é dar aulas mais dinâmicas e práticas (29%). A forma como as aulas acontecem é uma das principais preocupações dos estudantes, revelada através de várias questões da pesquisa, o que faz com que sua demanda central seja por aulas mais interessantes, atrativas, práticas, que possam contar com laboratórios. Isso se reflete diretamente na forma como percebem a responsabilidade do professor.

Mas há duas outras tarefas importantes que os estudantes atribuem aos professores: respeitar e dialogar mais com os alunos, que somados perfazem 42% das respostas. Estreitar a relação-professor aluno também aparece como uma necessidade em outras respostas. É provável que estas duas dimensões estejam bastante associadas, afinal, metodologias mais ativas e dinâmicas geralmente implicam na aproximação das pessoas, que passam a trabalhar em conjunto, se conhecer melhor, perceber potencialidades e limites de cada um, gerando mais envolvimento e comprometimento de todos. Assim, a demanda por outras metodologias imbrica-se à demanda por uma relação professor-aluno mais próxima e dialogada.

Tabela 29. Ação mais importante que os professores deveriam realizar para melhorar a escola, por sexo, em %

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Realizar aulas mais dinâmicas e práticas	29	29	30
Respeitar mais os alunos	21	24	18
Dialogar mais com os alunos	11	10	11
Priorizar os alunos com dificuldades de aprendizagem	6	5	7
Não aprovar alunos que não tenham aprendido os conteúdos	6	5	7
Ter mais capacitação e cursos	6	4	7
Dar mais espaço para os alunos se expressarem	5	5	4
Ser mais comprometido com o trabalho	4	4	5
Priorizar os alunos interessados	4	4	4
Faltar menos	3	3	3
Outro fator	3	4	2
Realizar atividades interdisciplinares	2	3	2
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Se a ampliação do diálogo e do respeito pelos alunos é uma tarefa importante a ser realizada pelos professores para que a escola melhore, ela é vista como central para a direção. As respostas indicam uma distância entre os responsáveis pela direção e os estudantes, certamente favorecida pelo próprio funcionamento da escola que atribui à direção uma sobrecarga de tarefas administrativas e burocráticas que dificultam seu envolvimento mais próximo no dia-a-dia.

Mas também são destacadas duas outras responsabilidades da direção, que precisariam ser aperfeiçoadas: a coordenação dos professores e o estímulo para que eles se envolvam mais com os problemas da escola. Há, portanto, uma forte demanda para que a direção exerça tarefas propriamente pedagógicas, de acompanhamento dos alunos e do trabalho dos docentes.

Tabela 30. Ação mais importante que a direção deveria realizar para melhorar a escola, por sexo, em %

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Dialogar mais com os alunos	25	25	26
Respeitar mais os alunos	18	20	16
Coordenar melhor o trabalho dos professores	12	13	12
Estimular o envolvimento de alunos/professores nos problemas da escola	12	11	13
Ser mais exigente com os alunos	8	5	10
Definir melhor as regras da escola	7	6	8
Estar mais presente na escola	5	5	6
Outro fator	4	5	3
Buscar um espaço físico mais adequado	3	4	3
Oferecer mais capacitações aos professores	3	4	3
Abrir a escola para a comunidade	2	3	1
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Quando o assunto são as responsabilidades do governo, notamos que a demanda é por mais investimentos na escola pública, tanto no que diz respeito à parte física, quanto à parte pedagógica. E os professores aparecem como o grande alvo dos investimentos: 16% afirmaram que o governo deveria aumentar o salário dos professores, e 15% afirmaram ser importante melhorar suas condições de trabalho. Se somarmos estas respostas temos um total de 31% de estudantes para os quais a prioridade do investimento governamental deve ser melhorar a situação do professor. Novamente, a centralidade do educador como ator essencial para uma escola de qualidade aparece nas respostas dos alunos.

Um dado importante para pensar nas políticas para o ensino médio é que um percentual significativo (11%) de estudantes indicou que o governo deveria oferecer algum auxílio financeiro para os alunos estudarem.

Tabela 31. Ação mais importante que o governo deveria fazer para melhorar a escola, por sexo, em %

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Aumentar recursos para a escola investir na parte física	22	22	23
Aumentar recursos financeiros para escolas realizarem projetos educacionais	17	13	20
Aumentar o salário dos professores	16	20	13
Dar mais condições de trabalho aos professores	15	16	13
Oferecer auxílio financeiro para os alunos estudarem	11	10	11
Aumentar a fiscalização das escolas	5	6	4
Oferecer ajuda de profissionais externos para as escolas	4	4	3
Oferecer apoio psicológico e médico aos alunos	4	2	5
Oferecer mais capacitação aos professores	2	2	4
Outro fator	2	4	2
Ser mais rigoroso nas avaliações do ensino médio	2	2	2
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

4. Quais são os sentidos e as expectativas para o ensino médio?

Um conjunto de questões buscou apreender os sentidos atribuídos pelos jovens ao ensino médio: suas expectativas ao entrarem na escola, o tipo de formação oferecida, as prioridades que o ensino médio deveria atender, e os tipos de atividades ligados a estas prioridades.

4.1. Quais eram as expectativas ao entrar no ensino médio?

Quanto ao que os jovens esperavam da escola média ao ingressarem, percebemos uma forte aposta de que este nível de ensino os preparasse para o mercado de trabalho (43%). Esta resposta foi enfatizada por mais de 50% dos alunos da Escola Jd. Planalto e da Escola A. E. Carvalho. Os estudantes do 1º ano (46%) indicam mais esta expectativa, que vai diminuindo no 2º (42%) e 3º anos (38%), bem como é algo mais significativo para os alunos do período noturno (48%), seguido do matutino (41%), e bem menos expressivo no vespertino (34%). Vale lembrar que a única escola com salas de ensino médio à tarde é a Escola Carrão, e que a presença neste período indica uma condição social diferenciada e uma relação ainda mais distante com o mundo do trabalho (76% destes alunos nunca trabalharam, contra 62% na média geral da escola, e 55% na média das 5 escolas investigadas).

Tabela 32. Expectativas dos estudantes ao entrarem no ensino médio, por série e sexo, em %

	TOTAL	SÉRIE			SEXO	
		1º Ano	2º Ano	3º Ano	Masculino	Feminino
Prepar-me para o mercado de trabalho	43	46	42	38	45	41
Prepararme para prestar o vestibular	25	18	24	35	17	31
Conseguir o diploma	8	7	8	11	11	6
Preparar-me para ser cidadão, compreendendo direitos/deveres	8	9	8	6	9	7
Encontrar pessoas novas, fazer amizades e me relacionar	6	6	6	4	6	5
Não tinha nenhuma expectativa	4	5	4	2	6	3
Aprender a me comunicar melhor e a expressar minhas idéias	4	4	5	2	4	4
Outra expectativa	1	3	3	1	2	1
Ter mais acesso à cultura como: livro, peças de teatro etc	1	2	0	0	0	1
Total	100 (880)	100 (355)	100 (296)	100 (229)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Esta expectativa pode estar ligada ao acesso a conhecimentos e habilidades que aumentem a capacitação dos jovens e suas chances de se inserir profissionalmente, mas talvez esteja relacionada, sobretudo, à própria certificação do ensino médio, vista como requisito mínimo para conseguir um emprego no mercado de trabalho atual. A escolaridade como requisito para a empregabilidade é algo tão forte na realidade vivida por estes jovens, que deve ter se refletido em suas respostas. De qualquer forma, quando acenam com a expectativa de uma escola que os prepare para o trabalho, os jovens expressam a centralidade que este ocupa nesse momento de suas vidas.

Em segundo lugar, os jovens afirmam que esperavam da escola uma preparação para o vestibular (25%), sendo esta uma expectativa mais forte na Escola Aricanduva (36%) e na Escola Carrão (28%). Trata-se de uma expectativa, sobretudo, das meninas (31%), o que revela que, para elas, há uma relação mais íntima entre o ensino médio e um projeto de continuidade dos estudos em nível superior, diferentemente dos meninos para os quais a relação com o trabalho é mais significativa.

Inversamente às respostas voltadas ao mercado de trabalho, aqui o percentual aumenta conforme a série, de forma que o ápice da expectativa voltada para o vestibular se encontra nos 3ºs anos, provavelmente porque é neste momento que se deparam com a necessidade de escolher um curso universitário e definir seu futuro próximo. No entanto, este processo não se observa na E. E. A. E. Carvalho, em que os estudantes dos 3ºs anos são os que menos indicam expectativas ligadas ao ensino superior.

Em terceiro lugar aparecem empatados a preparação para a cidadania e a conquista do diploma como expectativas que atingem, cada uma, 8% de menções, sendo que esta última é mais freqüente entre os rapazes.

É interessante comparar os dados sobre as expectativas dos alunos ao entrarem na escola, com a sua opinião a respeito do tipo de formação concretamente oferecido pela escola. Aquilo que era esperado de fato se concretizou no ensino médio?

4.2. O que a escola de ensino médio ensina de fato?

A formação oferecida pela escola, segundo os alunos, está mais voltada à preparação para o vestibular (21%) e, depois, para o mercado de trabalho (17%). Mas a tendência encontrada na questão anterior em relação às séries se mantém: os alunos do primeiro ano indicam mais atividades de formação para o trabalho, e os do 3º ano, as atividades de preparo para o vestibular. Tais percepções, portanto, parecem ser muito influenciadas pelo momento do percurso escolar em que se encontram os estudantes.

Tabela 33. Atividades mais realizadas pela escola, por série, em %

	TOTAL	SÉRIE		
		1º Ano	2º Ano	3º Ano
Preparação para o vestibular	21	16	23	27
Preparação para o mercado de trabalho	17	22	14	12
Não realiza nenhuma atividade	13	11	14	14
Contribui para eu conseguir o diploma	12	13	10	12
Preparação para ser cidadão, compreendendo direitos/deveres	10	14	8	8
Ensina a me comunicar melhor e expressar minhas idéias	8	7	9	8
Proporciona mais acesso à cultura como: livros, teatro	7	7	9	5
Outra atividade	6	5	7	8
Oportunidade para encontrar pessoas novas e fazer amizades	6	6	5	7
Total	100 (880)	100 (355)	100 (296)	100 (229)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Assim como nas expectativas, as moças são as que mais apontam que as atividades estão voltadas para o ingresso no ensino superior.

É significativo que 13% tenha afirmado que a escola não realiza nenhuma atividade. De fato, nesta questão as respostas estão mais fragmentadas em termos de percentuais, indicando que se há campos bem identificados de expectativas quanto ao ensino médio, isso se dilui quando o assunto é o que a escola realiza de fato. Os alunos revelam alto grau de dispersão quando falam disso, demonstrando que esta questão está pouco clara para eles.

Uma possibilidade de interpretação é que os alunos associam o que a escola faz com a sua busca pessoal dentro do ensino médio: se a expectativa dele está mais ligada ao trabalho, tenderá a atribuir um sentido para as atividades escolares mais próximo disso, o mesmo ocorrendo em relação ao vestibular. Assim, diante da fluidez dos objetivos do ensino médio, os alunos constroem individualmente os significados para o tipo de formação recebida.

Para além do que esperam e do que verificam acontecer na escola, perguntamos também aos jovens qual deveria ser a prioridade do ensino médio. Afinal, o que esta escola deve ensinar?

4.3. Qual deve ser a prioridade do ensino médio?

Os jovens entendem que o ensino médio deve prioritariamente prepará-los para que possam entrar numa faculdade (43%), mas também formá-los para o mercado de trabalho (32%) e para a cidadania (19%). Nenhum destes três caminhos de formação foi descartado. Mais uma vez, percebe-se uma diferença entre estudantes dos 1ºs anos e dos 3ºs anos, isso porque para o grupo que está no último ano de ensino médio, a preparação para o ingresso no ensino superior é mais prioritária.

Tabela 34. Prioridade do ensino médio, por série, em %

	TOTAL	SÉRIE		
		1º Ano	2º Ano	3º Ano
Formar o jovem para entrar na faculdade	43	38	44	51
Formar o jovem para o mercado de trabalho	32	34	32	28
Desenvolver o jovem como ser humano e cidadão	19	23	18	15
Outras	6	5	6	5
Total	100 (880)	100 (355)	100 (296)	100 (229)

Amostra entre parênteses

Ação Educativa. 2007.

É importante analisar isso à luz dos resultados dos 8 grupos de diálogo realizados nas mesmas escolas, e que aprofundaram de forma qualitativa suas opiniões sobre o ensino médio. Nestes grupos, houve um consenso significativo em torno da aposta num ensino médio voltado à formação para a cidadania e para a vida, o qual abrange a formação para o trabalho e para a continuidade dos estudos, indicando a articulação deste caminho com a realização de um trabalho de orientação profissional junto aos estudantes. Esta orientação teria como objetivo levar ao alunos a delinearem projetos de futuro profissional, incluindo a dimensão da escolha de áreas de atuação no mercado de trabalho e a busca da qualificação necessária, seja em nível técnico, seja em nível superior, de forma que estejam articuladas a dimensão da continuidade dos estudos e de preparação para o trabalho.

A escolha do caminho da cidadania pelos participantes dos diálogos também diz respeito a um tipo de escola capaz de acompanhar o desenvolvimento da sociedade, abrir-se à novas tecnologias e linguagens, estar voltado à formação mais integral da pessoa, dos valores, hábitos e atitudes requeridos pela vida democrática, distanciando-se de um ensino voltado ao treinamento ou preparação técnica.

Notamos que, diante da oportunidade de refletir sobre o ensino médio tendo acesso à dados e informações (caderno de trabalho), trocando idéias com outras pessoas e problematizando suas percepções iniciais, os estudantes tendem a mudar a opinião que expressam no questionário, deslocando a prioridade do ensino médio da formação para o vestibular para uma formação cidadã, que não obstante, inclui a dimensão do direito ao trabalho e à continuidade dos estudos, ambos direitos cruciais para os jovens.

4.4. Como a escola deve formar para o trabalho?

Indagamos aos jovens quais seriam as atividades que a escola deveria realizar para efetivamente formar os alunos em cada um dos três caminhos indicados.

Tabela 35. Ação mais importante para a formação voltada ao mercado de trabalho, por sexo, em %

AÇÃO	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Oferecer cursos profissionalizantes	46	51	42
Garantir qualidade de ensino para competir por vagas no mercado	11	8	13
Ajudar o jovem a escolher uma carreira profissional	10	12	9
Facilitar o acesso à estágios e oportunidades de emprego	10	7	12
Fornecer conhecimentos que auxiliem em todas as profissões	8	7	9
Fornecer informações sobre as várias profissões e cursos	6	5	8
Ensinar a elaborar currículo e a se portar numa entrevista	3	3	3
Promover a capacitação em informática	2	2	2
Dar cursos de gestão de negócios próprios	0	0	1
Estimular a iniciativa e a liderança	0	1	0
Outra ação	4	5	1
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Quanto ao caminho da formação para o mercado de trabalho, os jovens indicam como prioridade a realização de cursos profissionalizantes (46%), e logo depois, curiosamente, indicam que a garantia de qualidade do ensino seria uma forma de aumentar sua competitividade no mercado de trabalho (11%). Numa perspectiva semelhante, 8% dos estudantes indicaram que o papel da escola seria fornecer conhecimentos úteis a todas as profissões. Há, portanto, uma contribuição da escola na formação para o trabalho que não se restringe ao ensino de uma profissão, mas ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades necessários ao mundo do trabalho.

Ensinar a fazer currículo e se portar numa entrevista foi um aspecto pouco mencionado (3%), embora exista um discurso bastante difundido sobre a importância deste tipo de formação para os jovens.

Outra idéia bastante propagada por muitas iniciativas governamentais e da sociedade civil é a importância de fomentar o empreendedorismo juvenil, quando se fala em jovens e mercado de trabalho. No entanto, as opções ligadas a isso (dar cursos sobre gestão de negócios próprios, e estímulo à iniciativa e liderança) tiveram percentuais zerados nas respostas dos alunos, indicando que são questões ainda distantes do mundo destes jovens, e sobretudo, que não é este o tipo de trabalho que eles estão buscando.

As alternativas “ajudar o jovem a escolher uma carreira” (10%), “facilitar o acesso à estágios e oportunidades de emprego” (10%), “fornecer informações sobre as várias profissões e cursos” (6%) quando somadas, chegam a 26% do total de respostas, atrás apenas das menções aos cursos profissionalizantes.

Aquelas alternativas referem-se a atividades voltadas à orientação profissional dos alunos, e não à formação técnica-profissionalizante. Assim, já no resultado da pesquisa quantitativa há uma indicação, confirmada e ampliada nos grupos de diálogo, para a necessidade de orientação profissional nas escolas de ensino médio.

Mais ainda, vemos que a formação para o trabalho não é sinônimo de formação profissionalizante, mas pode e deve se materializar de muitas outras formas. Isso não significa desconsiderar a necessidade da formação técnica, e sua demanda por parte dos jovens, inclusive a necessidade de ampliação destas oportunidades em estabelecimentos de ensino apropriados, mas sobretudo reconhecer que, ainda que não seja possível (ou desejável) incluir habilitações profissionalizantes no ensino médio regular, ainda assim esta escola pode e deve fazer muito no que tange à formação para o trabalho.

4.5. Como a escola deve formar para o ingresso na universidade?

Para que seja bem sucedida neste tipo de formação, a escola precisa estar voltada aos conteúdos. É o que afirmam 45% dos estudantes, principalmente os rapazes (52%), contra 40% das moças. Mas outros fatores que podem apoiar o ingresso na faculdade também são priorizados: “fornecer informações sobre as carreiras” (13%), “preparar para o ENEM” (11%),

Tabela 36. Ação mais importante para a formação voltada à entrada no ensino superior, por sexo, em %

AÇÃO	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Ensinar todos os conteúdos que são cobrados no vestibular	45	52	40
Fornecer informações sobre os cursos superiores e carreiras	13	12	13
Preparar os jovens para a prova do ENEM	11	10	13
Realizar testes e provas que preparem para o vestibular	9	10	8
Garantir qualidade de ensino para competir por vagas na universidade	9	5	12
Estimular os alunos a prestarem vestibular e ingressarem nas universidades públicas	5	5	6
Promover visitar dos alunos às diferentes universidades	3	1	5
Outra ação	3	4	2
Oferecer atividades de reforço fora do período escolar	1	1	1
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

4.6. Como a escola deve formar para a cidadania?

Os dois principais quesitos desta formação cidadã são a realização de ações que ajudem a comunidade (30%) e o ensino de conteúdos voltados à uma visão crítica da realidade (22%). Ou seja, dois aspectos estão no centro da expectativa dos jovens: a construção da cidadania como prática social, e a construção da cidadania através do pensamento e da reflexão. No entanto, a escola costuma valorizar muito mais o último aspecto, que transforma a cidadania apenas em conteúdo escolar. Os alunos indicam a necessidade de romper com esta orientação e de valorizar a ação e a prática como aspectos cruciais, afinal, se trata de uma cidadania para a vida, e não voltada para as provas.

Tabela 37. Ação mais importante para a formação voltada à cidadania, em %

AÇÃO	TOTAL 100 (880)
Estimular a realização de ações que ajudem a comunidade	30
Conteúdos para formação de uma visão crítica da realidade	22
Ensinar os valores de solidariedade e respeito às diferenças	13
Dar espaço para os alunos realizarem projetos e atividades culturais	13
Ensinar o funcionamento da democracia	7
Incentivar a prática esportiva, jogos e campeonatos	5
Incentivar hábitos de vida saudável e cuidados com o meio ambiente	5
Outra ação	4
Estimular a participação dos jovens em grêmios	2

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Outras duas atividades são muito valorizadas: conceder espaço para os alunos realizarem projetos e atividades culturais (13%) e ensinar os valores da solidariedade e o respeito às diferenças (13%). Novamente os alunos associam teoria à prática. De um lado a defesa de valores e, de outro, oportunidades para exercitá-los concretamente.

Outro aspecto defendido pelos alunos é que a escola ensine o funcionamento da democracia, sendo que 7% dos alunos apontaram esta como a principal prioridade para uma formação cidadã, e quando puderam optar pela segunda atividade prioritária, 15% escolheram este quesito.

4.7. Diferenças entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio

Entendemos que o ensino médio marca um outro momento da escolarização, distinto do ensino fundamental, e intimamente relacionado à vivência da adolescência e da juventude como momentos especiais do ciclo de vida, e que demandaria outro tipo de organização escolar. Mas na prática, observamos que a escola de ensino médio tende a reproduzir, em grande parte, o modelo do ensino fundamental, reforçando ainda mais a ênfase nos conteúdos. Mesmo que a escola de ensino médio não seja, em sua organização, muito diferente das escolas de ensino fundamental, será que os estudantes percebem diferenças e rupturas na transição de uma etapa para outra?

Os respondentes apontaram que a quantidade de professores aumenta, bem como seu distanciamento em relação aos alunos (para 36% o distanciamento é maior no ensino médio, e para 45% dos alunos não há diferença). Mas embora estejam mais distantes dos alunos no ensino médio, os professores passam a ser mais exigentes quanto às boas notas. Cresce também a liberdade dos alunos na escola e suas oportunidades para se expressar em sala de aula.

A diferença central está no aumento da quantidade de matérias e conteúdos, maior presença de aulas teóricas e o maior grau de dificuldade nos conteúdos. Quanto à clareza em relação às regras da escola não há diferença para 41%.

Sabemos que os desafios de aproximação com as famílias são maiores no ensino médio, já que os jovens possuem maior grau de autonomia em relação à opção de estudar e ao próprio desempenho escolar. Mas embora isso seja confirmado em parte pelos dados, em que 33% dos alunos indicaram que o incentivo e acompanhamento de seus familiares na escola era maior na 8ª série, não se pode afirmar isso de forma tão taxativa, pois 46% dos alunos afirmaram que o incentivo de pais e familiares não mudou da 8ª série para o ensino médio.

Para metade dos respondentes, nada muda em termos das dificuldades no relacionamento entre os alunos na escola, e para 26% estas dificuldades são maiores no ensino médio. Mas, quando o assunto são os conflitos com os professores o ensino médio ganha destaque. Isto porque aparecem os conflitos intergeracionais (jovens e adultos) provocados por uma expectativa de maior horizontalidade nesta relação, o que muitas vezes se confronta com a maneira pela qual o professor constrói sua autoridade. Vejamos na tabela abaixo os principais pontos que diferenciam a organização da escola média do ensino fundamental:

Tabela 38. Principais diferenças entre 8ª série e ensino médio, em %

	Quantidade de matérias e conteúdos	Dificuldade das matérias	Quantidade de aulas teóricas	Quantidade de professores	Conflitos entre alunos e professores
Maior na 8ª série	14	12	16	16	13
Maior no ensino médio	65	60	41	54	49
Não há diferença	14	22	37	26	33
Não opinou	6	5	6	5	6
Total	100 (880)	100 (880)	100 (880)	100 (880)	100 (880)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Agora vamos observar quais são as diferenças, considerando o papel dos alunos dentro da escola de ensino médio:

Tabela 39. Diferenças entre 8ª série e ensino médio, em %

	Liberdade dos alunos na escola	Espaço para se expressarem na sala de aula
Maior na 8ª série	19	17
Maior no ensino médio	49	40
Não há diferença	26	36
Não opinou	6	6
Total	100 (880)	100 (880)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

É provável que o maior grau de autonomia e expressão dos alunos no ensino médio reflita a própria característica da fase de vida destes sujeitos em que está em construção um processo, longo e conflituoso, de emancipação e de independência.

Os dados não autorizam falar em ruptura com o ensino fundamental, mas no acirramento de um modelo escolar conteudista, fragmentado, excessivamente teórico e calcado no trabalho de professores especialistas cada vez mais voltados ao ensino dos seus conteúdos específicos, e cada vez mais distanciados dos estudantes. Aumentam as disciplinas com duas aulas por semana, que implicam contato pontual dos profissionais com as salas de aula. A necessidade dos professores completarem sua carga horária os levam a lecionar para muitas turmas, contexto em que torna-se difícil até mesmo saber o nome dos alunos. O próprio modelo escolar induz os professores a comprometerem-se mais com seus conteúdos do que com as pessoas.

4.8. Ensino Médio e Projetos de Vida

O ensino médio é a última etapa da educação básica, o que coloca os sujeitos diante da necessidade de traçarem planos e realizarem escolhas a partir daí: entrar na faculdade? Em qual curso, e qual escola? Começar a trabalhar? Manter-se no trabalho atual?

Procuramos descobrir se os jovens avaliam sua passagem no ensino médio como propulsora de melhorias para sua vida, e como eles articulam esta passagem a outros projetos futuros.

Quanto à passagem pelo ensino médio, os jovens mostram-se muito otimistas: 84% dos alunos afirmaram que sua vida melhorará muito depois que se formar.

Apenas 1% disse que sua vida vai piorar, 8% consideram que sua vida vai melhorar pouco e 4% acham que ela ficará igual. Os alunos do 1º ano são os mais otimistas. Não há diferenças entre o diurno e noturno. No grupo dos mais otimistas as meninas ganham destaque: para 90% delas o ensino médio trará muitas melhorias.

Tabela 40. Expectativa após concluir o ensino médio, por sexo, em %

	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Melhor muito	84	76	90
Melhor pouco	8	12	5
Continue igual	4	6	2
Pior pouco	1	1	1
Pior muito	0	1	0
Não sabe	3	4	2
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Mas a qual fator os alunos atribuem esta expectativa tão positiva?

Antes de qualquer coisa, o ensino médio ajuda a melhorar de vida, pois permite acessar o ensino superior (41% mencionaram este fator). Mas também porque ele prepara os jovens para a vida (33%) e aumenta as chances de inserção profissional (20%).

A preparação que o ensino médio realiza para a vida é mais citada pelos rapazes, e as moças indicam mais a abertura de possibilidades para o ingresso na faculdade.

Tabela 41. Razões para a melhoria de vida após conclusão do ensino médio, por sexo, em % (entre os que responderam que sua vida irá melhorar após conclusão do ensino médio)

RAZÕES	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Poderei entrar em uma faculdade	41	36	45
Estarei mais preparado para a vida	33	39	28
Terei mais chances no mercado de trabalho	20	18	22
Saberei me relacionar melhor com as pessoas	3	3	3
Outra razão	3	4	2
Total	100 (809)	100 (349)	100 (460)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

Respostas muito significativas que, comparadas às outras, permitem dizer que a construção dos sentidos para o ensino médio são bastante moduladas pela condição sexual dos alunos, destacando-se para as moças a articulação do ensino médio com um projeto de formação a longo prazo, e para os meninos uma forte ênfase na relação da escola com o trabalho e com a construção de experiências que os preparem para a vida.

Por isso, a característica bastante teórica do ensino médio tende a ser melhor enfrentada pelas moças, na medida em que os conteúdos encontram mais importância e sentido dentro de seus projetos de continuidade dos estudos, seja na universidade seja em outros cursos. Para os rapazes, os conflitos com este modelo tendem a ser maiores.

Isso aparece fortemente quando os jovens apontam suas prioridades depois de concluir o ensino médio: 29% das moças concentram seus planos no ingresso numa faculdade pública (contra 22% dos rapazes); 35% deles tomam como prioridade melhorar sua situação no mercado de trabalho (contra 22% das moças). Dentre outras prioridades que envolvem a continuidade dos estudos após o ensino médio, tais como a realização de cursinho pré-vestibular e ingresso em cursos profissionalizantes, as meninas também são maioria.

Tabela 42. Prioridade após concluir o ensino médio, por sexo, em %

PRIORIDADE	TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino
Melhorar minha situação no mercado de trabalho	28	35	22
Entrar em uma faculdade pública	26	22	29
Fazer cursos profissionalizantes	15	12	18
Fazer um cursinho pré-vestibular	13	11	14
Entrar em uma faculdade privada	12	13	11
Outra prioridade	6	7	5
Total	100 (880)	100 (397)	100 (483)

Amostra entre parênteses
Ação Educativa. 2007.

PARTE II - GRUPOS DE DIÁLOGO SOBRE ENSINO MÉDIO

1. Grupos de Diálogo: uma metodologia participativa

Os grupos de diálogo realizados foram inspirados na metodologia *ChoiceWork Dialogue*, desenvolvida por Daniel Yankelovich¹ com o objetivo de ir além das pesquisas de opinião tradicionais e promover um processo de reflexão e deliberação coletiva sobre assuntos que afetam o interesse público.

A noção mais tradicional de opinião pública considera a disponibilidade de informações como a base principal para a construção das opiniões das pessoas. Ocorre que a construção das opiniões está muito relacionada à troca de idéias, à influência da opinião de outras pessoas como familiares, amigos, vizinhos, ao contato com diferentes pontos de vista e com a oportunidade de negociá-los, tendo em vista a elaboração de um posicionamento coletivo. Os “grupos de diálogo” buscam justamente criar oportunidades para que as pessoas possam ter acesso a informações sobre um tema de interesse público, expressar os vários pontos de vista e valores que possuem a respeito do assunto e ampliar estas posições, buscando uma posição mais coletiva sobre a questão colocada. Por este motivo o diálogo é visto como um processo educativo e de deliberação pública.

A metodologia tem sido utilizada no Canadá e EUA abordando diferentes temáticas:

“Ela é usada prioritariamente no debate sobre políticas públicas. Na verdade, a metodologia-ChoiceWork Dialogue tem se mostrado eficaz na averiguação de possibilidades de implementação de políticas polêmicas ou sobre as quais não existe consenso na sociedade. Essa metodologia já foi aplicada para mapear o posicionamento da sociedade em relação a questões tais como: o contrato/pacto social no Canadá; tensões étnico-raciais nos Estados Unidos; os desafios colocados pela imigração nos EUA; biotecnologia e alimentação; além de questões como a saúde pública e os resíduos nucleares no Canadá. Independente do assunto a ser tratado, no entanto, parece ser ponto comum a todos eles a vinculação direta a políticas públicas. Os “cenários”, nesse contexto, expressam alternativas políticas, que se situam entre o conservadorismo e propostas mais progressistas, levando em conta as possibilidades disponíveis na sociedade em que o Diálogo será desenvolvido e da temática em questão.” (IBASE/ Polis, 2006)

Os grupos de diálogo foram utilizados pela primeira vez no Brasil em 2005, na pesquisa nacional “Juventude Brasileira e Democracia” coordenada pelas Ongs Ibase e Instituto Polis juntamente com uma organização de pesquisa canadense que domina esta tecnologia no país (CPRN). O objetivo foi investigar as dinâmicas de participação política da juventude brasileira em oito regiões metropolitanas, e em São Paulo o trabalho foi desenvolvido pela Ação Educativa.

O contato e a utilização da metodologia apontaram seu grande potencial para discutir questões-chave e polêmicas, aliando um processo educativo de qualificação das opiniões, a um exercício de decisão coletiva. Por estes motivos a metodologia inspirou a realização de grupos de diálogo sobre o ensino médio, envolvendo os diferentes segmentos escolares, com o objetivo de fomentar nas escolas uma discussão sobre educação e especificamente sobre o tipo de ensino médio que estes atores almejam e defendem.

Para tanto foram realizados ajustes na metodologia original. A primeira delas diz respeito à duração do diálogo, que foi reduzida de 8 para 7 horas, tendo em vista a dificuldade de envolver estudantes, professores e demais segmentos durante todo o dia de sábado. Abaixo segue a pauta do dia, passo a passo.

¹The magic of Dialogue (1999). Mais informações no site www.viewpointlearning.com

1.1. O dia de diálogo

Para dar uma noção mais concreta do que é realizado ao longo de um grupo de diálogo é interessante verificar a programação do dia:

PROGRAMAÇÃO

- 1) Boas-vindas, apresentação dos objetivos do dia e apresentação dos participantes.
- 2) Cada participante é convidado a elaborar um recado para as autoridades responsáveis pela educação no país e no estado de São Paulo. Os recados serão lidos e socializados na plenária.
- 3) Apresentação da Agenda do dia, dos compromissos do diálogo e dos três caminhos de ensino médio.
- 4) Preenchimento de ficha inicial pelos participantes, com o objetivo de apreender a visão que eles trazem no início do dia, em relação ao tema abordado no diálogo, ou seja, o ensino médio.
- 5) Trabalho em grupos (manhã), sobre a seguinte questão:
 - Considerando os desafios do seu dia-a-dia e os seus projetos para o futuro, que coisas você precisa aprender? (grupos de estudantes)
 - Considerando o seu conhecimento a respeito da vida dos jovens, que coisas eles precisariam aprender? (grupos mistos)
- 6) Apresentação do trabalho dos grupos e diálogo em plenária: quais os pontos comuns na apresentação dos grupos? Quais consensos podemos extrair?
Almoço
- 7) Trabalho em grupos (tarde), sobre a seguinte questão:
Considerando as aprendizagens necessárias à vida dos jovens, qual o melhor caminho para o Ensino Médio?
Caminho 1: O Ensino Médio deve formar para o trabalho
Caminho 2: O Ensino Médio deve formar para o ingresso no ensino superior
Caminho 3: O Ensino Médio deve formar para a vida e para a cidadania
Os grupos podem escolher 1 caminho, mesclar mais de 1 caminho, criar um novo caminho ou concluir que nenhum destes caminhos é adequado.
Para realizarem sua escolha, os grupos farão a leitura do caderno de trabalho Que Ensino Médio queremos?, especialmente elaborado para os diálogos.
- 8) Apresentação do trabalho dos grupos e diálogo em plenária: quais os pontos comuns na apresentação dos grupos? Quais consensos podemos extrair?
- 9) Preenchimento de ficha final pelos participantes, com o objetivo de mensurar se houve mudança de opinião após o dia de diálogo, e qual a direção desta mudança.
- 10) Avaliação do dia pelos participantes.

1.2. Os instrumentos metodológicos

A metodologia prevê o desenvolvimento de instrumentos específicos, como o caderno de trabalho e as fichas iniciais e finais. O **caderno de trabalho** apresenta três cenários ou caminhos para o equacionamento da questão proposta, no nosso caso, as políticas de ensino médio. Os cenários devem ser construídos a partir de elementos da realidade social, e de opiniões tanto do senso comum quanto dos debates públicos e acadêmicos que estejam disponíveis e sejam reconhecidos pela sociedade. Para contemplar os argumentos representativos do estado da questão na sociedade, os cenários/caminhos devem trazer diferentes posições, desde as mais “conservadoras” até as mais “progressistas”.

Para a definição dos cenários/caminhos para o ensino médio nos apoiamos em estudos da área, na legislação existente, em pesquisas que mostravam a opinião dos estudantes em relação aos objetivos do ensino médio, sobretudo pesquisa realizada pela Unesco em 2003, e reuniões com especialistas na área de educação.

A caracterização de cada um dos caminhos envolveu uma breve apresentação, uma seção “você sabia?” com dados e informações e, uma seção “pontos favoráveis” e “pontos desfavoráveis”. Além da descrição dos caminhos, o caderno de trabalho também trouxe uma introdução sobre o projeto “Jovens Agentes pelo Direito à Educação (JADE)”, uma apresentação do dia de diálogo e, ao final, dicas de sites e livros para quem quisesse se informar mais sobre a temática.

Vejamos abaixo os caminhos apresentados no caderno de trabalho², considerando a introdução e os pontos favoráveis e desfavoráveis:

²A versão integral do caderno de trabalho sobre ensino médio está disponível no site da Ação Educativa,

Caminho 1

O ENSINO MÉDIO DEVE FORMAR PARA O TRABALHO

No Brasil, uma parcela importante dos jovens que estudam está trabalhando ou procurando trabalho. Ou seja, são estudantes, mas também são trabalhadores. Uma das maiores preocupações destes jovens é como se inserir num mercado de trabalho tão competitivo, com oportunidades cada vez mais escassas. E para os que já estão nele, o desafio é de se manter e/ou conseguir progredir profissionalmente.

É dever da escola, como um espaço dedicado à formação e preparação dos jovens, reconhecer a necessidade do trabalho em suas vidas e ajudá-los a compreenderem o funcionamento do “mundo do trabalho” atual, bem como apoiá-los para que tenham mais chances de nele se inserir, permanecer e progredir.

Pontos favoráveis

- Se a escola for voltada à formação profissional, permitirá que os jovens tenham um diploma. Isso vai facilitar sua entrada no mercado de trabalho em ocupações mais qualificadas.
- A escola deixará de se silenciar em relação à condição trabalhadora de seus alunos e deverá oferecer um ensino mais sintonizado com as expectativas e as necessidades profissionais deles.
- O ensino será mais prático, voltado ao trabalho, e, conseqüentemente, menos teórico, o que vai despertar o interesse dos alunos.
- Os jovens terão mais chances de construir um projeto profissional ao longo do Ensino Médio, coisa que não acontece hoje em dia. Isso porque vão compreender melhor o mercado de trabalho e serão estimulados a pensar sobre si dentro deste mercado, a planejar e projetar uma escolha profissional, bem como ter idéia de caminhos que deverão percorrer para concretizar seus planos.
- O país poderá melhorar sua economia, pois se os jovens estiverem melhor preparados para o trabalho serão mais produtivos e capazes de gerar mais riquezas.
- A escola terá que se atualizar em relação às mudanças científicas, tecnológicas, produtivas, tornando-se mais próxima dos avanços existentes nas empresas e na sociedade, e aproximando os alunos destes avanços.

Pontos desfavoráveis

- Se as escolas oferecerem formação tendo em vista fornecer uma habilitação profissional aos jovens, vai gerar um “excesso” de diplomas no mercado. Diante de tanta oferta de diplomas, eles valerão pouco e, conseqüentemente, não vão ajudar os jovens a conseguirem emprego.
- A escola vai deixar de formar cidadãos críticos e conscientes para formar, sobretudo, trabalhadores que “sirvam” para o mercado de trabalho, que se “encaixem” nas exigências dos empregadores e cuja preocupação central é com sua própria vida profissional.
- Como as escolas estão muito despreparadas para a formação profissional (não tem laboratórios, equipamentos, máquinas e materiais) vão oferecer um ensino de baixa qualidade.
- Os jovens que serão formados para o trabalho terão mais dificuldade de prestar o vestibular, pois não foram preparados para isso. As chances dos alunos de escolas públicas entrarem na faculdade vão diminuir ainda mais.
- Como os professores que estão nas escolas não possuem conhecimentos técnicos e profissionalizantes, eles podem perder seus empregos, e o país vai desperdiçar um grande contingente de profissionais já formados.
- Como não há empregos para todos, a escola corre o risco de formar trabalhadores que irão ocupar postos de baixa qualificação no mercado de trabalho, desenvolvendo tarefas para as quais a escolaridade do Ensino Médio não seria necessária. Isso iria reforçar ainda mais as desigualdades já existentes.

Caminho 2

O ENSINO MÉDIO DEVE FORMAR OS JOVENS PARA INGRESSAREM NO ENSINO SUPERIOR

Atualmente as oportunidades de escolarização estão aumentando para os jovens. Cada vez mais eles têm acesso ao Ensino Médio e também demonstram interesse em prosseguir os estudos nas universidades. Em boa parte, isso se deve à necessidade de buscar maior qualificação frente a um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. Isso porque quanto maior o grau de escolaridade, maiores as chances de conseguir um emprego e de progredir profissionalmente.

Além disso, a vida universitária abre um grande leque de oportunidades aos jovens: acesso a um ambiente acadêmico, experimentação de escolhas profissionais, convívio com outros jovens, engajamento em projetos de extensão universitária que ajudam as comunidades, contato com informações e conhecimentos socialmente valorizados, entre outros. Enfim, a universidade oferece um conjunto de oportunidades de crescimento pessoal e social. Considerando a alta competitividade pelas vagas nas universidades, sobretudo nas públicas, é tarefa da escola preparar os jovens para enfrentarem esta competição e, inclusive, estimular e incentivar aqueles alunos que ainda não tenham interesse a ingressarem no Ensino Superior.

Pontos favoráveis

- Os alunos das escolas públicas terão maiores chances de entrarem nas universidades, inclusive nas públicas. Isso vai permitir romper o ciclo de reprodução da desigualdade social, pois as pessoas mais pobres terão mais chances de melhorar de vida.
- Quem está preparado para o vestibular também está mais preparado para enfrentar outras provas, como os concursos públicos e outros processos de seleção.
- Os alunos vão ficar mais motivados para estudar e para concluir o Ensino Médio, pois vão sentir que têm chances reais de entrarem numa universidade.
- Os jovens, em geral, serão estimulados a seguirem uma carreira universitária, o que vai aumentar o nível de escolaridade da população brasileira e possibilitar ao país acelerar seu processo de desenvolvimento econômico e social.
- A preparação para o ingresso no Ensino Superior vai fornecer uma base de formação teórica e científica aos jovens. O Brasil vai revelar talentos na área da pesquisa e da ciência, o que é muito importante para o desenvolvimento de um país.
- Os jovens dependeriam cada vez menos de cursinho particulares e deixariam de contribuir para o atual “mercado dos vestibulares”.

Pontos desfavoráveis

- O Ensino Médio vai se voltar ao preparo dos jovens para a competição no vestibular, quando deveria ensinar os valores da cooperação, da solidariedade e da inclusão. Vai estimular a competitividade em vez de questioná-la e de defender que haja vagas para todos nas universidades.
- Há muitos estudantes no Ensino Médio que não pretendem fazer faculdade. Se a escola for voltada apenas para o prosseguimento dos estudos no ensino superior, estes alunos vão se sentir desestimulados em frequentar o Ensino Médio e a escola não terá sentido para eles.
- A formação para o vestibular é muito restrita aos conteúdos teóricos das várias matérias. Há outras coisas que os jovens devem aprender para se prepararem para a vida, tais como: desenvolver uma visão crítica da realidade, aprender habilidades, atitudes e valores necessários para a vida em sociedade, estar preparado para ajudar a resolver conflitos, saber conduzir-se nas relações afetivas e nos cuidados com o corpo, usar a criatividade, entre outras. Se o Ensino Médio for apenas voltado para o vestibular, vamos ter pessoas com mais conhecimentos, porém menos preparadas para enfrentar os desafios da vida.
- O número de vagas no Ensino Superior é bem menor do que o número de estudantes que se formam no Ensino Médio. Aqueles que não conseguirem entrar numa faculdade vão estar despreparados para outras alternativas e serão prejudicados.
- Não basta formar os jovens para entrarem nas faculdades, pois muitos não têm condições de se manter nelas. Eles precisam comprar livros, pagar pelo transporte, se alimentar, ter tempo disponível para estudar. Boa parte dos jovens apenas poderá se manter na faculdade se arranjar um emprego, mas como o estudante conseguirá fazer isso se estará despreparado para o mundo do trabalho?
- O país precisa de todo tipo de trabalho, não só o de nível superior. Se ficar voltado apenas à preparação para a universidade, o Ensino Médio vai difundir a falsa idéia de que o único caminho para um bom futuro profissional é entrar na faculdade, quando na verdade há outros caminhos.

Caminho 3

O ENSINO MÉDIO DEVE FORMAR OS JOVENS PARA A VIDA E PARA A CIDADANIA

No mundo atual, é cada vez maior a quantidade de informações que as pessoas podem ter acesso. Rádio, televisão, jornais, revistas, filmes, livros e Internet são meios que, sem dúvida, aumentam nosso leque de comunicação e de busca por conhecimento. É papel do Ensino Médio enriquecer as informações disponíveis aos alunos, oferecendo-lhes acesso às tecnologias, aos espaços culturais, às diferentes linguagens artísticas. Mas não pára por aí: a escola precisa formar o aluno para que ele possa ter uma postura ativa frente a esse conjunto de informações e buscar um saber mais

aprofundado, com espírito crítico e fundamentado. A escola deve, principalmente, ajudar o aluno a compreender o mundo e a desenvolver sua própria opinião, a conhecer melhor suas próprias potencialidades e limites, a expressar-se por meio de diferentes linguagens, a saber fazer escolhas conscientes, a conviver com as diferenças, a construir projetos para o seu futuro e para o da sociedade.

Pontos favoráveis

- A formação para a vida e para a cidadania prepara as pessoas para enfrentarem os desafios do presente, para se posicionarem diante da realidade social. Com isso, os indivíduos poderão realizar diversas escolhas, sem se limitar à idéia de somente pensar o que serão no futuro.
- As pessoas se tornarão mais críticas e participativas, o que é bom para o país e para a democracia.
- Uma formação voltada para a cidadania irá enfatizar a importância da convivência democrática, da aceitação das diferenças, da necessidade do diálogo e da participação das pessoas para a resolução dos problemas coletivos.
- Os jovens terão mais acesso a diferentes linguagens artísticas e culturais e às diferentes tecnologias e meios de comunicação.
- Essa formação vai contribuir para as pessoas serem mais criativas, mais autônomas, e não ficarem restritas a um certo tipo de atividade.
- A escola dará uma base para que cada um possa conhecer suas potencialidades e escolher seu próprio caminho na universidade, no mundo do trabalho, no mundo da política e da vida comunitária, dando as condições para que as pessoas continuem aprendendo em outros espaços para além da sua unidade escolar.

Pontos desfavoráveis

- Com essa formação, as disciplinas e conteúdos escolares tradicionais perdem importância, o que pode prejudicar aqueles que pretendem prestar vestibular.
- Essa formação não garante que os estudantes tenham uma profissão e que estejam preparados para um mercado de trabalho competitivo.
- A escola pode perder o seu foco, envolvendo-se em um conjunto de atividades de caráter cultural, comunitário, político e social, sem ter clareza dos seus objetivos.
- O fortalecimento de grupos culturais, de grupos de mídia e de grêmios estudantis nas escolas pode provocar o aparecimento de conflitos e de tensões entre professores e estudantes.
- Os professores teriam que receber um preparo do Estado para esse tipo de formação, pois a maioria deles teve uma formação universitária voltada apenas para a sua disciplina (História, Física...). Esse pode ser um processo muito demorado e os alunos seriam prejudicados por isso.
- A escola é uma instituição muito rígida, que resiste às mudanças. Dificilmente terá agilidade para acompanhar os avanços tecnológicos, o desenvolvimento artístico e cultural, até porque isso exige recursos materiais que a escola não possui. Outros espaços, como a TV, a família, os grupos religiosos e culturais, as associações comunitárias, entre outras, são mais eficientes para possibilitar o acesso às informações, às tecnologias, ao desenvolvimento de valores e ao exercício da cidadania.

As fichas iniciais e finais são outros instrumentos importantes na metodologia. Elas são elaboradas com o objetivo de “medir” a opinião dos participantes individualmente, no início e no fim do dia de diálogo. A ficha inicial apresenta os 3 caminhos que estão no caderno de trabalho, e solicita uma avaliação de cada um deles, com notas de 1 a 5³. A ficha final, além de solicitar as notas, também traz um item com o perfil dos participantes⁴. Cada par de fichas inicial e final recebe o mesmo código, que é entregue ao participante ao chegar no diálogo e anotado em seu crachá.

A metodologia prevê a realização de trabalhos em subgrupos, em que os participantes podem trocar idéias com mais tranquilidade já que o número de pessoas é menor, e momentos em plenárias, nas quais todos se reúnem para apresentar os resultados dos subgrupos e para construir os consensos gerais. Cada grupo de diálogo deve ter como produto final os consensos construídos na plenária.

Ao chegarem para a atividade, os participantes recebiam o caderno de trabalho e um crachá com uma cor orientando a qual subgrupo cada um deveria se dirigir tanto na 1ª etapa (parte da manhã), quanto na 2ª etapa (parte da tarde).

Os diálogos foram organizados e realizados pela equipe da Ação Educativa juntamente com um grupo de 20 jovens agentes educativos, que desempenharam papel de mediadores nas plenárias, e de relatores nos pequenos grupos, e de 5 professores-referência do projeto nas escolas parceiras. Para a condução dos trabalhos, os jovens contaram com o Guia do Facilitador, um documento com a descrição passo-a-passo das etapas do diálogo, com dicas e sugestões.

³Originalmente as notas seriam de 1 a 7, tal como ocorreu na pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia”, mas optamos por restringir a escala de 1 a 5 para evitar uma excessiva dispersão das notas já que o universo de participantes deste diálogo seria menor do que o universo da pesquisa já citada, que teve âmbito nacional.

⁴Ver ficha inicial e ficha final no anexo 1

2. Perfil dos participantes

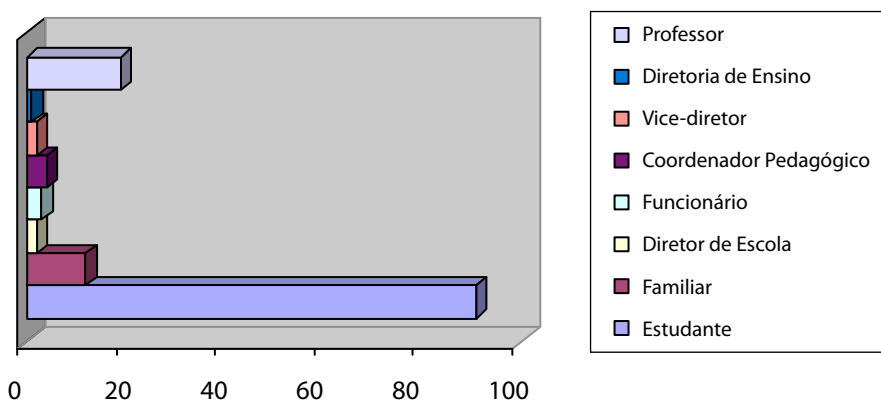
Foram realizados oito Grupos de Diálogo entre 11/08 e 01/09 de 2007. Seis desses grupos foram formados exclusivamente por estudantes e dois deles reuniram diferentes segmentos da escola (familiares dos alunos, professores, coordenadores pedagógicos, diretores, funcionários da escola, supervisores, dirigentes de ensino, pessoas da comunidade) e por isso, foram denominados grupos mistos. Foram ao todo 177 participantes, sendo 112 estudantes e 65 pessoas de diferentes segmentos da comunidade escolar. No quadro abaixo podemos verificar a distribuição numérica dos participantes em cada diálogo:

Tabela 43. Distribuição dos participantes nos grupos de diálogo, por escola

Grupo de diálogo	Nº de participantes	Data
GD estudantes Escola A. E. Carvalho	17	11/08
GD estudantes Escola Carrão e Escola Aricanduva	14	18/08
GD estudantes Escola Jd. Planalto	10	25/08
GD estudantes Escola V. Jacuí	20	01/09
GD estudantes Escola Aricanduva	20	11/09
GD estudantes Escola Carrão	31	12/09
GD misto Escola V. Jacuí e Escola A. E. Carvalho	32	25/08
GD misto Escola Aricanduva, Escola Carrão e Escola Jd. Planalto	33	01/09
Total	177	

Um dos recursos utilizados, como veremos mais à frente, para medir a opinião dos participantes antes e depois dos diálogos, foram as fichas iniciais e finais (ver capítulo 5). Na ficha final os participantes colocavam seus dados para o levantamento de perfil. Houve pessoas que preencheram apenas a ficha inicial, pois deixaram o diálogo antes do seu término, bem como houve pessoas que chegaram atrasadas e preencheram apenas a ficha final. Diante desta discrepância, optamos por trabalhar apenas com o universo exato de pares de fichas (uma mesma pessoa que tenha respondido tanto à inicial quanto à final), que totalizaram 134. Considerando este universo, tivemos 91 estudantes e 43 demais membros da comunidade escolar nos dois Grupos mistos. Aqui vale ressaltar que nos grupos mistos a flutuação das pessoas foi maior, razão pela qual houve maior perda das fichas inicial e final nestes grupos. Assim, o perfil geral que vamos descrever aqui considera 134 participantes, e não o total real de 177.

Gráfico 1. Distribuição dos segmentos nos grupos de diálogos

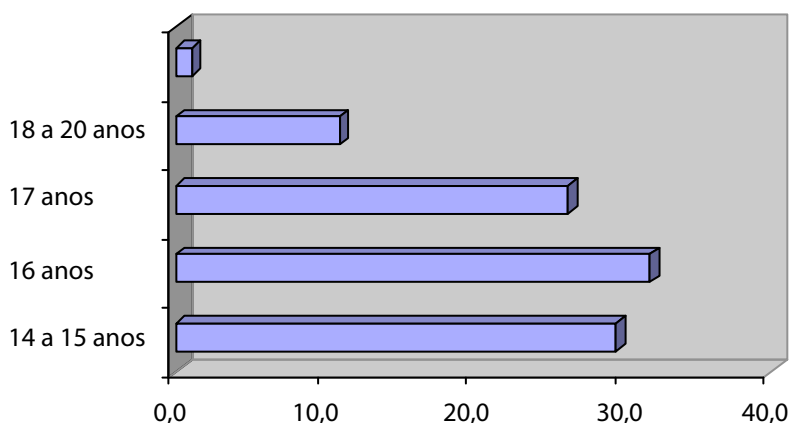


Como era previsto, os estudantes foram o segmento mais numeroso nos diálogos, já que houve seis grupos exclusivamente formados por eles. Considerando os demais segmentos presentes nos grupos mistos há um predomínio de professores, como também era esperado, seguido dos familiares de estudantes e na seqüência, membros da equipe técnica e da diretoria de ensino.

2.1. Estudantes

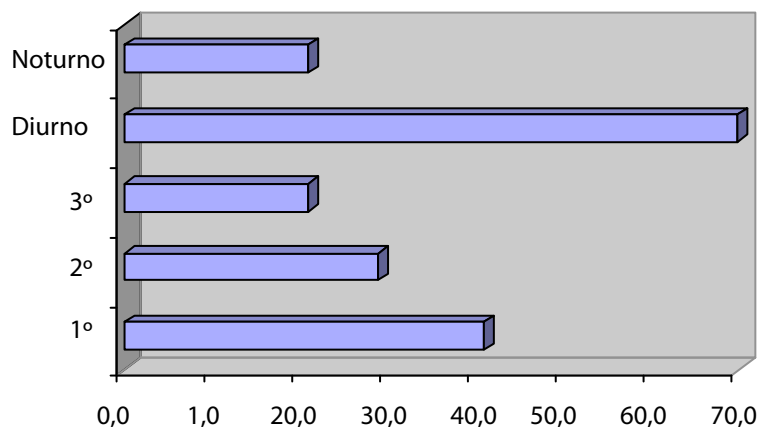
Nos diálogos estiveram presentes 54% de moças estudantes e 46% de rapazes, o que é coerente com a maior participação delas no conjunto dos estudantes das cinco escolas. Na pesquisa quantitativa observamos que as escolas possuem 55% de moças e 45% de rapazes matriculados no ensino médio. Ou seja, os diálogos tiveram uma representação equilibrada de estudantes do sexo masculino e feminino

Gráfico 2. Distribuição dos estudantes nos diálogos, por idade (em%)



Quanto à idade praticamente 88% dos estudantes presentes nos diálogos têm entre 14 e 17 anos, idade ideal para cursar o ensino médio, revelando que, também no quesito idade, os diálogos tiveram um perfil de estudantes bastante representativo do perfil geral dos alunos matriculados nestas escolas. Isso porque na pesquisa quantitativa constatou-se que 87% dos estudantes concentravam-se nessa faixa etária. Dos outros 12% dos alunos dos diálogos, 11% tinham entre 18 e 20 anos, e 1% de 21 a 24 anos de idade.

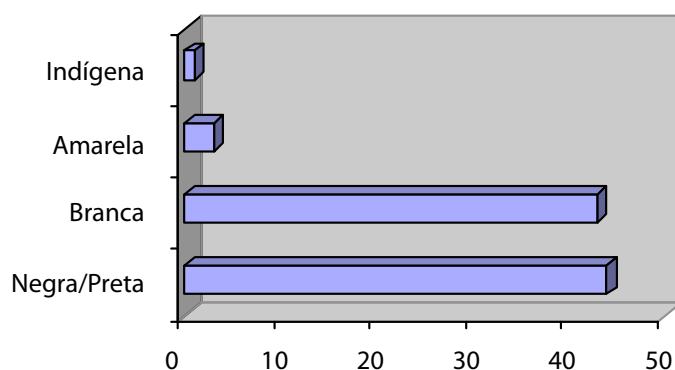
Gráfico 3. Distribuição dos estudantes dos diálogos, por série e período



No que diz respeito às séries e períodos dos alunos que participaram dos diálogos, observamos que 45% deles eram do 1º ano, 31,9% do 2º ano e 23,1% do 3º ano do ensino médio, proporções próximas àquelas encontradas na pesquisa quantitativa que foram respectivamente, de 40%, 34% e 26%. Vale lembrar que todos eram alunos do ensino médio regular, pois o projeto não abordou os alunos da EJA (educação de jovens e adultos).

Os alunos do período diurno foram maioria nos diálogos, 76,9% contra 23,1% de estudantes do noturno, e nesse aspecto houve uma discrepância já que na pesquisa quantitativa os alunos que estudavam de dia representavam 59% e os que estudavam à noite, 41% do total. De fato, as dificuldades para envolver os alunos do período noturno foram maiores por dois motivos principais: o primeiro refere-se à comunicação entre a escola e estes alunos. Mesmo que a convocação tenha sido feita de forma equilibrada entre os períodos, percebemos que a mobilização dos alunos também dependeu da aproximação dos professores junto às turmas, e é possível que tal aproximação tenha sido mais intensa no período diurno em detrimento do noturno, haja vista que a maioria dos professores-referência do projeto leciona naqueles dois períodos. O segundo motivo, talvez até mais importante, é o grau de disponibilidade dos alunos do noturno para a atividade. Existe um maior número de alunos do noturno que trabalham, em comparação aos do diurno, inclusive aos sábados; mas este aspecto também dificultou o contato telefônico da equipe do projeto com os alunos do noturno que haviam se inscrito, pois estavam incomunicáveis durante o dia, e permaneciam na escola durante a noite.

Gráfico 4. Distribuição dos estudantes dos diálogos, por raça/cor

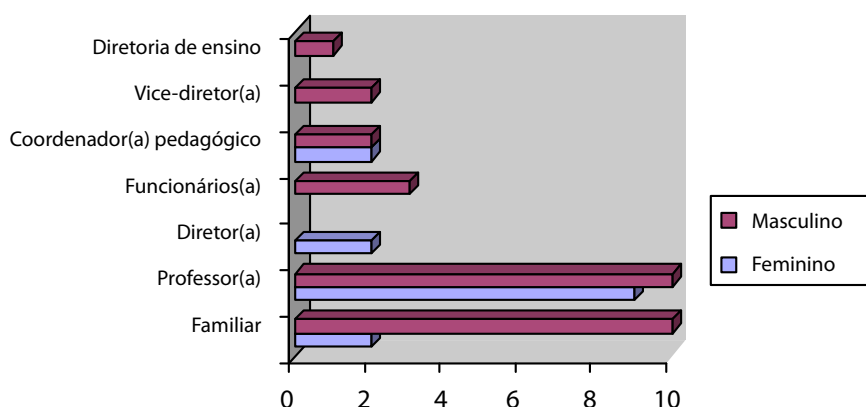


Na pesquisa quantitativa 48% dos estudantes se declararam negros (preto/negro + pardo), e dentre os estudantes que participaram dos grupos de diálogo encontramos exatamente o mesmo percentual de negros (48%). Os brancos somaram 47,2% , e houve 3 estudantes que se declararam amarelos (3,3% do total) e 1 que se declarou como indígena (1%).

2.2. Grupos mistos

Os grupos mistos, como já foi dito, tiveram a presença de professores, familiares dos alunos, diretores, vice-diretores, coordenadores pedagógicos, funcionários da escola e representantes da Diretoria de Ensino (supervisor e dirigente). Quanto à distribuição dos diversos segmentos quanto ao sexo, podemos observar no gráfico abaixo uma maior presença de moças e mulheres nos diálogos mistos, com destaque para o segmento dos familiares, confirmando que as mães ou responsáveis do sexo feminino possuem centralidade no acompanhamento escolar dos filhos. As mulheres também foram maioria absoluta entre os funcionários. Há certo equilíbrio entre professores do sexo masculino e feminino, embora estas últimas sejam um pouco mais numerosas.

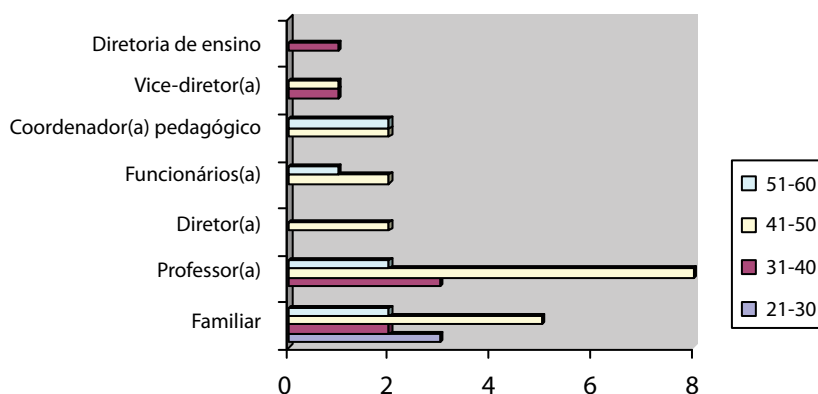
Gráfico 5. Distribuição dos participantes dos diálogos mistos, por sexo



É importante ressaltar que a profissão docente na educação básica pública é marcada pelo predomínio de mulheres, o que se refletiu na sua maior presença nos diálogos. Em contrapartida, os homens se fazem mais presentes em posições hierarquicamente superiores, o que é ilustrado pela presença de homens na direção de duas dentre as cinco escolas parceiras.

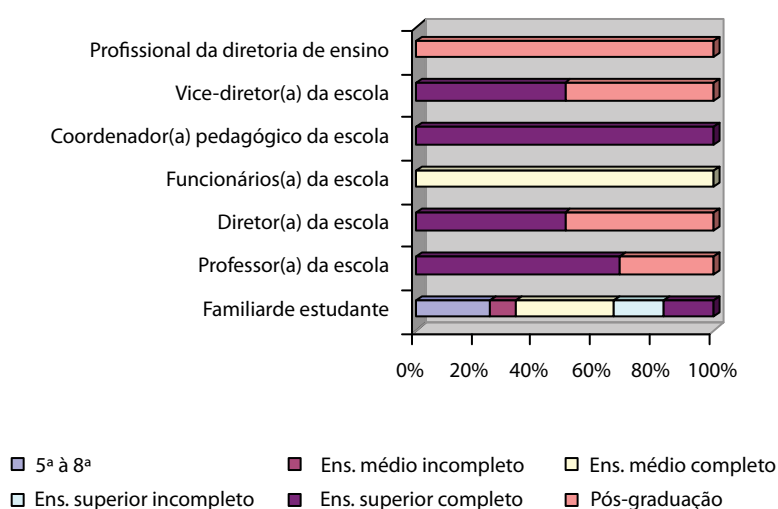
Quanto à idade dos participantes dos grupos mistos observamos no gráfico abaixo a predominância da faixa entre 41 e 50 anos.

Gráfico 6. Distribuição dos participantes dos diálogos mistos, por idade



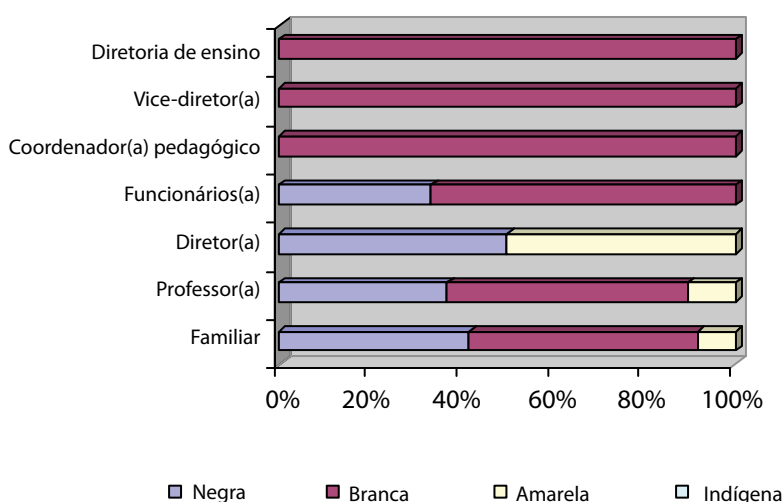
Todos os professores que estiveram nos diálogos lecionam no ensino médio e possuem ensino superior completo, sendo que 31,6% têm também pós-graduação. Entre os diretores e vice-diretores 50% fizeram pós-graduação. Já entre os familiares 33,3% concluíram o ensino médio e um percentual significativo possui ensino superior completo (16,7%) e incompleto (16,7%), o que revela que possuem maior escolaridade do que a média dos responsáveis pelos alunos, pois na pesquisa quantitativa, apenas 20% tinham o ensino médio completo e 9% haviam concluído o ensino superior. Isto pode indicar que os familiares com maiores níveis de escolaridade demonstram mais interesse em participar de atividades na escola de seus filhos a fim de discutir a educação a eles dirigida, e o mesmo podemos dizer em relação aos professores, pois mais de 30% dos que estiveram presentes nos diálogos tinham feito pós-graduação.

Gráfico 7. Distribuição dos participantes dos diálogos mistos, por escolaridade



Houve um percentual significativo de pessoas negras (negras/pretas + pardas) considerando os diversos segmentos da comunidade escolar, mas entre coordenadores, vice-diretores e representantes da Diretoria de Ensino as pessoas eram todas brancas.

Gráfico 8. Distribuição dos participantes dos diálogos mistos, por raça/cor



3. O que os jovens precisam aprender?

Como já vimos na descrição da metodologia, os Grupos de Diálogo tiveram duas etapas principais: na primeira, os participantes se debruçavam sobre o levantamento das necessidades de aprendizagem dos jovens, e na segunda, a partir das necessidades identificadas, as pessoas refletiam sobre quais seriam os melhores caminhos para o ensino médio.

O objetivo desse momento foi levantar as necessidades de aprendizagem dos jovens para que, a partir delas, os objetivos e focos do ensino médio pudessem ser construídos.

Depois de apresentada a questão na plenária, as pessoas reuniram-se em subgrupo para trocarem idéias e experiências a respeito do assunto e, posteriormente, fazerem uma síntese que seria apresentada na plenária. Houve uma forte orientação para que todos tivessem espaço para falar e estivessem dispostos a ouvir e a buscar, nos pontos de vista alheios, elementos para enriquecer sua reflexão. Na medida do possível, os grupos deveriam construir alguns consensos a respeito do assunto e este seria o principal produto a ser apresentado.

A pergunta não se restringiu à escola, por isso os participantes podiam refletir sobre as necessidades de aprendizagem dos jovens de forma mais ampl. Essa aposta ocasionou o surgimento, basicamente, de dois grandes eixos: a) necessidades de aprendizagem e b) ações que garantam a boa qualidade da aprendizagem, sendo boa parte, inevitavelmente, ligados à escola. A responsabilidade em concretizar as demandas é atribuída ora aos próprios jovens, ora à escola e a outras instituições sociais.

Em cada subgrupo havia um jovem agente⁵ acompanhando os trabalhos e elaborando registros. Sua interferência se restringia a facilitar o trabalho do grupo quando este apresentava dúvidas ou ficava desanimado, ou seja, seu papel era ajudar as pessoas no exercício do diálogo coletivo, sem interferir nas suas idéias ou resultados.

Assim, foi possível reunir três tipos de registros da primeira etapa dos diálogos: os relatórios sobre o processo de diálogo dentro dos subgrupos, o registro dos consensos finais que o subgrupo apresentava em plenária e o registro do consenso final de toda a plenária do dia.

Depois da apresentação de todos os subgrupos havia um trabalho de moderação para que fosse construído um consenso mais geral entre todos os participantes, em plenária.

⁵São ao todo 20 jovens ligados às escolas parceiras (alunos, ex-alunos, ativistas da comunidade) que foram capacitados pela Ação Educativa como agentes pelo direito à Educação, ao longo de 164 horas de formação presencial e 50h não-presenciais. Foram realizadas discussões sobre temas educacionais e a preparação para os jovens realizarem a pesquisa quantitativa e os grupos de diálogo nas escolas.

No quadro abaixo são apresentados os resultados finais das plenárias de todos os grupos de diálogo, relativos à 1ª etapa do diálogo:

Quadro 2. Consensos plenárias 1ª etapa

Grupo de Diálogo	O que os jovens precisam aprender?
<i>GD estudantes Escola A. E. Carvalho</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a ter força de vontade • Persistência • Ser capaz de trabalhar em ocupações possíveis, mesmo que não sejam as “melhores”, mas não se acomodar e tentar buscar algo melhor. • Os problemas não podem “paralisar”, mas são uma etapa para continuar • Lutar pelos direitos na escola • Aprender a se expressar, dialogar, reivindicar na escola. Não podemos “deixar passar” • Expore mais na vida, dizer o que pensa • É preciso “abrir” mais os espaços da escola: sala de informática, laboratórios, etc. durante a semana • Ter vontade de aprender • Apoio para “aprender a aprender • Aprender a trabalhar em grupo, sendo humilde, superar timidez, ser tolerante
<i>GD estudantes Escola Aricanduva e Escola Carrão</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Precisamos aprender e nos preparar para o ensino superior (vestibular, ENEM...) • Precisamos aprender a ser “cidadãos pleno” tomar contato com a realidade do país, cobrar nossos direitos. • Precisamos ter contato com profissões e profissionais para fazer nossas opções • Desinteresse dos estudantes: a escola tem responsabilidade • Aprender a ter contato com a cultura (ir ao teatro, ao cinema, a shows, ao museu, apresentações etc)
<i>GD estudantes Escola Jd. Planalto</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a ser independente • Aprender a ser responsável • Aprender a reconhecer os seus limites • Aprender a lutar por novos conhecimentos
<i>GD estudantes Escola V. Jacuí</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a levar a sério os estudos • Aprender a ter entendimento sobre e correr atrás dos seus direitos, respeitando deveres • Cursos voltados ao mercado de trabalho • Ter força de vontade • Preparar se para o futuro • A escola precisa estimular os alunos para virem à escola • Oferta diversificada de cursos/ampliação da educação • Aprender a entender e conhecer a política • Aprender a melhorar nossas relações sociais e interpessoais • Cursos para o nosso lazer e diversão (música, dança, teatro etc) • Aprender com os erros

Continuação - Quadro 2. Consensos plenárias 1ª etapa

<p><i>GD estudantes 2 Escola Aricanduva</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Professores precisam se atualizar sobre o mundo dos estudantes, da realidade. • Respeitar as diferenças em sala de aula. • Orientação profissional • Professores devem aproximar os estudantes de uma cultura – escrita, falada - adequada às diferentes situações do cotidiano • É necessário uma linguagem mais adequada ao Ensino Médio. Não somos crianças! • Posturas para o mundo do trabalho, para entrevistas. • É preciso atividades mais práticas e dinâmicas. • Cursos extra-curriculares e diferenciados
<p><i>GD estudantes 2 Escola Carrão</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender outros idiomas • Aprender a ter uma “mente aberta” para adquirir novos conhecimentos • Aprender a conviver e se relacionar melhor em grupo • Aprender as várias formas de arte e a utilizá-las como meio para novas aprendizagens • Aprender a entender melhor a política e se informar sobre ela • Aprender diversos esportes, não somente praticá-los, mas também seus fundamentos/regras • Aprender cursos profissionalizantes e orientação vocacional e profissional • Aprender por meio de aulas práticas
<p><i>GD misto Escola V. Jacuí e Escola A.E. Carvalho</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito aos valores da ética, cidadania, convivência • Respeito à diversidade • Aprender a aprender (senso crítico, iniciativa, tomar decisões, fazer escolhas) • A escola precisa envolver mais os alunos, nas decisões, ouvi-los e os alunos ouvirem a escola. • Adquirir o hábito da leitura (aprender a ler e não apenas a estudar) • Aprender diferentes linguagens • Aprender a se organizar, se manifestar, reivindicar. Precisam ser orientados para isso • A escola precisa “entender” os jovens, reconhecer seu potencial, sua vida concreta
<p><i>GD misto Escola Aricanduva, Escola Carrão e Escola Jd. Planalto</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • O ensino médio é resultado do ensino fundamental e educação infantil. É preciso melhorar esse “antes” dando maior atenção às crianças. • Os jovens têm capacidades. • Os jovens precisam ser estimulados à sonhar, a terem objetivos, terem perspectivas. • A escola deve se aproximar da família. • Não podemos infantilizar o jovem • Os jovens precisam saber que têm o direito de aprender • A escola precisa ensinar o respeito dando o exemplo, sem “jeitinhos”, com regras claras • Formação intelectual, se apropriar do conhecimento acumulado, fazendo a ligação com a vida • Os jovens precisam aprender: valores de convivência, responsabilidade, ética e limites

Podemos observar que uma parte significativa das necessidades de aprendizagem, apontadas sobretudo pelos estudantes, está relacionada ao desenvolvimento de certas atitudes, habilidades e comportamentos necessários à construção da condição de estudante: ter vontade de aprender, aprender a gostar de aprender, levar a sério os estudos, aprender a expressar suas idéias e opiniões na escola, vencer a timidez para dialogar com as autoridades escolares e reivindicar seus direitos, aprender a trabalhar em grupo, aprender com os erros, estar com a “mente aberta” para novos conhecimentos, respeitar as diferenças em sala de aula, desenvolver senso crítico, exercitar a capacidade de iniciativa, escolhas e tomada de decisões, aprender a “ouvir” a escola, aprender a se organizar dentro da escola, ser persistente diante dos obstáculos.

Algumas destas habilidades são identificadas como pré-requisitos para ser estudante, como a necessidade de reconhecer a importância da escola, dos estudos e do conhecimento, e sentir-se motivado para aprender.

Este conjunto de prioridades indicadas pelos grupos de diálogo refere-se ao aprendizado do denominado “ofício de aluno”, ou seja, adquirir habilidades para realizar as tarefas escolares e obter êxito em seu percurso escolar. Chama a atenção o fato deste “ofício” não estar plenamente desenvolvido em estudantes que já estão na etapa final da educação básica. De fato, há uma suposição tácita de que no ensino médio os jovens já teriam subjetivado de forma suficiente este “papel” de aluno, mas isso parece não corresponder à realidade.

Em um dos grupos de diálogo os estudantes chegaram a dizer que precisam “aprender a querer aprender”, reconhecendo que se este querer é um pressuposto básico para de fato aprender, ele não está dado para a maioria dos estudantes. Nas suas falas ficou evidente uma demanda e um pedido para que a escola os ajude a desenvolver este “querer”. O desenvolvimento de posturas subjetivas e relacionais e de conteúdos atitudinais foram, efetivamente, destacados como os mais importantes pelos alunos.

Uma outra forte prioridade está ligada ao mundo do trabalho: a demanda por informações e aprendizados sobre o trabalho e as diferentes profissões, tendo em vista a inserção profissional. Das várias nomeações dadas a isto nos diálogos, uma nos parece mais precisa: trata-se da demanda por orientação profissional nas escolas públicas – uma formação que possibilite o contato com o mundo do trabalho e das profissões e com as carreiras universitárias e instituições de ensino superior; que promova uma reflexão sobre os percursos e escolhas individuais e um exercício de delineamento de projetos de inserção profissional. Este foi um aspecto que apareceu em todos os grupos de diálogo com alunos.

É preciso destacar que não se trata de uma demanda por formação técnica ou profissionalizante. Embora esta demanda exista entre os jovens, quando focalizam sua escola de ensino médio regular parecem não apostar muito neste caminho, mas sim numa orientação mais ampla que os prepare para a escolha profissional, mais do que para o aprendizado de um ofício já definido.

No quadro abaixo apresentamos uma síntese com os aspectos mais recorrentes e destacados pelos grupos de diálogo:

O QUE OS JOVENS PRECISAM APRENDER?	
Grupos de estudantes	Aprender a ter atitude e independência quanto aos estudos, à aprendizagem e às relações interpessoais e sociais
	Obter informações e processos de aprendizagem que possam ampliar o entendimento sobre o mercado de trabalho (orientação profissional)
	Aprender por meio de processos lúdicos, dinâmicos e práticos
	Aprender a ser um cidadão participativo
	É necessário o incentivo do governo, da escola e da família para os estudos
Grupos mistos	Aprender a ter atitude e independência quanto aos estudos, à aprendizagem e às relações interpessoais e sociais. Porém os professores precisariam se dispor a ensinar isso.
	Aprender a ser um cidadão participativo, crítico e que respeite os valores

Observamos que Aprender a ter atitude e independência quanto aos estudos, à aprendizagem e às relações interpessoais e sociais e Aprender o exercício de ser um cidadão participativo, foram as duas temáticas mais consensuais. A idéia de “aprender a aprender” foi bastante recorrente, principalmente nos Diálogos de estudantes. Isso fortalece um conceito que, em muito, estaria por trás dessa temática referente à atitude e à independência do aluno: o ofício de aluno. Ou seja, os estudantes, majoritariamente, indicam uma necessidade de obter subsídios que possibilitem uma melhor aprendizagem, sejam eles relacionados às habilidades desenvolvidas (aprender a ler e a interpretar texto, aprender a pesquisar...) ou a atitudes mais subjetivas (ter disposição para correr atrás da informação, ter força de vontade...). Para os grupos de estudantes, aparecem além destas, outras prioridades.

4. Que Ensino Médio queremos?

A 2ª etapa do encontro tinha como objetivo promover um diálogo sobre possíveis caminhos para o Ensino Médio, tendo como subsídio as necessidades de aprendizagem levantadas na 1ª etapa.

Foi um momento central, de formulação e deliberação quanto à melhor política de ensino médio na visão dos atores envolvidos.

Novamente os subgrupos deveriam se reunir e conversar a respeito da questão, trocando idéias, buscando enriquecer suas posições com outros pontos de vista e formular os consensos possíveis como produto a ser apresentado na plenária. O diferencial mais importante desta 2ª etapa foi a utilização, pelo subgrupo, do caderno de trabalho “Que ensino médio queremos?”. O caderno de trabalho é um instrumento chave da metodologia na medida em que ele traz aos participantes um conjunto de informações e de dados a respeito do tema em foco, e apresenta caminhos ou cenários possíveis para o equacionamento da problemática. Os “caminhos” são construídos como alternativas diferentes que possuem pontos favoráveis e pontos desfavoráveis e, nesse sentido, implicam riscos a serem ponderados na escolha. A aposta é de que o acesso a informações e dados sobre o tema possibilite a construção de opiniões mais fundamentadas a respeito do assunto.

Vale a pena lembrar aqui que o caderno de trabalho utilizado apresentou 3 caminhos para o ensino médio⁶:

Caminho 1 O Ensino Médio deve formar para o trabalho

Caminho 2 O Ensino Médio deve formar os jovens para ingressarem no Ensino Superior

Caminho 3 O Ensino Médio deve formar os jovens para a vida e para a cidadania

Após a introdução aos caminhos, o caderno trazia uma seção “você sabia?” com dados e informações que ajudassem a compreender melhor o caminho, e também boxes com pontos favoráveis e desfavoráveis àquele caminho. Os participantes foram orientados a realizar uma leitura do caderno de trabalho nos subgrupos e só então partir para o diálogo em torno dos caminhos.

Cada participante recebeu o caderno de trabalho no início do dia, durante o credenciamento, podendo folheá-lo e familiarizar-se com o material até o momento da leitura, e no final do dia puderam levá-lo para casa.

⁶ Para informação mais detalhada sobre cada um dos caminhos ver item 1.2. Instrumentos metodológicos.

Depois de realizada a leitura do caderno e o diálogo entre os participantes nos subgrupos, eles deveriam apresentar na plenária os consensos construídos. Segue abaixo um quadro com os consensos apresentados na 2ª etapa por todos os grupos de diálogo:

Quadro 4. Consensos Plenárias 2ª etapa

Grupo de Diálogo	Que Ensino Médio queremos?
GD estudantes Escola A.E. Carvalho	<ul style="list-style-type: none"> • A escola deve preparar para o trabalho, mas isso não é o principal. • O principal da escola é preparar para a universidade. • Para conciliar formação para o trabalho e para o vestibular seria necessário passar mais tempo na escola. • A escola deve ser mais rigorosa com os alunos. • Há uma sobrecarga de trabalho no professor/ele precisa ter mais condições/capacitação para isso. • Boa vontade e investimento dos governantes.
GD estudantes Escola Aricanduva e Escola Carrão	<ul style="list-style-type: none"> • Não podemos abrir mão de nenhum caminho: os 3 são importantes • Os alunos precisam conhecer seus direitos e deveres, reivindicar, agir na escol • Juntando aspectos dos 3 caminhos, os alunos terão mais opções para realizarem escolhas. • Utilizar as aulas vagas para o desenvolvimento de projetos, oficinas culturais e orientação dos alunos em relação aos 3 caminhos. • As mudanças não dependem somente da escola, mas também dos alunos, de mais verba (governo). • 1º ano: foco na cidadania, 2º ano: foco no mercado de trabalho, 3º ano: foco no vestibular. • Desenvolver a cidadania desde os primeiros anos na escola.
GD estudantes Escola Jd. Planalto	<ul style="list-style-type: none"> • 3 caminho escola, mas também dos alunos, de mais • O ensino médio não formaria profissionalmente, mas sim promoveria aprendizados básicos para o ingresso no mundo do trabalho. • Aulas que possam associar a teoria com uma atividade prática, próxima à nossa realidade. • A escola precisa convencer/motivar os estudantes de que suas atividades são importantes. • A escola e o Estado deveriam criar possibilidades que garantissem o tempo maior de estudo que o aluno teria.
GD estudantes Escola V. Jacuí	<ul style="list-style-type: none"> • A escola precisa ajudar os alunos a expressarem e colocarem em prática suas idéias. • Os alunos precisam ter disposição para aprender, inclusive a ponto de se colocar no lugar do professor. • O grêmio estudantil precisa promover, como uma de suas atividades, grupos de diálogo com os estudantes periodicamente. • A escola precisa dar conta de uma boa administração do espaço: cuidando da estrutura e sendo rigorosa e justa quanto à disciplina. • A escola deveria promover excursões: <ul style="list-style-type: none"> - que servissem como complemento prático às aulas; - para oferecer momentos de lazer aos alunos; - para que tenham contato com costumes/coisas novas. • A escola precisa ouvir mais os alunos e tomar as decisões com eles de forma justa. • A escola precisa de professores qualificados: <ul style="list-style-type: none"> - que tenham total domínio do conteúdo; - que se coloquem no lugar do aluno; - que estejam dispostos a lecionar. • A escola precisa nos orientar sobre o mercado de trabalho. • Precisamos ter contato/visitar algumas universidades, como forma de nos estimular para o ingresso ao ensino superior.

Continuação - Quadro 4. Consensos Plenárias 2ª etapa

GD estudantes 2 Escola Aricanduva	<ul style="list-style-type: none"> Os 3 caminhos são importantes!
GD estudantes 2 Escola Carrão	A plenária final não chegou a um consenso
GD misto Escola V. Jacuí e Escola A. E. Carvalho	<ul style="list-style-type: none"> Todos os caminhos são importantes. O caminho 3 (Cidadania) deve ser a base do ensino médio. Mas ele também precisa apoiar o aluno para fazer escolhas: mundo do trabalho e vestibular. É importante oferecer orientação profissional.
GD misto Escola Jd. Planalto, Escola Aricanduva e Escola Carrão	<ul style="list-style-type: none"> Os estudantes são sujeitos da vida e do conhecimento. A escola deve ser democrática, conviver com as diferenças, deve ser para todos. A formação para a vida deve contemplar o trabalho e o ingresso no ensino superior. Formar o cidadão capaz de interferir no processo social e político. O “bom” ensino é o que leve a pensar, à reflexão. Regras devem ser construídas coletivamente na escola. Informações e reflexões sobre o mundo do trabalho e das profissões; pesquisar, ir a campo. Respeitar e reconhecer os “saberes” e “habilidades” de cada aluno. Mais espaço coletivo de trabalho e formação dos professores na escola. A escola não resolve tudo; está situada numa sociedade desigual. Escola pública é voltada para os filhos de trabalhadores. <p>(Qual o conceito de cidadania?) (É preciso desvendar os discursos “pedagógicos”)</p>

De forma geral, observamos que houve uma forte tendência nos grupos de diálogo em reconhecer a importância dos três caminhos, e de optar por um caminho capaz de conciliar preparação para o trabalho, preparação para o ingresso no ensino superior e preparação para a cidadania. Este último recebeu destaque por ter um caráter mais amplo e constituir-se como objetivo último da formação escolar. Mas a concretização de uma escola de ensino médio que forme para a cidadania deve passar, necessariamente pela formação para o mundo do trabalho e para o prosseguimento dos estudos.

Ou seja, ao formar os jovens para a cidadania, a escola deve necessariamente oferecer uma educação que lhes permita delinear projetos profissionais e de prosseguimento dos estudos, visto que estes são dois direitos fundamentais para a construção da cidadania dos jovens.

Nos grupos mistos esta junção dos três caminhos foi expressa da seguinte forma: a escola deve apoiar os alunos para fazerem escolhas, tanto em relação ao trabalho quanto ao ensino superior. Daí a proposta de que a escola promova orientação profissional para os alunos. Este é o primeiro ponto que se destaca nas prioridades elencadas. A demanda por um currículo de ensino médio que contemple a orientação profissional e o apoio sistemático àqueles que pretendem ingressar no ensino superior são dois aspectos fundamentais defendidos pelos jovens, e também pelas comunidades escolares como um todo.

que se destaca nas prioridades elencadas. A demanda por um currículo de ensino médio que contemple a orientação profissional e o apoio sistemático àqueles que pretendem ingressar no ensino superior são dois aspectos fundamentais defendidos pelos jovens, e também pelas comunidades escolares como um todo.

Para termos idéia de como surgiu, nos subgrupos de estudantes, a proposta de orientação profissional transcrevemos abaixo trechos de relatórios elaborados pelos jovens agentes:

“A escola que querem é associada à idéia de ter chances de construir um projeto profissional ao longo do Ensino Médio, instrução essa que atualmente não recebem. Que aprendam a construir, planejar e projetar uma escolha profissional melhor.

Através desses requisitos as pessoas mais pobres teriam mais chances para entrar nas universidades, porque estariam mais esclarecidos do que fazer profissionalmente.

Os alunos ficariam mais motivados para estudar e concluir o ensino médio, pois vão sentir o que gostam sem muitas frustrações. Propuseram a junção dos três caminhos.” (Relatório de Heidy/Jovem Agente; GD estudantes Escola A. E. Carvalho)

“Aline⁷ fala que a escola deveria fornecer noção de cada curso da faculdade

Caio diz que isso se chama praticamente orientação profissional

Marcia pergunta para Caio se ele, que já estava no 3º ano, sabia o que iria fazer na faculdade.

Caio responde que não e Marcia fala que a escola deveria mostrar que cursos seria legal ele fazer.

Aline fala que na escola não deveriam só aprender como se tornar um profissional, mas também o que cada profissional faz.” (Relatório Gleicy/Jovem Agente; GD estudantes Escola Aricanduva e Escola Carrão)

Tanto nos grupos de estudantes quanto nos mistos, a alusão à orientação profissional vinha acompanhada da demanda por metodologias mais ativas, como “visitas às universidades”, “pesquisar”, “ir a campo”, atividades que aproximassem a escola da “vida lá fora”. Portanto, não parece ser o caso simplesmente da criação de uma disciplina de “orientação profissional” responsável por transmitir conhecimentos “escolarizados” sobre o mundo do trabalho, das profissões e das universidades para os alunos, mas sim a construção de um processo educativo através de experiências, vivências, informações e reflexões que apóie a decisão e a escolha profissional dos jovens. Em alguns grupos, os alunos disseram que seria muito importante seus professores compartilharem suas experiências de vida e profissionais com os alunos.

Os grupos de estudantes levantaram várias propostas para a concretização da junção dos três caminhos: 1) contemplar os três caminhos explicitamente no currículo, dividindo-os conforme os três anos do ensino médio: 1º ano: foco na cidadania; 2º ano: foco no mercado de trabalho; 3º ano: foco na universidade; 2) incluir uma abordagem dos três caminhos nas aulas de todos os professores (transversalidade); 3) incluir uma disciplina específica para cada um dos três caminhos (cidadania, trabalho e universidade); 4) garantir uma base curricular comum e uma parte optativa, de forma que o aluno escolha a formação para o trabalho ou formação para ingresso no ensino superior.

⁷Nomes fictícios.

O segundo ponto que chama atenção diz respeito à necessidade de maior investimento do governo. Isso aparece nos consensos finais, mas também nos recados que os participantes mandaram às autoridades públicas no início do encontro, como veremos mais à frente. Não seria exagerado afirmar que o aspecto central para melhorar a qualidade do ensino médio público, segundo os participantes, é a ampliação dos investimentos governamentais nas escolas públicas.

Este é um aspecto interessante, pois observamos uma tendência nas políticas educacionais de buscar melhorar a qualidade das escolas sem necessariamente ampliar os recursos financeiros. Há uma forte visão de que a melhoria da qualidade poderia ser alcançada pelo aprimoramento da gestão das escolas, com maior controle por parte dos órgãos centrais em relação ao currículo e ao processo pedagógico, e também maior controle sobre o trabalho dos professores.

Embora os participantes dos diálogos tenham demonstrado preocupação também com estes aspectos, sobretudo em relação ao trabalho dos professores, tal preocupação não dissociava a necessária melhoria do trabalho dos professores da oferta de melhores condições de trabalho para estes profissionais. Vejamos os pontos dos consensos que tocam especificamente no tema dos professores:

- *Há uma sobrecarga de trabalho no professor/ele precisa ter mais condições/capacitação para isso.*
- *As mudanças não dependem somente da escola, mas também dos alunos, de mais verba (governo).*
- *A escola precisa de professores qualificados:*
 - *que tenham total domínio do conteúdo;*
 - *que se coloque no lugar do aluno;*
- *Mais espaço coletivo de trabalho e formação dos professores na escola.*

Em suma, se para os governantes há uma defesa de que a educação pode ser melhorada sem mais aportes de recursos, o recado dos participantes dos diálogos é que não se poderá melhorar a educação pública sem aumento nos investimentos em educação.

Segue abaixo um quadro com as principais apostas dos participantes quanto aos rumos a serem seguidos pelo Ensino Médio:

Quadro 5. Consensos Plenárias 2ª etapa (síntese)

PLENÁRIAS 2ª ETAPA - TARDE	
Grupos de estudantes	Junção de elementos dos 3 caminhos, junção integral dos 3 caminhos ou criação de um 4º caminho composto por aspectos dos 3 caminhos propostos
	Caminho 1 - formação para o mercado de trabalho através de Orientação Profissional
	Caminho 3 - formação para a vida e para a cidadania, voltando-se para a realização de atividades culturais e fortalecimento das relações democráticas na escola
	As metodologias devem ser mais ativas, visando o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, sua motivação para os estudos e a proximidade da escola com a realidade
	Professores precisam de qualificação e de maior proximidade com os estudantes
Grupos mistos	Tendência à junção dos 3 caminhos, porém com aspectos específicos de cada um, sendo a cidadania a base para os outros dois
	Caminho 1 - formação para o mercado de trabalho através de Orientação Profissional
	Caminho 3 - formação para a vida e para a cidadania como prioridade

4.1. Caminho 1: O Ensino Médio deve formar para o trabalho

O caminho de formação para o trabalho foi aquele que mais passou por modificações em seu conteúdo e significado no decorrer dos diálogos. Foi o que mais revelou as potencialidades do método utilizado do ponto de vista do processo de construção de opiniões. Como já vimos, a formação para o mercado de trabalho na 1ª etapa foi vista como algo voltado à orientação profissional/vocacional.

É importante mencionar que propostas como aprendizagem de novas línguas e, principalmente, de algumas técnicas como elaboração de currículo, posturas para entrevista de emprego e cursos de informática apareceram nos subgrupos dos Diálogos de estudantes, mas não foram suficientes para que fossem acolhidas, na plenária, como prioridades. Em alguns poucos casos, elas tenderam a entrar como exemplos de aulas mais práticas, voltadas para as necessidades cotidianas, ou até mesmo como reforço para a própria idéia de orientação profissional.

Como principais argumentos a respeito da proposta de Orientação Profissional, apareceram: a necessidade de conhecer o universo do mercado de trabalho e das profissões existentes; a oferta de subsídios, nas próprias aulas, para ampliar o leque de habilidades do jovem como um futuro profissional do mercado, identificando suas potencialidades; ajudar o jovem a escolher uma carreira; estar informado sobre os cursos tecnológicos e/ou acadêmicos oferecidos pelos vários Centros de Ensino Superior e Universidades; fazer visitas às universidades. Faz-se necessário aqui destacar que houve muita referência ao ensino técnico e profissionalizante como algo importante e necessário, mas no curso do diálogo esta demanda foi mais associada às escolas especializadas/técnicas, e a tarefa foi se apresentando pouco compatível com a escola de ensino médio regular, diante de suas outras prioridades. Sendo assim, não devemos interpretar a ausência da demanda por cursos técnicos como algo sem importância para os jovens e a comunidade participante.

Um aspecto interessante da releitura dos participantes ao caminho 1 foi, portanto, a tendência a relativizar as propostas trazidas pelos estudantes no início (preparação para entrevista de emprego, elaboração de currículo, curso de informática, cursos profissionalizantes) dando espaço para a elaboração de reflexões que complexificaram o desafio da preparação profissional. As propostas priorizadas nas plenárias tiveram caráter mais geral, afastando-se de demandas mais pontuais. Esta parece ter sido uma forte tendência dos diálogos, pois na construção de consensos é impossível contemplar individualmente todas as propostas.

A troca de idéias com outras pessoas, subsidiada por dados e informações, também levou os participantes a ponderarem sobre os aspectos negativos que poderiam resultar da adoção do caminho 2 como política pública, e notamos que o ponto mais destacado pelos participantes foi a “inflação” de diplomas no mercado de trabalho caso todas as escolas de ensino médio se dediquem à formação profissionalizante, gerando diplomas e profissionais pouco valorizados e com baixa empregabilidade. Este foi o aspecto mais negativo do Caminho 1, segundo os participantes.

4.2. Caminho 2: O Ensino Médio deve formar os jovens para ingressarem no Ensino Superior

Este foi o caminho menos discutido e problematizado pelos participantes dos diálogos. Certamente isso não se explica pela falta de importância do ensino superior para os alunos das escolas públicas envolvidas. Ao contrário, a perspectiva de acessar a universidade está presente para muitos destes estudantes.

No entanto, as conseqüências negativas de um ensino voltado à preparação para o vestibular foram muito ressaltadas. A primeira delas seria a limitação de uma educação voltada para os testes de vestibular, na medida em que estes mesmos testes seriam instrumentos de exclusão e, portanto, deveriam ser questionados. O segundo ponto é que nem todos os estudantes poderiam ou gostariam de ir para o ensino superior, e a escola também deveria ser um espaço de formação significativo para eles. E, finalmente, a escola regular teria objetivos mais prioritários e amplos do que uma tarefa tão especializada quanto preparar os alunos para uma prova, e por isso esta tarefa, apesar de importante, deveria ser executada de outras formas, com a colaboração da escola. Daí surgiram as propostas da constituição de grupos de estudos para o vestibular, e de cursinhos aos finais de semana, iniciativas que a escola deveria propor e apoiar, mas não se responsabilizar em seu currículo formal.

Para muitos alunos presentes ao diálogo, a maior contribuição da escola em relação ao ensino superior seria melhorar sua qualidade de ensino considerando as disciplinas já existentes. Curioso notar que os participantes não associam diretamente o ensino atual com preparação para o vestibular, mas com conhecimentos básicos a serem dominados por todos. Os indicadores principais dessa qualidade seriam: a) a preocupação com a estrutura física e os equipamentos que dariam subsídio ao que seria visto em sala de aula; b) a capacitação dos professores tanto para que sua didática seja mais dinâmica e interessante quanto para que estejam mais próximos ao jovem e consigam entender seus anseios e potencialidades, e, c) processos que façam com que os alunos tenham conhecimento sobre o mundo (inclusive sobre a existência dos vários vestibulares e como eles funcionam) capazes de fazer não somente que eles passem no teste de seleção, mas também que consigam permanecer no Ensino Superior e lidar com as várias demandas que um curso desse nível exige (interdisciplinaridade, criticidade, interpretação e elaboração de textos). Aliás, este foi um aspecto bastante destacado nos diálogos, a insuficiência do acesso ao ensino superior, se ele não vier acompanhado das condições de cursá-lo com qualidade. Para os grupos mistos, o direito à inserção no Ensino Superior ou à continuidade dos estudos deve ser algo social e politicamente garantido e a escola, portanto, precisaria estar atenta a isso e promover uma reflexão junto aos alunos.

Outro aspecto muito destacado pelos estudantes é a escolha do curso superior. É uma questão crucial, que muitas vezes se sobrepõe em importância à preparação para o vestibular. Afinal, sem saber que carreira seguir, a preparação para o vestibular fica esvaziada de sentido. Os jovens indicaram que ter mais informações e conhecimentos sobre as carreiras os ajudariam a fazer suas escolhas ao longo do ensino médio, algo que não acontece hoje.

Assim, o caminho 2 permaneceu nos consensos finais dos diálogos através da forte demanda por informações sobre as carreiras, conhecimentos sobre as diferentes profissões e por visitas às universidades, aspectos que foram agregados à proposta de orientação profissional. Assim, nos resultados finais, a contribuição da escola para a entrada no ensino superior seria a melhoria da qualidade de ensino e a orientação profissional e, como tarefa "extracurricular", a organização de grupos de estudo e de cursinhos pré-vestibulares.

4.3. Caminho 3: O Ensino Médio deve formar os jovens para a vida e para a cidadania

A relevância e centralidade do caminho 3 foi, ao lado da proposta de Orientação Profissional, o grande consenso construído nos grupos de diálogo (com exceção do grupo de estudantes da Escola A. E. Carvalho). É mais que notório que tal caminho aparece com mais ênfase nos Grupos mistos. Contudo a composição de opiniões sobre o caminho ocorreu de um modo semelhante aos Grupos de estudantes, principalmente nos subgrupos. Em ambos, presenciamos a necessidade de união entre os três caminhos, mas, em grande parte, com ressalvas de que a Cidadania e a Formação para a vida deveria ser a prioridade ou a base para os outros dois. Assim, não é que o caminho 3 tenha sido o mais escolhido, mas foi considerado a base ampla e necessária para o ensino médio, a qual compreende seus objetivos últimos e, digamos, sua “missão”. Mas tal objetivo só é possível considerando os aspectos cruciais dos outros dois caminhos, qual sejam, a necessidade do trabalho na vida dos jovens e sua perspectiva de continuar os estudos em nível superior. O caminho 3 foi visto como o articulador dos outros dois caminhos. Nos grupos mistos, foi dada maior importância ao caminho 3 em si mesmo, embora seus participantes, principalmente os professores, tenham se mostrado receosos quanto à concretude deste caminho. Afinal, o que seria cidadania no Ensino Médio?

Trata-se de uma preocupação importante, visto que os discursos sobre a “educação para a cidadania” e a “formação do aluno crítico” estão saturados no campo pedagógico e seu uso excessivo dá impressão de um falso consenso, afinal, coisas muito diversas e, muitas vezes, contraditórias tem sido consideradas como “educação para a cidadania”. É preciso desvendar seus significados. Algumas pistas podem ser buscadas nos discursos dos estudantes. O fator que mais contribuiu para a ênfase dos estudantes ao caminho 3 foi perceber que este seria o caminho mais sintonizado com as necessidades de aprendizagem que eles próprios haviam levantado na 1ª etapa.

• **Aprender a ter atitude e independência quanto aos estudos, à aprendizagem e às relações interpessoais e sociais** (predominância nos subgrupos: mistos e estudantes e nas plenárias dos estudantes).

Um aspecto que se destacou no rol de aprendizados que os alunos elencaram estão aspectos ligados ao desenvolvimento de hábitos de estudo, e um conjunto de disposições que permitam “ser um aluno melhor”. Ao lado disso, a necessidade de apoio para fazer escolhas profissionais. Nesse sentido, a formação para a cidadania envolve duas preocupações básicas: uma com a própria formação dos jovens como aprendizes (embora estejam na última etapa da educação básica) e outra na sua formação como trabalhadores.

Vejamos abaixo alguns outros indicadores que surgiram nos diálogos e que podem ajudar também a perceber os significados atribuídos pelos estudantes à cidadania:

- O ingresso no Ensino Superior e a inserção ao mercado de trabalho devem ser vistos como direitos a serem efetivados e que, portanto, precisam ser agregados à idéia de cidadania, dentro da perspectiva de que se tratam, antes de tudo, de escolhas que o aluno teria autonomia para fazer.
- As metodologias devem ser mais ativas, visando o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, sua motivação para os estudos e a proximidade da escola com a realidade.
- A escola precisa fortalecer seus mecanismos democráticos, inclusive garantindo a democracia na relação entre professor e aluno e entre aluno e direção.
- A participação do aluno nas questões que regem a escola deve ser estimulada e garantida, assim como os espaços para tal participação.

Se fizermos um cruzamento entre as necessidades de aprendizagem e o consenso entre os estudantes, produzido na segunda etapa, não seria difícil identificar o que teria inspirado a conclusão de que algo na metodologia precisa ser melhorado nos processos de aprendizagem. A relação professor-aluno ainda é resquício de uma educação cujo centro é o conteúdo e não a pessoa que aprende. No entanto, o que os estudantes indicaram como saberes essenciais para sua vida não são os conteúdos escolares em si, mas o desenvolvimento de atitudes e de autonomia para tomar decisões, inclusive, em relação a sua própria vida escolar e ao conhecimento. A incongruência entre esta necessidade e as metodologias que predominam na escola é evidente. Por isso, um ensino médio que eduque conforme tais necessidades, precisa alterar seus “comos”.

Existe, portanto, nos Grupos de estudantes, uma pista importante. Eles aliam a formação para a vida à necessária inovação metodológica, mostrando que o modelo escolar atual não é compatível com uma educação “para a vida e a cidadania”. As mudanças nas metodologias, nas formas de educar, seriam um pré-requisito para a formação do jovem como cidadão, seja no desenvolvimento de suas habilidades para o mundo do trabalho, seja na sua continuidade dos estudos, ou seja, ainda, na sua relação com as pessoas e com os pressupostos morais, éticos e políticos que regem as relações da sociedade.

4.4. O impacto do diálogo na opinião dos participantes (ficha inicial e ficha final)

A análise das fichas preenchidas pelos participantes ao chegarem aos diálogos e ao saírem dele são um instrumento adicional para analisar as opiniões construídas e, sobretudo, a existência ou não do deslocamento das opiniões ao longo do diálogo. As pessoas poderiam dar notas de 1 a 5 para cada um dos caminhos⁸, sendo que as notas eram independentes e, portanto, era possível atribuir a mesma nota a todos os caminhos. A ficha final, além de todos os conteúdos da ficha inicial, trazia também um espaço para que os participantes pudessem indicar quais seriam as condições para sua adesão a cada um dos caminhos elencados. Ou seja, além de atribuir uma nota a cada caminho, o participante poderia escrever suas restrições ou preocupações em relação a ele.

É importante lembrar que o preenchimento das fichas iniciais e finais foi o único momento dos diálogos em que os três caminhos foram analisados separadamente, independentemente um do outro. É um tipo de avaliação muito diferente daquela realizada nos grupos, em que a composição de idéias e a busca por um consenso coletivo tenderam a aglutinar elementos dos vários caminhos. Os caminhos eram analisados tendo em vista a sua inter-relação. Aqui, ao contrário, cada caminho foi individualmente avaliado.

Verificamos que, antes do diálogo, houve uma tendência dos participantes atribuírem mais notas máximas a todos os caminhos, volume que diminuiu nas fichas pós-diálogo. Ou seja, o diálogo suscitou a relativização de todos os caminhos, a visualização de seus pontos fortes e fracos o que diminuiu o grau de adesão irrestrita a eles. Conseqüentemente, aumentaram as notas intermediárias (2, 3 e 4) nas fichas finais, em relação a todos os caminhos.

Na somatória geral, considerando todos os participantes dos diálogos⁹, observamos que o Caminho 3 (cidadania) foi aquele que recebeu mais notas máximas e, embora elas tenham diminuído entre o início e o final do dia, o caminho manteve-se como o melhor avaliado.

⁸Ver ficha inicial e final no anexo 1

⁹Lembramos que esta análise foi feita com base nas 134 fichas iniciais e finais, e não com base no total de participantes dos diálogos que foram 177 pessoas.

Tabela 44. Opinião inicial e final. Distribuição da nota 5: sou totalmente a favor (em %)

Todos os participantes (134 pessoas)	Caminho1 (trabalho)	Caminho 2 (ensino superior)	Caminho 3 (cidadania)
Ficha Inicial	60	70	75
Ficha Final	51	60	66

Quando adotamos outro critério, somando as notas 4 e 5, que revelam maior grau de adesão aos caminhos, novamente percebemos a escala em que o caminho 3 é o mais valorizado, seguido do caminho 2 e, por último, o caminho 1.

Tabela 45. Opinião inicial e final. Distribuição das notas 4 e 5: posições mais favoráveis (em %)

Todos os participantes (134 pessoas)	Caminho1 (trabalho)	Caminho 2 (ensino superior)	Caminho 3 (cidadania)
Ficha Inicial	85	88	91
Ficha Final	79	85	88

Entretanto, quando desagregamos as notas por segmentos (estudantes, professores etc.) visualizamos diferenças. É interessante perceber que as notas dos professores, familiares e equipes técnicas seguem uma mesma tendência: a de atribuir centralidade ao caminho 3. Mas, ao hierarquizar os outros caminhos, notamos que, para os professores e familiares, a formação para o ensino superior vem em segundo lugar, já para os funcionários, a segunda maior preocupação seria com a formação para o trabalho, como podemos ver na tabela a seguir:

Tabela 46. Opinião inicial e final. Distribuição da nota 5: sou totalmente a favor (em %)

Segmento	Caminho1 (trabalho)	Caminho 2 (ensino superior)	Caminho 3 (cidadania)
FICHA INICIAL			
Estudantes	70	80	70
Professores	26	32	89
Familiares	58	32	83
Funcionários	100	100	67
Diretores	0	0	50
Coord. Pedagógicos	0	0	100
Vice-diretores	50	50	100
Diretoria de Ensino	100	100	100
FICHA FINAL			
Estudantes	60	69	58
Professores	21	32	89
Familiares	50	67	83
Funcionários	67	33	33
Diretores	0	0	100
Coord. Pedagógicos	0	0	50
Vice-diretores	50	50	100
Diretoria de Ensino	100	100	100

A avaliação dos estudantes indica que, para eles, o mais importante é a formação para o ingresso no ensino superior, seguido da formação para o trabalho e por último, formação para a cidadania. Estes dados são curiosos, pois à primeira vista, parecem destoar dos resultados qualitativos dos grupos de diálogos com estudantes, nos quais o caminho da cidadania ganhou destaque.

Para compreender a situação dos alunos é preciso voltar aos resultados dos diálogos. Como já dissemos, nos grupos de estudantes, a ênfase no caminho 3 foi atrelada à sua capacidade de articular os outros dois caminhos, ou seja, não se tratou de escolher o caminho 3 em si mesmo, mas de reunir suas demandas em relação ao trabalho e ao ensino superior no âmbito de uma formação mais geral para a vida. O que predominou nas escolhas foi a conjugação dos 3 caminhos.

Isto sugere uma hipótese para explicar o destaque dado ao caminho 1 e 2, e sobretudo, o não-destaque ao caminho 3, nas notas atribuídas pelos alunos. A concretude do caminho 3 estaria no caminho 1 e 2 e, portanto, em si mesmo o caminho 3 não ganhou consistência para os estudantes.

Mesmo assim, resta a indagação: já que aparece bem avaliado pelos estudantes nas fichas iniciais e finais, porque o caminho da formação para o ensino superior não recebeu destaque nos consensos dos grupos de diálogo?

Bem, como vimos, o que os alunos retiveram do caminho 2 nos consensos finais foi a demanda por orientação profissional (conhecimento das diferentes profissões e carreiras, visitas às universidades) e pela melhoria da qualidade do ensino, e não apenas a preparação para ser bem-sucedido no vestibular. Provavelmente tal perspectiva continuou a ser associada ao caminho 2, o que explicaria as boas notas a este caminho, mas aqui sugere algo mais: uma forte expectativa de que a escola (através da orientação profissional) contribua para a construção das escolhas dos estudantes quanto ao ensino superior, e não apenas na sua preparação ao vestibular. Sugere, portanto, que para além de “passar” no vestibular (uma questão central) uma questão preocupante para os estudantes é: “qual curso devo escolher?”.

A análise das fichas recomenda, portanto, maior atenção ao caminho 2 e à suas conexões com a formação para a vida e a cidadania, reforçando ainda mais a necessidade da escola apoiar a construção do “ofício de aluno”, desenvolvendo disposições que, certamente, serão necessárias após o ensino médio, ao longo do curso superior. E sobretudo, revela de forma bastante nítida que contingentes cada vez maiores de jovens de setores populares estão pressionando pela ampliação do acesso ao ensino superior.

Finalmente, é possível afirmar que o principal efeito dos diálogos foi o de construir opiniões mais relativas e menos absolutas em relação a todos os caminhos elencados. Ou seja, os diálogos proporcionaram a problematização dos caminhos e a percepção de seus pontos positivos e negativos, provocando uma diminuição das notas atribuídas a todos eles ao final do dia. No entanto, a hierarquização dos 3 caminhos, entendida como o grau de valorização comparativo entre eles, manteve-se no curso dos diálogos.

O número de respondentes das fichas (134) é baixo para permitir a verificação de outras tendências estatísticas nas opiniões, como por exemplo, diferenças de sexo, faixa etária ou série, no caso dos estudantes.

Quadro 6 . Condições para o Caminho 1: formação para o trabalho

Condições	N.
Que seja na forma de orientação profissional, promova reflexão sobre o trabalho na sociedade atual e não seja profissionalizante	17
Que o aluno possa escolher/optar por este tipo de formação	12
Que a escola se estruture física e pedagogicamente para isso	10
Aumente o tempo de estudo, seja ampliando a carga horária formal, seja em atividades extras	10
Que a escola garanta o ensino básico das disciplinas	9
Que a formação para a cidadania seja prioridade ou caminhe junto com a formação para o trabalho	8
Aumente as chances de inserção no mercado de trabalho	6
Que os alunos estejam interessados e empenhados para aprender	5
Que contemple também os outros dois caminhos (vestibular e cidadania)	5
Que os estudantes sejam incentivados pela escola e pelo governo	4
Que exista alguma formação profissional prática	4
Que o governo invista recursos e assuma a responsabilidade	4
Que promova uma formação crítica e o acesso a conhecimentos	4
Que os professores sejam qualificados para isso	3
Que esta formação seja oferecida apenas no 2º ano do ensino médio	1
Que esta formação seja oferecida durante os 3 anos do ensino médio	1
Total	103

As condições elaboradas pelos participantes geraram dados qualitativos interessantes, que permitem conhecer com mais exatidão o significado atribuído a cada caminho. No caminho 1, foi destacada a articulação entre “formação para o trabalho” e “orientação profissional”, uma novidade interessante já que em geral quando se fala na relação entre trabalho e ensino médio o que ganha destaque é a formação profissionalizante. Houve restrições explícitas voltadas aos cursos profissionalizantes na escola. Isso deve ser visto com cuidado.

Há uma forte demanda dos jovens por cursos técnicos e profissionalizantes, e isso se manifestou nos diálogos. Mas esta demanda não deve ser satisfeita com a utilização das escolas de ensino médio regular, que ao julgar pelas condições levantadas, tem outras prioridades de formação que não podem ser obscurecidas pela formação profissionalizante.

Esta perspectiva é confirmada pelo número significativo de menções à: necessidade da escola se organizar física e pedagogicamente para a formação para o trabalho, a possibilidade de o aluno optar por esta formação, a necessidade de aumentar a carga horária na escola e a garantia do ensino das disciplinas básicas. Ou seja, formação para o trabalho, desde que ela não prejudique a tarefa principal da escola regular, e desde que tenha a infra-estrutura necessária, o que não ocorre atualmente.

Há também menções sobre a necessidade de qualificar professores e de investir recursos, reforçando que para a escola de ensino médio dialogar com o trabalho, ela precisa ser estruturada de outra forma. Algumas pessoas levantaram a importância da vivência prática na formação profissional, o que certamente implicaria a aquisição de máquinas, equipamentos, suprimentos, laboratórios. Ou seja, a formação profissional não pode ser apenas teórica, o que acaba ocorrendo muitas vezes em cursos e escolas que não contam com a infra-estrutura material necessária para as atividades práticas.

Vamos observar agora as condições relativas ao caminho 2:

Quadro 7. Condições para o caminho 2: formação para ingresso no ensino superior

Condições	N.
O ensino desenvolva o pensamento, relacione teoria e prática e seja de qualidade	19
Não exclua os outros dois caminhos (trabalho e cidadania)/seja abrangente/seja articulado aos outros caminhos	17
Que o aluno possa escolher/optar por este tipo de formação	10
Os alunos sejam motivados, informados e valorizados	10
O governo invista recursos/aumente as vagas nas faculdades públicas reformule o vestibular	9
Seja na forma de orientação profissional/ ajude os estudantes a escolherem sua profissão	8
Os alunos estejam interessados e empenhados para aprender	6
Permita ingressar na universidade	4
A escola garanta o ensino básico das disciplinas	4
Os professores sejam qualificados para isso	3
Sejam oferecidos mais cursos	3
Aumente a carga horária na escola	1
Aumente as notas na escola	1
Esta formação seja oferecida durante os 3 anos do ensino médio	1
Esteja acompanhado do caminho 1 (trabalho)	1
Total	97

Quanto ao caminho 2, de formação para o ingresso no ensino superior, ganha destaque entre as condições a de que “o ensino desenvolva o pensamento, relacione teoria e prática e seja de qualidade”, ou seja, não basta que o ensino permita a aprovação no vestibular. Novamente aparece em segundo lugar (assim como ocorreu no caminho 1) a possibilidade do aluno optar por esta formação.

É muito interessante a maneira como a preparação para o ensino superior acaba sendo ampliada para além da preparação para o vestibular. Isto aparece na recomendação de que o apoio aos estudantes seja realizado através de orientação profissional, mas também na necessidade da escola valorizar, informar e incentivar os alunos, já que a distância de muitos com a universidade é tão grande que esta aproximação exige outras ações para além do ensino dos conteúdos. Os estudantes precisam ser incentivados a buscar a universidade, e conhecer os caminhos a serem trilhados para nela ingressarem.

Outro aspecto é que a formação oferecida pela escola não é suficiente para garantir o acesso ao ensino superior, pois isso depende de outros fatores externos à escola. É necessário investimento por parte do governo, a ampliação de vagas nas universidades públicas e a reformulação do vestibular, como apontaram 9 pessoas. Assim como apareceu no caminho 2, esta formação não deve prejudicar a formação para o trabalho e para a cidadania, sobretudo esta última, que seria a prioridade do ensino médio (estas condições foram as mais citadas em 2º lugar)

Em relação às condições dos participantes para o caminho 3, a mais mencionada é que a formação para a cidadania seja de fato priorizada na escola fornecendo uma visão ampla e crítica. A ênfase dos participantes em relação a isso sugere que esta ainda não seja uma realidade na maioria das escolas. Ou seja, a recomendação parece ser no sentido de colocar em prática o discurso da formação cidadã.

Quadro 8. Condições para o caminho 3: formação para a vida e a cidadania

Condições	N.
Seja este o alicerce da escola/ propicie uma formação ampla e crítica para a cidadania	28
Exista participação de toda a comunidade escolar (famílias, alunos, professores)/ todos se unam em torno de um mesmo objetivo	18
Esteja articulado aos outros dois caminhos (trabalho e vestibular)	8
Desenvolva a autonomia dos jovens	6
Os professores sejam qualificados para isso	4
Seja colocado em prática e permita realmente o acesso às tecnologias	3
A escola garanta o ensino básico das disciplinas	3
Ajude na formação para o trabalho	3
Não exista conflito com a função educativa da família	3
A escola se estruture física e pedagogicamente para isso	3
O governo assuma sua responsabilidade	2
Sejam oferecidos mais cursos	2
Os alunos sejam estimulados a prosseguir os estudos	2
A formação para a cidadania comece no ensino fundamental	2
Isso seja necessário para aprender mais e melhor	1
O acesso à universidade seja garantido para todos	1
A escola sirva para diminuir as desigualdades sociais	1
O ensino seja mais rigoroso	1
As aulas sejam dinâmicas	1
Total	92

A outra condição mais citada é de que haja participação e união de esforços por parte de todos os segmentos que constituem a escola em torno de um mesmo objetivo. A necessidade do caminho 3 articular-se aos outros 2 (trabalho e ensino superior) aparece em 3º lugar. A necessidade de qualificar professores aparece novamente, assim como nas condições dos caminhos 1 e 2. É importante também que a autonomia dos jovens seja incentivada no ensino médio, conforme indicação de 6 participantes.

A importância de garantir o acesso às tecnologias para uma formação cidadã revela que ela também depende de infra-estrutura adequada, afinal, num mundo altamente tecnológico, como formar os jovens para compreenderem as questões que os cercam sem utilizar estes recursos? A formação para a cidadania exige investimentos e a reorganização da escola, e por isso não pode se confundir com uma educação “mais barata” ou “generalista”.

Que elementos podemos extrair destas condições para o ensino médio como um todo?

Em primeiro lugar certamente aparece a necessidade de o ensino médio oferecer, além de uma base comum, caminhos diferentes de formação conforme os interesses dos alunos, e que os jovens possam escolher. A formação para o trabalho e para o vestibular deve existir e ser optativa.

A garantia do ensino básico das disciplinas escolares é mencionada em todos os caminhos como algo fundamental, mostrando que qualquer proposta de mudança para o ensino médio não deve comprometer este “mínimo”.

5. Recados aos governantes

No início do dia de diálogo, foi solicitado aos participantes que elaborassem um “recado” para as autoridades públicas responsáveis pela educação. Foi um exercício interessante em que puderam expressar e partilhar algumas opiniões e posições. O resultado foi um conjunto de demandas e reivindicações que refletem a visão inicial dos participantes a respeito da educação, e que podem ser ilustrativos das opiniões que circulam na sociedade de forma geral.

A partir da leitura dos recados, verificamos os conteúdos mais recorrentes e organizamos 10 categorias, como se pode observar na tabela abaixo:

Quadro 9. Recados para autoridades responsáveis pela educação

Temas	Falas representativas	Nº. de recados
Investimento na educação	<i>“Deve mandar mais verbas para as escolas, construir escolas técnicas e instalar laboratórios de biologia.”</i>	46
Falas genéricas de “melhoria da educação”	<i>“Pediria para eles colaborarem mais para melhorar a educação no Brasil.”</i>	42
Descrença nas autoridades/denúncia/cobrança pelo cumprimento de promessas	<i>“Menos corrupção, mais ação”</i>	28
Atenção ao Ensino Médio	<i>“O ensino médio está abandonado, a minha escola pede socorro, e que faça algo em favor do aluno.”</i>	9
Participação e democracia	<i>“(…) assisto há anos várias reformas: ciclos/progressão continuada, mudanças curriculares, reorganização das escolas etc., no entanto, que resultados colhemos até aqui? Se mudanças são necessárias estas teriam que ser discutidas com todos, não é tarefa apenas de acadêmicos encerrados em seus gabinetes. É preciso trazer esta discussão para a praça pública.”</i>	7
Segurança nas escolas	<i>“O meu recado é que se melhore a segurança nas escolas estaduais e municipais com a fiscalização das rondas escolares”</i>	7
Melhores condições de trabalho do professor	<i>“A educação já foi melhor quando os professores eram mais valorizados, trabalhavam com mais gosto. O que falta para ajudar na educação é um salário melhor aos professores.”</i>	6
Atenção aos jovens	<i>“Queria que vocês dessem mais valor aos nossos jovens do Brasil e aproveitassem o que eles tem de bom a dar ao nosso país.”</i>	5
Metodologias	<i>“Os professores precisam de bons modelos e bons exemplos de atividades pedagógicas que deram e dão certo em sala de aula. Esses modelos não seriam uma receita a ser seguida, mas um exemplo a ser adaptado para cada realidade escolar, pois muitas vezes o professor está tão sobrecarregado que não consegue pensar em algo novo pra fazer em sala de aula.”</i>	4
Elogios à educação e ao governo	<i>“Em minha opinião o ensino médio está bom, porém o problema é que os alunos estão relaxados e com falta de interesse e acabam prejudicando os que querem aprender.”</i>	4

A tabela não contabiliza todos os recados, mas apenas os aspectos mais citados.

Um aspecto a ser destacado é que o destinatário das mensagens nem sempre era o mesmo: alguns se referiam ao presidente da República, outros ao ministro da educação, à secretária de estado da educação, aos dirigentes de ensino e, com maior freqüência, ao governador do estado. E para esses atores, mais de 60% dos recados estão concentrados em três aspectos: 1) demanda por investimento na educação; 2) falas gerais que afirmam a necessidade da educação melhorar; 3) demanda pelo cumprimento das promessas e dos discursos políticos em torno da educação.

Os recados apontam, quase que invariavelmente, para uma avaliação crítica da situação das escolas, (com exceção das 4 menções que fazem uma avaliação positiva). Esta situação reflete um consenso que está na sociedade, nos meios de comunicação, nas próprias escolas e representantes do governo a respeito da baixa qualidade do sistema público de ensino. No entanto, se o diagnóstico é consensual, as soluções apontadas pelos diversos setores sociais para reverter este quadro são muito diferentes. Para os participantes, ganha relevo a necessidade de maior investimento na educação, mencionada por 46 deles. Esta compreensão das pessoas sobre a insuficiência dos recursos públicos investidos nas escolas encontra sintonia com os dados objetivos.

Quando observamos os gastos públicos do Brasil em educação secundária verificamos que eles são menores do que em outros países da América do Sul. Dados da WEI (World Educational Indicators) de 2002, apresentados em publicação da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, mostram que nas séries iniciais da educação secundária o Brasil investe um valor próximo ao do Uruguai, sendo um pouco superior ao do Paraguai, mas bastante inferior ao do México, da Argentina e do Chile. O valor investido pelo Brasil em 2002, de 913 dólares PPP¹⁰ corresponde a 10% do valor investido pelos Estados Unidos e a 14% do montante investido pelo Japão.

Como já foi mencionado nesse documento, segundo o estudo da Campanha, o custo aluno-qualidade necessário para o ensino médio no Brasil seria de R\$ 1.746,00 por aluno/ano, quase o dobro do gasto registrado pelo Inep em 2004 que foi de R\$ 939,00 para este nível de ensino. (CARREIRA, 2007)

O segundo conjunto de “recados” remete à afirmações genéricas sobre a necessidade de melhorar a educação, sem que seja indicado o que deveria ser mudado. Este conjunto de falas podem indicar que as mudanças a serem feitas são tão estruturais que torna-se difícil eleger um só aspecto, ou ainda que parte das pessoas ainda não têm opiniões formadas a respeito de quais medidas devem ser tomadas.

Emerge também nas falas um tom de insatisfação, denúncia e descrença em relação às autoridades governamentais, que mencionam aspectos como as promessas não cumpridas, a corrupção, a falta de compromisso político, o distanciamento e desconhecimento das autoridades em relação à realidade da escola, o pouco empenho das autoridades que matriculam seus filhos em escolas privadas e o pouco acúmulo das autoridades nas lutas políticas por educação. Um dos recados sugere que as autoridades *“Desçam na posição de aluno, entrando em uma escola pública, sem se identificarem e ao permanecerem por um tempo, retornem ao seus postos e falem novamente sobre educação.”*

Outras preocupações específicas são com o chamado “abandono do ensino médio”, a falta de segurança nas escolas, a necessidade de melhorar salário e condições de trabalho dos professores, uma maior atenção à população juvenil por parte do governo e a alteração das metodologias utilizadas para ensinar os jovens.

¹⁰PPP significa Paridade de Poder Aquisitivo, uma medida internacional que considera as diferenças no custo de vida para permitir a comparação entre os países. (CARREIRA, 2007)

6. Diretrizes para o Ensino Médio

Conforme os objetivos do projeto, a realização dos grupos de diálogo deveria gerar a formulação de diretrizes para as políticas públicas no ensino médio. Para isso, a Ação Educativa organizou um grupo técnico responsável por analisar os resultados dos diálogos e da pesquisa quantitativa e contribuir na formulação das propostas.

O grupo técnico foi composto por quatro pesquisadores da área de educação¹¹, seis assessores da Ação Educativa, uma jornalista, dois representantes da equipe técnica da CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas), órgão vinculado à Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, onze jovens agentes educativos, onze professores, dois diretores de escola e um coordenador pedagógico, somando 38 pessoas. As propostas apresentadas abaixo foram fruto deste esforço, bem como de atividades anteriores envolvendo os jovens agentes e os professores.

PROPOSTAS PARA AMPLIAÇÃO E MELHORIA DO ENSINO MÉDIO NO ESTADO DE SÃO PAULO

CURRÍCULO

Definição clara dos objetivos do ensino médio:

- Formação para a vida e para a cidadania, vista como exercício presente e projeção futura como cidadão ativo sujeito de direitos e deveres. Deve fomentar nos alunos a capacidade de analisar e refletir, e o desenvolvimento de habilidades e oportunidades para interferir no processo social e político. A gestão democrática e participativa da escola deve ser um lócus privilegiado para esta formação. Deve abranger de forma específica o direito ao trabalho e ao ensino superior, como direitos centrais nesse momento de vida, e deve focalizar sobretudo a elaboração de escolhas nesses âmbitos por parte dos jovens.

- Orientação profissional voltada ao delineamento de escolhas profissionais e projetos de inserção no trabalho e de formação pós-ensino médio (nível técnico ou nível superior)

- Formação capaz de produzir um engajamento ativo dos jovens em seu processo educativo, que lhes permita construir a condição de estudante e desenvolver as habilidades básicas para o estudo

Orientação Profissional no currículo do ensino médio

Reflexão sobre o mundo do trabalho atual, informações sobre o mercado de trabalho, contato com as diferentes profissões, disponibilização de informações e oportunidades de estágio, bem como encaminhamento, contato com as diferentes oportunidades de formação profissional sejam de nível técnico ou superior, orientação vocacional. Foco no desafio de inserção profissional dos jovens e na continuidade dos estudos (ensino superior ou outros). Esta formação deve culminar no delineamento de projetos e escolhas profissionais pelos jovens.

¹¹Elie Ghanem. Professor da Faculdade de Educação da USP.

Helena Chamlian. Professora da Faculdade de Educação da USP.

Marília Sposito. Professora da Faculdade de Educação da USP.

Maria Sílvia Bueno Simões. Professora da Faculdade de Educação da UNESP de Marília.

- Deve fazer parte do currículo a apresentação e discussão dos objetivos do ensino médio com os estudantes, bem como a explicitação das intencionalidades educativas presentes em cada disciplina, e nas atividades por elas propostas.

- Utilização de metodologias ativas e participativas: aulas práticas, vivências, saídas a campo, pesquisas, uso de novas tecnologias e linguagens artísticas

- Laboratórios pra experimentações práticas (física, química, biologia e informática)

- Mudança na distribuição do tempo escolar visando a superação do modelo atual de hora/aula, inadequado para a utilização de metodologias mais ativas como a realização de pesquisas, aulas dialogadas e vivências.

ARTICULAÇÃO COM UNIVERSIDADES

- Maior articulação entre as universidades públicas e as escolas de ensino médio, visando ampliar a inclusão dos alunos

- Discussão do currículo das licenciaturas, nas habilitações para o ensino médio. Discussão sobre as especificidades do ensino médio, objetivos, metodologias, e a realidade dos jovens e do cotidiano escolar.

GESTÃO PEDAGÓGICA

- Fortalecimento do papel da coordenação pedagógica: definição de perfis para o cargo, critérios de escolha, objetivos, procedimentos. A coordenação pedagógica deve ter papel ativo na formação continuada dos professores, na elaboração e acompanhamento dos planos pedagógicos, das aulas, do desempenho dos estudantes; deve se desvincular das rotinas administrativas da escola.

PESQUISA

- Recomenda-se a realização de estudo/investigação sobre o modo como as escolas de ensino médio estão “formando para a cidadania” que gere um diagnóstico e avaliação da situação atual e subsidie a elaboração de orientações sobre o que se espera da educação para a cidadania.

EXPANSÃO

- Expansão do ensino médio deve criar modelo diferente da expansão no ensino fundamental. O ensino médio é uma escolha dos jovens e de suas famílias, não há obrigatoriedade, o que recomenda um processo de mobilização de toda a sociedade em torno da relevância social e importância do ensino médio como direito de todos e requisito básico para ampliação da cidadania no país.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M.(orgs.). Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Ensino Médio: múltiplas vozes. Brasília: UNESCO/MEC, 2003.

BOMBACH, Luciane. Tu, jovem nefasto: lendas e fábulas sobre a situação sócio ocupacional juvenil na região metropolitana de São Paulo. Dissertação, Unicamp, 2004.

DIEESE.

CARREIRA, Denise; PINTO, José Marcelino Resende. Custo aluno-qualidade inicial: rumo à educação pública de qualidade no Brasil. São Paulo: Global/Campanha Nacional pelo Direito à Educação, 2007.

IBASE/Polis. Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia. Relatório Nacional. 2006

_____. Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia. Relatório quantitativo da região metropolitana de São Paulo. São Paulo, 2005, mimeo.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS E ESTUDOS EDUCACIONAIS. Censo escolar 1999. Brasília: 2000. Disponível em <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp>. Acesso em 10/12/2007.

_____. Censo Escolar 2006. Brasília: 2007. Disponível em http://www.inep.gov.br/download/censo/2006/resultados_censo_escolar2006.zip. Acesso em 17/01/2008.

ANEXO 1

OPINIÃO INICIAL

Pensando em construir uma escola de ensino médio mais sintonizada com os interesses e necessidades das pessoas, que nota você dá a cada um dos caminhos abaixo?

Em cada um dos caminhos você vai assinalar um número que indica o quanto você concorda com ele. O número 1 indica que você é totalmente contrário ao caminho; o número 5 indica que você é totalmente favorável ao caminho.

Caso você não seja totalmente a favor ou contra assinale um dos números intermediários conforme a sua identificação em relação ao caminho, lembrando que o número 2 está mais próximo de uma opinião desfavorável ao caminho, o número 4 está mais próximo de uma posição favorável e o número 3 numa posição média.

Não há resposta certa ou errada, o que importa é a sua opinião sincera!

Caminho 1: O ENSINO MÉDIO DEVE FORMAR PARA O TRABALHO

O ensino médio deve promover a reflexão sobre o mundo do trabalho atual e capacitar os (as) jovens para o exercício profissional.

1	2	3	4	5
sou				sou
totalmente				totalmente
contra				a favor

Caminho 2: O ENSINO MÉDIO DEVE FORMAR OS JOVENS PARA INGRESSAREM NO ENSINO SUPERIOR

O ensino médio deve preparar os (as) jovens para o ingresso no ensino superior, estimulando-os (as) a prestarem o vestibular e a continuarem os estudos.

1	2	3	4	5
sou				sou
totalmente				totalmente
contra				a favor

Caminho 3: O ENSINO MÉDIO DEVE FORMAR OS JOVENS PARA A VIDA E PARA A CIDADANIA

O ensino médio deve oferecer uma formação geral para a vida e para a cidadania, estimulando a participação social, o acesso às tecnologias e o uso de diferentes linguagens culturais e artísticas.

1	2	3	4	5
sou				sou
totalmente				totalmente
contra				a favor

OPINIÃO FINAL

Pensando em construir uma escola de ensino médio mais sintonizada com os interesses e necessidades das pessoas, que nota você dá a cada um dos caminhos abaixo?

Agora que você já dialogou com outras pessoas a respeito dos melhores caminhos para o ensino médio, qual a sua opinião?

Lembre-se que o número 1 indica que você é totalmente contrário ao caminho; o número 5 indica que você é totalmente favorável ao caminho. Caso você não seja totalmente a favor ou contra assinale um dos números intermediários conforme a sua identificação em relação ao caminho.

Não há resposta certa ou errada, o que importa é a sua opinião sincera!

Caso sua concordância com o caminho estiver ligada a alguma condição, por exemplo, só concordo com o caminho 1 se a escola fizer tais coisas, indique na linha qual é esta condição.

Caminho 1: O ENSINO MÉDIO DEVE FORMAR PARA O TRABALHO

O ensino médio deve promover a reflexão sobre o mundo do trabalho atual e capacitar os (as) jovens para o exercício profissional.

1	2	3	4	5
sou				sou
totalmente				totalmente
contra				a favor

Com a condição de que _____

Caminho 2: O ENSINO MÉDIO DEVE FORMAR OS JOVENS PARA INGRESSAREM NO ENSINO SUPERIOR

O ensino médio deve preparar os (as) jovens para o ingresso no ensino superior, estimulando-os (as) a prestarem o vestibular e a continuarem os estudos.

1	2	3	4	5
sou				sou
totalmente				totalmente
contra				a favor

Com a condição de que _____

Caminho 3: O ENSINO MÉDIO DEVE FORMAR OS JOVENS PARA A VIDA E PARA A CIDADANIA

O ensino médio deve oferecer uma formação geral para a vida e para a cidadania, estimulando a participação social, o acesso às tecnologias e o uso de diferentes linguagens culturais e artísticas.

1	2	3	4	5
sou				sou
totalmente				totalmente
contra				a favor

Com a condição de que _____

PERFIL

P1) Sexo: (1) masculino (2) feminino

P2) Idade: _____

P3) Cor ou raça:

- (1) Negra ou preta
- (2) Branca
- (3) Amarela
- (4) Parda
- (5) Indígena

P4) Escolaridade (marque apenas 1 opção):

- (1) Não estudou
- (2) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental
- (3) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental
- (4) Ensino Médio incompleto
- (5) Ensino médio completo
- (6) Ensino superior incompleto
- (7) Ensino superior completo
- (8) Pós-graduação


P5) Você é:

- (1) estudante de ensino médio
- (2) familiar de estudante
- (3) professor (a) da escola
- (4) diretor (a) da escola
- (5) funcionário (a) da escola
- (6) coordenador (a) pedagógico da escola
- (7) vice-diretor (a) da escola
- (8) profissional da diretoria de ensino

P6) Somente para os estudantes de ensino médio. Em que série e período você estuda?

- (1) 1ª série ensino médio diurno (manhã ou tarde)
- (2) 1ª série ensino médio noturno
- (3) 2ª série ensino médio diurno (manhã ou tarde)
- (4) 2ª série ensino médio noturno
- (5) 3ª série ensino médio diurno (manhã ou tarde)
- (6) 3ª série ensino médio noturno



 ação
educativa

www.acaoeducativa.org.br